



50 anos da TV Ceará
Edição comemorativa

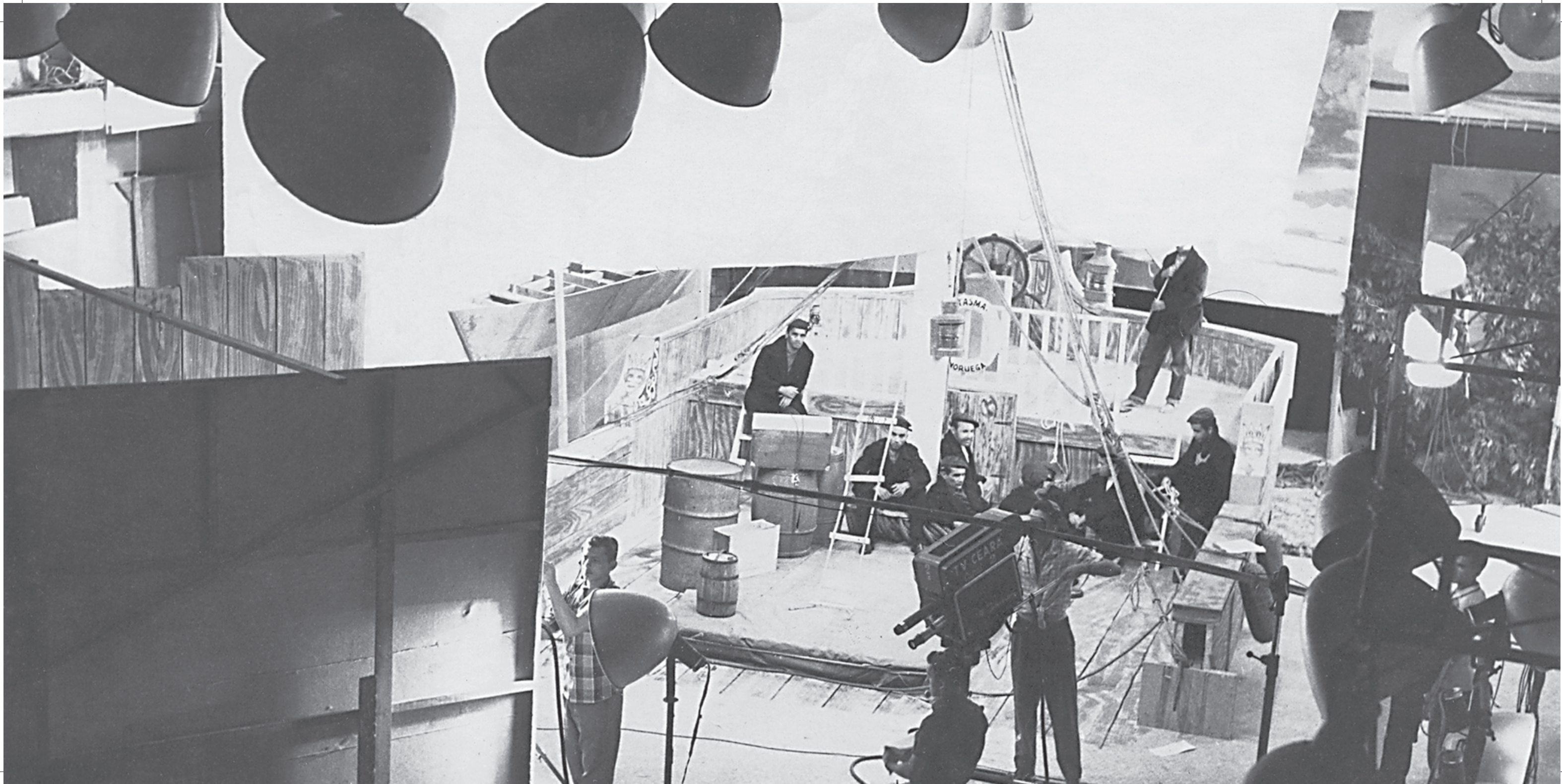
Gilmar de Carvalho

A Televisão no Ceará

(1959 / 1966)

A inauguração da TV Ceará, a 26 de novembro de 1960, foi um marco nas comunicações no Ceará. A nova mídia trazia uma aura de ficção científica e nos empurrava para a modernidade. As imagens em movimento chegavam às nossas casas com uma aparente gratuidade. Quem não tinha dinheiro para comprar um televisor ia para a casa do vizinho. O rádio definhava, mas ganhou vigor, nos anos 1980, com a segmentação. O Cine São Luís, inaugurado em 1958, "estalava de novo". O impacto maior veio com a profissionalização da publicidade, aposentando corretores de anúncios, trazendo agências e novos padrões de consumo. Ganhávamos uma emissora, com programação local: novelas, teleteatro, humor, mistério, musicais, comerciais, tudo ao vivo. Foi um aprendizado difícil e prazeroso. Em 1966, chegou o videoteipe, e a produção televisiva foi centralizada no Sudeste. A TV Ceará fez história. É o que conta este livro.





A Televisão no Ceará

(1959 / 1966)

Indústria cultural, consumo e lazer



Gilmar de Carvalho

A Televisão no Ceará

(1959 / 1966)

Fortaleza-2010

Copyright 2010 © Gilmar de Carvalho

Recolha dos depoimentos e das entrevistas:

Ana Carolina Rodrigues da Silva

Antonio Carlos Sousa Brito

Élvio Franklin

(alunos do Curso de História da UFC)

Revisão do texto integral e edição dos depoimentos:

Lucíola Limaverde

Projeto gráfico:

Antonio Wellington de Oliveira Junior

Edmilson Forte Miranda Júnior

Fotos dos álbuns de João Ramos e Ary Sherlock e do acervo de Leocácio Ferreira, com direitos de reprodução adquiridos pela SECOM, em 1985.

A primeira edição deste livro é de 1985 (Fortaleza, SECOM).

A segunda edição (Fortaleza, OMNI) é de 2004.

Agradecimento a Deugiolino Lucas, que facilitou contatos, forneceu endereços e telefones e torceu por esta terceira edição.

Catálogo na Fonte

Bibliotecária Perpétua Socorro T. Guimarães

CRB 3/ 801

C 331 t Carvalho, Gilmar de
 A Televisão no Ceará (1959/ 1966).
 3.ed./Gilmar de Carvalho. Revisão de texto
 por Lucíola Limaverde.- Fortaleza: Expressão
 Gráfica e Editora, 2010.
 184p. : il.
 1. Televisão- Brasil- Ceará 2. Televisão-
 História I. Limaverde, Lucíola II.Título

CDD: 791.450981

ISBN: 978-85-7563-644-2

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Prefácio | 7 |
| Primeiro o Sudeste, depois o Brasil | 9 |
| Do lançamento das ações à pedra fundamental | 10 |
| Algo de novo nos coqueirais da Estância Castelo | 13 |
| A expectativa da festa no clima dos anos 1960 | 17 |
| Contagem regressiva para o grande momento | 20 |
| Uma estética televisiva | 24 |
| A véspera da festa | 29 |
| A casa revisitada | 32 |
| O grande dia | 35 |
| Questões de ordem técnica | 39 |
| A idade da inocência | 44 |
| A televisão e os jornais | 46 |
| O outro lado do espelho | 49 |
| As publicações especializadas | 51 |
| A televisão e o teatro | 55 |
| Nossos comerciais ao vivo | 60 |
| A nova imagem do negócio publicitário | 64 |
| Na pauta dos telejornais | 68 |
| O esporte como espetáculo | 78 |
| Sete dias em destaque | 81 |
| As atrações musicais | 83 |
| O bom humor da TV Ceará | 89 |
| Histórias que só a TV ousava apresentar | 96 |
| Na ponta dos pés | 109 |
| Os caminhos da telenovela | 111 |
| O mistério na TV | 119 |
| O musical cearense | 123 |
| A juventude na TV | 127 |
| O prazer de fazer TV | 131 |
| Um ponto final | 136 |
| Depoimentos | 139 |
| Bibliografia | 181 |
| Legendas | 183 |



PREFÁCIO

Ao idealizarmos esta publicação, tivemos por objetivo uma coisa simples e por si própria elucidativa: propiciar os elementos iniciais à futura história da televisão no Ceará.

Em 1960, quando se inaugurou a TV Ceará, estávamos chegando aos Diários Associados pelas mãos de Hermenegildo de Sá Cavalcante, com quem havíamos trabalhado no *O Estado*. Lembro-me do fascínio e da perplexidade em que todos estávamos envolvidos, naquele momento: íamos começar a fazer uma coisa que, na verdade, não conhecíamos, senão por meio de referências imprecisas. Poucos eram os que haviam visitado um estúdio de TV, e muitos nem sequer tinham estado diante de um televisor.

Assim, ao contribuir para a formação da história, agrada-nos, igualmente, participar dela e reviver as emoções de uma experiência que coincide com os primeiros anos de nossa atividade profissional.

Os que viveram nesse tempo são personagens e testemunhas do enorme esforço praticado. E sabem que, não poucas vezes, a criatividade supriu a deficiência material. Por isso mesmo, devem se sentir satisfeitos por terem dado o melhor de si para o que se conseguiu fazer. Parece-nos indispensável que tudo isso seja devidamente contado, para que não corra o risco de se perder no esquecimento.

Esta publicação da Secretaria de Comunicação Social (SECOM) pretende resgatar essa fase primeira da história da televisão cearense, feita de determinação, espírito de luta e sentido de equipe. Uma história sem vilão nem heróis, em que o foco de luz se ajusta sobre todos os que participaram, recuperando parte de nossa memória.

Ao final de três semanas de pesquisa e redação, restou este texto que integra o Governo Gonzaga Mota às comemorações dos 25 anos da televisão no Ceará. Uma festa de que não poderia se omitir um Governo em permanente sintonia com a criatividade e inventiva populares.

J. Ciro Saraiva

Secretário de Comunicação Social

Prefácio à primeira edição, dezembro de 1985



PRIMEIRO O SUDESTE, DEPOIS O BRASIL

Falar em televisão no Brasil é evocar o *velho capitão* Assis Chateaubriand (1892 / 1968), paraibano que desceu para o Sul, em 1918, e conseguiu montar um oligopólio de comunicação, a partir da aquisição de *O Jornal*.

Daí para a frente, a história se confunde com a própria história do Brasil. São favorecimentos, tráfico de influências e uma rede que se constituiu e cobriu todo o País.

No início dos anos 1940, os tentáculos associados chegam ao Ceará com a incorporação da *Ceará Rádio Clube* (fundada em 1934), pioneira na radiodifusão em nosso Estado, e dos jornais *Unitário* (1901) e *Correio do Ceará* (1915).

O império associado se estabeleceu horizontalmente, englobando jornais, rádios e fazendo da revista semanal *O Cruzeiro* (1928 / 1973) o primeiro grande veículo de circulação e impacto realmente nacionais.

A Segunda Grande Guerra contribuiu para dar um decisivo impulso às pesquisas que resultaram na televisão. No caso brasileiro, um certo *superávit* de balança comercial, aliado a um maior poder de fogo do capital internacional, apressou a chegada da tevê, em setembro de 1950, pelas mãos pioneiras de Chateaubriand. Era a *TV Tupi Difusora*, canal 3, de São Paulo.

A chamada Indústria Cultural passou a ser considerada como investimento, e o mercado latino-americano, alvo, desde o início dos anos 1940, de ofensivas intervencionistas, sob a chancela de boa vizinhança e cooperação, prestava-se como o campo mais propício a esse esquema de dominação.

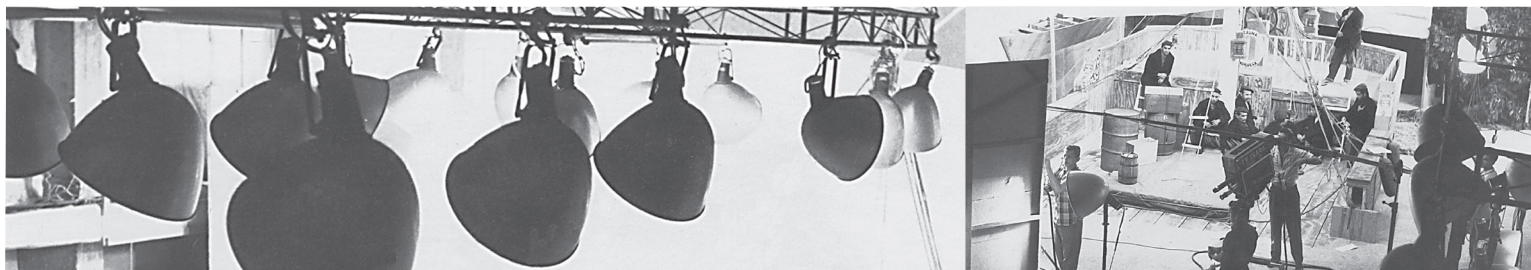
Além do equipamento, era uma modalidade de vender programas enlatados. A prática está aí para mostrar o acerto dessa política.

Num primeiro estágio, a televisão confinou-se ao Sudeste. Rio, São Paulo e Minas Gerais constituíam realmente o pedaço mais atraente e significativo do mercado nacional. Mas o projeto político associado exigia uma expansão em nível

nacional, o que teria acontecido, a partir de 1959, com a inauguração da *TV Piratini*, de Porto Alegre, e deslançando em 1960, com a entrada em funcionamento das estações de Recife (*TV Rádio Clube*), Salvador (*TV Itapoan*) e de Fortaleza (*TV Ceará*). A televisão chegava ao Nordeste. Nesse mesmo ano, Brasília e Curitiba ganharam sinais de tevê, que demorariam ainda um ano para chegar a Belém.

O tempo já nos permite ver, por detrás da solidez de um império, um conglomerado com problemas administrativos seriíssimos, centralizado na personalidade forte de Chateaubriand e já antecipando, a partir da enfermidade do empresário, em 1960, as questões sucessórias que adviriam num futuro próximo.

É dentro desse contexto, ao embalo de governos populistas e num quadro em que se acentuava a dependência externa, que o Brasil se vê na tevê com a pluralidade de sotaques e enfoques de uma produção local. Era apenas o começo.



DO LANÇAMENTO DAS AÇÕES À PEDRA FUNDAMENTAL

Maio de 1959. Fortaleza, aturdida, crescia e ganhava novas formas. Mas a seca de 1958 levou a maior parte do contingente de migrantes para a construção de Brasília. As pessoas ainda se sentavam às calçadas, mas já com medo dos *rabos-de-burro*, que de lambreta aprontavam muitas, na inocência perdida de uma

juventude perplexa, transviada. Ivan Paiva, nosso James Dean de Parangaba, era o vilão.

Os concursos de *miss* estavam no auge. A mais bela cearense desse ano foi Rufina Braga da Justa, que tudo fez para bem representar *a beleza da mulher cearense*, mas não conseguiu ficar entre as finalistas. Nunca mais repetiríamos Emília Correia Lima (*Miss Brasil* em 1955).

Os carros DKW-Vemag tomavam conta da cidade. Enquanto isso, cogitava-se a implantação de taxímetros. Os jornais publicavam a perspectiva do Supermercado Fortaleza e, em setembro, o Supermercado Sino seria construído. O autosserviço chegava.

A Universidade do Ceará levantava sua concha acústica. Quem visitava a cidade era o cineasta francês Marcel Camus. Fortaleza se comoveu com a explosão e o incêndio da Casa de Saúde César Cals. O quente era ouvir a *Rádio Dragão do Mar*, vibrante, apaixonada, nacionalista. Caryl Chessman (escritor norte-americano condenado à pena de morte) deveria ou não morrer? Maria Ester Bueno venceu o torneio de tênis de Wimbledon. O intimismo da bossa-nova era o *background* de um período de euforia desenvolvimentista. Vivíamos os anos JK.

Doze de maio de 1959. Os jornais associados publicavam um anúncio de página com o título: *10 razões que garantem a instalação da TV Ceará*. Um lançamento em grande estilo. Dentre os motivos alinhados, a prioridade cambial para aquisição do equipamento no exterior, a encomenda à RCA, a compra do terreno, o desenvolvimento do projeto pelo Escritório Técnico de Arquitetura e a juntada de todos os documentos exigidos pela legislação em vigor. Mas não ficava nisso. Dentre as outras razões apontadas, a marcação da data de lançamento da pedra fundamental: 23 de maio. A essa promessa concreta se somava a comunicação da venda de ações ao público. As outras razões exaltavam o papel dos Diários Associados, apelavam para uma colaboração do povo cearense (*inteligente,*

realizador, que mais uma vez ajudará o progresso artístico e cultural do Estado) e associava a futura tevê à *Ceará Rádio Clube*, de cujos bons serviços seria um prolongamento. A televisão no Ceará começava auspiciosamente.

As ações custavam Cr\$ 1.000,00 cada e renderiam juros de 8% ao ano. O plano de pagamento facilitava em dez prestações mensais de Cr\$ 100,00. Um sucesso. O clima era propício. Contava ponto a tradição da velha PRE-9 (*Ceará Rádio Clube*); a promessa era para funcionamento no ano seguinte.

Nem precisava, mas outros apelos vieram se somar a esses. A ofensiva foi bem programada. Notícias nos jornais citavam Fortaleza como uma cidade ideal para televisão, por conta de ser plana. Prometia-se uma imagem de excelente qualidade e se falava na torre a ser implantada no local de maior altitude em toda a cidade.

Numa atitude que diz do cuidado que revestia o empreendimento, o arquiteto Enéas Botelho assinava o projeto. O edifício abrangeria estúdios, escritórios, restaurante, jardins, piscina, *playground*. Chegava-se ao exagero de falar na possibilidade de exibição de um batalhão com unidades motorizadas ou de um circo completo.

Fortaleza, ainda mais provinciana, ligava-se nas vitrinas. A da *Casa Parente* foi palco de uma exposição sobre o que seria a TV Ceará. A foto publicada no *Unitário* mostrava um grupo de pessoas observando a interessante exposição.

As repercussões se fizeram sentir. A Câmara de Vereadores aprovava voto de congratulação aos Diários Associados, proposto por Mozart Gomes de Lima.

O noticiário dos jornais levava à criação de um clima que estimulava a venda de ações. Quase dois milhões de ações foram subscritos nos dois primeiros dias. O governador Parsifal Barroso encabeçava a lista, que iria até o mais humilde funcionário de repartição pública, passando pelo comerciante e pelo comerciante.

A lista era publicada na íntegra. A meta a ser atingida era 17 milhões.

A aproximação da data da festa criava um clímax. Quatro milhões em menos de uma semana. Maranguape, através da Câmara Municipal, emitiu voto de louvor e, logo em seguida, subscreveu ações. Caucaia seria visitada em seguida. Falava-se em entusiasmo popular. Um quadro de honra com o nome de todos os subscritores seria exibido no dia 23. João Calmon, vice-presidente dos Diários Associados, estaria presente. As obras teriam início no dia 25, mas o terreno já estava sendo preparado.

Outro anúncio já apelava para uma maior participação. *Não precisa você ser importante! O importante é você se tornar subscritor da TV Ceará, canal 2!*

Mais de cinco mil contos subscritos no dia 20, quase seis mil no dia 21. Fulminante o êxito, segundo a linguagem jornalística da época. O sonho de ser coproprietário da tevê e acionista da *Ceará Rádio Clube*.

Até que chegou o grande dia, um sábado, 23 de maio de 1959.



ALGO DE NOVO NOS COQUEIRAIS DA ESTÂNCIA CASTELO

Uma grande festa. O registro iconográfico é rico e diz da importância do evento. Renato Braga representou o governador. Era, na época, Secretário da Fazenda. O prefeito Cordeiro Neto se fez representar por Silveira Marinho. O secretário

de Governo, Tancredo Halley de Alcântara, chancelava, com sua presença, a convivência entre comunicação e poder.

Dona Teresinha Calmon, esposa de João Calmon, colocou pá de cimento sobre a obra. Dona Heldine Cortez Campos, esposa de Eduardo Campos, também fixou o marco da fundação. Perboyre e Silva, presidente da Associação Cearense de Imprensa (ACI), prestigiou a solenidade.

Na hora dos discursos, muitas promessas. João Calmon assegurou que no ano seguinte a tevê estaria no ar. Eduardo Campos não perdeu a oportunidade para dizer do arrojo do empreendimento, da utilização ao máximo da prata da casa, das condições para futuras transmissões em cores. Sete milhões de cruzeiros em ações tinham sido subscritos. O arcebispo Dom Lustosa aspergiu água benta e invocou a presença de Deus.

Um homem com uma câmera fez interessante demonstração com um aparelho portátil de tevê, fixando no vídeo os momentos culminantes do ato, segundo o *Unitário*.

Tirando partido da ocasião, *J. Montenegro S. A.* lançou, ainda no dia 23, um *sensacional* Grande Plano TV-Jagos. Uma espécie de consórcio. Por Cr\$ 1.000,00 mensais, a garantia de um aparelho instalado quando a TV estivesse funcionando.

A cidade crescia, a Estância Castelo era um coqueiral a se perder de vista. Propriedade de Dionísio Torres que, depois de morto, iria dar seu nome ao bairro. A implantação da tevê nesse local levaria a uma inevitável valorização da área, porque forçaria uma expansão da cidade e uma conseqüente extensão dos equipamentos urbanos.

Por isso, ainda no calor da festa, Dionísio Torres doou à Prefeitura o terreno em frente aos futuros estúdios da TV Ceará para a construção de uma praça. Foi lançado concurso para escolha do nome da nova praça, que teria projeto, sem ônus para os cofres públicos, assinado por Enéas Botelho.

O homenageado não poderia ser pessoa viva e o prêmio ao vencedor seria cinco ações da TV Ceará. Mais de três mil pessoas votaram. Faziam parte de uma comissão para verificação e proclamação do resultado: Silveira Marinho, pela Prefeitura Municipal de Fortaleza; Eduardo Campos, pelos Diários Associados; e Raimundo Pinto, pela Câmara Municipal. *Unitário* publicava diariamente cupons. O nome escolhido foi o de João Dummar, pioneiro da radiodifusão do Ceará, tendo sido fundador da *Ceará Rádio Clube*. O vereador Aluísio Correia apresentou projeto ratificando oficialmente a escolha popular.

Os subscritores começaram a receber as ações. Mas ainda faltava muito para ser feito. Novos anúncios estimulavam a aquisição de títulos. *Mil cruzeiros não valem pouco! Para a TV Ceará, na verdade, valem muito!* Segundo os mesmos anúncios, seriam necessários 17,5 milhões para integralização do capital.

Enquanto isso, na Estância, acelerava-se a construção de estúdios e escritórios, os alicerces estavam concluídos, o anel de cimento preparado; o passo seguinte seria o levantamento das colunas e das primeiras paredes. A 3 de julho, a foto do *Unitário* já mostrava as paredes que subiam. *É cousa para breve.*

Outra notícia de impacto: aproveitamento dos grandes valores do rádio cearense. Os contratados fariam estúdios em outros centros mais desenvolvidos. Os artistas do Ceará teriam sua grande oportunidade de brilhar. Guilherme Neto estava preocupado *com a formação, o quanto antes, de uma equipe homogênea e que possa preparar-se com antecedência para enfrentar as câmeras da TV*. Ele era, à época, diretor-artístico da PRE-9. João Ramos acrescentava um ingrediente novo à discussão, ao falar da abertura de oportunidades para elementos de outras empresas.

A placa afixada no local da obra apregoava: *neste local estamos erigindo a futura sede da TV Ceará, canal 2, numa arrojada iniciativa dos Diários Associados em colaboração com o povo do Ceará.*

Reportagem de página, publicada a 9 de agosto, falava em realidade palpável de que as seis fotos seriam uma prova incontestável. As notícias se sucediam telegráficas. Providências tomadas por João Calmon. Eduardo Campos ia aos Estados Unidos da América, a convite da Varig. A torre seria instalada dentro de 60 dias. Placa de concreto sendo assentada, breve *a festa da cumeeira*.

A viagem de Eduardo Campos se deu a 3 de setembro. Na véspera, ganhou jantar na Boite Alabama, outro ponto de referência na vida noturna da Fortaleza de então. Iria tratar do embarque da aparelhagem preferencial, a fim de apressar a inauguração da nova emissora. Na volta, seria publicado que ele aproveitou a viagem para visitar instalações de jornais e televisões, além de observar a vida e os costumes do povo *yankee*. Voltou no final do mês.

Uma promoção do *Magazine Sucesso*, *a loja mais simpática da cidade* (origem do *Romcy*, rede extinta de lojas de departamento e supermercados), daria um televisor GE, no valor de 80 mil cruzeiros, a quem fizesse compra e depositasse nas urnas um talão comprovante.

A festa da cumeeira coincidiria com o 25º aniversário da *Ceará Rádio Clube*, no dia 12 de outubro, com as presenças de Calmon, Orlando Mota, Paulo Cabral. Outra vitrine, dessa vez de *Carneiro e Gentil*, comemoraria os 25 anos da PRE-9 e o advento da tevê no Ceará.

Apanorâmica do fotógrafo Leocácio Ferreira registrou a cena para a posteridade. Falaram Eduardo Campos, João Calmon, Paulo Cabral, o governador Parsifal Barroso e o empresário Diogo Vital de Siqueira, que morreria no dia seguinte e teria seu nome apostado ao edifício da estação de tevê.



A EXPECTATIVA DA FESTA NO CLIMA DOS ANOS 1960

O espetáculo não podia parar. Nem parou. Em novembro de 1959, João Calmon previa a inauguração para julho do ano seguinte.

O Grande Plano TV-Jagos sorteava o primeiro felizardo. O *Magazine Sucesso* também entregava à senhora Vanda Medeiros um televisor GE. Ainda teriam de esperar um pouco.

A *Ceará Rádio Clube* divulgava, com alarde, pesquisa do Ibope que lhe dava uma expressiva liderança de 34% contra 17% da segunda colocada.

Inaugurada em dezembro a primeira loja do Ceará equipada com ar-condicionado, *A Televisão*, Rio Branco, 980. *Basta empurrar a porta*, dizia o anúncio. Desconfiado, o cearense não empurrou, e a loja teve vida curta. Mas exibia televisores ligados, azulando os dias fortalezenses. A curiosidade era grande.

Os jornais anunciavam a ligação Rio/ São Paulo/ Minas através de micro-ondas. O anúncio insistia: *por que você ficaria de fora? Já é tempo de se inscrever como acionista da nossa TV Ceará*. E fixava um prazo para conclusão das inscrições: 18 de dezembro de 1959. Prorrogado, como era de se esperar.

Mas vinham notícias alvissareiras, como da transferência de dólares, essencial para apressar a remessa do material procedente dos Estados Unidos. O caminhão que traria 12 toneladas de material estava sendo esperado em Fortaleza. Essa carga dizia respeito à torre, de procedência inglesa, a qual já se achava no Brasil, conforme noticiário da época da festa da cumeeira – na verdade, desmontada depois de servir, por algum tempo, à *Rádio Itacolomy*, de Belo Horizonte.

Mudamos a folhinha, viramos a década. O mundo não acabou, mas ficou de cabeça para baixo. Muita coisa aconteceu. A TV Ceará vivia a contagem regressiva para o instante de entrar no ar.

O Nordeste era mais viável depois da Superintendência do Desenvolvimento Econômico do Nordeste (Sudene), criada em 1959. As constantes interrupções do fornecimento de energia só cessariam com a inauguração da linha de transmissão de Paulo Afonso (1965). Uma boa notícia foi a da inauguração do terminal oceânico da Gás Butano. A implantação dos taxímetros trouxe algumas reclamações. A *Miss Ceará* 1960 foi Wanda Lúcia, representante do Crato. Fortaleza contava, à época, com 514.828 habitantes, segundo o censo. A contratação de José Maria B. de Paiva pela Universidade Federal do Ceará veio animar o panorama teatral do Ceará. A partir de julho, os jornalistas tinham uma nova rainha, Regina Meyer – Marshall depois de casada, *uma das afirmações da beleza da nova geração em Fortaleza*. Ayla Maria gravou *Babalu*, seu grande sucesso. A situação de Assis Chateaubriand, vítima de um acidente vascular cerebral que o deixou tetraplégico, preocupava, mas a TV Ceará era irreversível.

Novo sorteio de televisores: o da *Silcar*, entre os compradores de novembro e dezembro. A mesma coisa fez a loja *Carneiro e Gentil*.

Os Associados voltavam a se comunicar, através de anúncio, com os subscritores de ações da tevê. Solicitavam certidões de nascimento ou de casamento. O pedido tinha fundamento legal, fazia prova de cidadania, visto que somente os brasileiros natos poderiam ser acionistas de emissoras de rádio e televisão.

Transportada de New York pelo Lóide Venezuela, chegava ao porto do Recife a primeira remessa do equipamento para a TV Ceará. Dentre o material, o caminhão de externas. A cobertura estava concluída, a torre ainda a caminho, restavam poucas ações. Arriscavam uma data provável: maio.

A direção comercial associada soube tirar partido da intenção da *Lintas*, a *house agency* da Gessy-Lever, de reservar o patrocínio na nova emissora da *Próxima Atração*, modo de anunciar o programa seguinte. *Antes de inaugurada, já tem compromisso para a venda de seus programas*, dizia texto editorial de

Unitário. Um reforço para convencer o anunciante local, que seria, pelo menos num primeiro instante, o sustentáculo comercial do canal 2. O *fac-símile* da carta foi publicado com merecido destaque.

A torre finalmente chegou, em meados de janeiro de 1960. Os jornais publicaram sequência de quatro fotos. Autossuportável, de fabricação Marconi, pesava 30 toneladas, media 108 metros e teria a montagem imediatamente iniciada. O alcance da imagem seria de 100 quilômetros.

De acordo com o novo prazo, dentro de 60 dias os equipamentos estariam montados. A informação se baseava no embarque no porto de Recife, pelo Rio Doce, da unidade móvel e da torre americana, de 18 metros, a ser colocada sobre a que já se achava em Fortaleza. A TV Ceará iria ao ar no segundo semestre.

É programada uma visita de comerciantes à tevê, um trabalho incansável do diretor comercial Rômulo Siqueira para a formação de anunciantes. A foto publicada em jornal registra o esforço do programa de relações públicas desenvolvido.

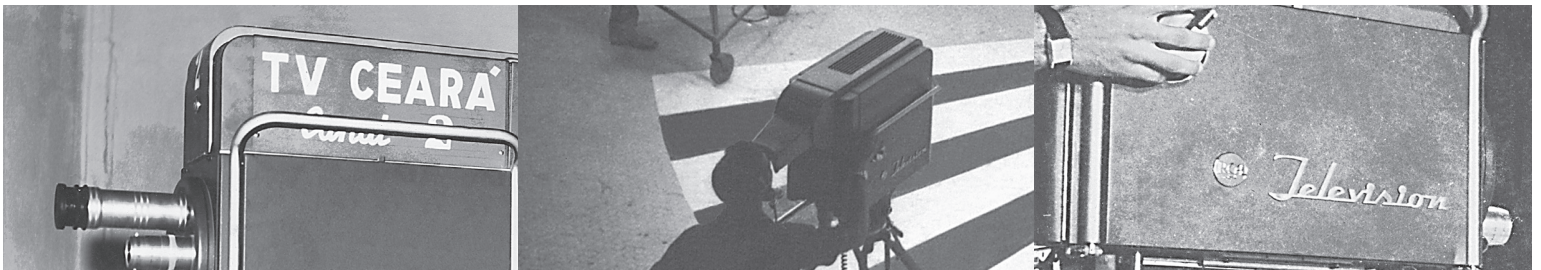
O prazo para a subscrição de ações, que era 18 de dezembro de 1959, passou, de maneira mais realista, para 7 de março de 1960. Acionistas foram convocados para aguardarem no porto a chegada do *Rio Doce*. O texto *retumbante* falava em *momento histórico do progresso de nossa cidade, assegurando um atendimento positivo às aspirações progressistas do nosso povo, que sabe compreender os grandes empreendimentos*.

O caminhão de externas serviria para cobertura de *palpitantes* matérias fora do estúdio, como jogos de futebol e chegada de personalidades ao aeroporto.

Enquanto isso, ameaça romper a parede do açude Orós, o que provocou uma visita do presidente JK ao Ceará. Os Associados desencadearam uma Campanha Nacional de Solidariedade. O Palácio da Luz foi cortado ao meio, perdendo seu jardim. Brasília inaugurada e, com ela, o *Correio Braziliense* e a *TV Brasília*, pontas-de-lança associadas no Planalto, o núcleo do poder.

Chessman morreu em maio, apesar dos abaixo-assinados ao governador da Califórnia, que a *Rádio Dragão do Mar* estimulava a cidade a preencher. A *TV Rádio Clube*, de Recife, foi inaugurada em junho.

A próxima atração seria a *TV Itapoan*, de Salvador. Depois iria ao ar a *TV Ceará*. Assim estava escrito e previsto.



CONTAGEM REGRESSIVA PARA O GRANDE MOMENTO

Um coquetel juntaria homens de negócios e jornalistas no canteiro de obras do canal 2. A condução sairia da sede dos jornais, na rua Senador Pompeu.

Comemorava-se também a chegada ao porto do navio *Ascânio Coelho*, trazendo material suficiente para colocar a estação no ar. Teve início a montagem da torre. Os novos prazos, sempre desobedecidos, falavam em outubro.

Bairristas, os jornais falavam na equiparação entre Ceará e Pernambuco, cuja estação de tevê associada – a *TV Jornal do Comércio* era a pioneira daquele Estado – acabava de ser inaugurada.

Ao contrário do que se propalava, a venda de ações continuava, conforme anúncio publicado em junho de 1960. *O Ceará vai a jato para a televisão. TV Ceará canal 2 estará no ar mais cedo do que você pensa! Ajude-nos com sua*

valiosa colaboração, adquirindo ações do mais audacioso investimento do momento.

A fotografia teve seu valor documental testado durante a contagem regressiva do canal 2. O início dos trabalhos de montagem da torre foi registrado, juntamente com o caminhão de reportagem. Mais fotos e legendas que falavam na realidade que era a tevê.

Gina Macpherson era a nova *Miss Brasil*. O populismo de Jânio Quadros, candidato da União Democrática Nacional (UDN) à Presidência da República, empolgava o País. Em junho, ele fez comício em Fortaleza. Nas páginas de *O Cruzeiro*, aparecia a *Fera da Penha*, mulher que matou a filha criança do amante que a abandonara. O matador de Aída Curi, que teria sido morta – outra versão é de que ela teria se suicidado em uma festa de embalo, no Rio –, estaria em Fortaleza. Houve novo julgamento do crime da Ladeira do Sacopã, no Rio de Janeiro, onde o acusado era o tenente Bandeira. JK era cidadão cearense. Mais racionamento de energia: seis horas de fornecimento durante todo o dia e hora e meia à noite. Ayla Maria, *a voz orgulho do Ceará*, cantando na *TV Jornal do Comércio*. Lott, general candidato à Presidência da República pelo Partido Social Democrata (PSD), veio fazer comício. O líder comunista Luís Carlos Prestes, que o apoiava, veio depois.

Televisores decididamente passaram a fazer parte de promoções. No Jubileu Sucesso, da cadeia de lojas *Magazine Sucesso*, na *Super Loja A Capital* e na *Casa Vênus*, um televisor GE. No concurso *Cautela Milionária* da *Casa Parente*, dez aparelhos de tevê, dentre outros prêmios.

Enquanto a tevê ficava pronta, a Prefeitura trabalhava. Cordeiro Neto, *o homem da lata* – referência à utilização, quando Secretário de Polícia, dos presos para a construção do prédio da Praça dos Voluntários, incorporado como *slogan* da candidatura dele à Prefeitura de Fortaleza, em 1958 –, distendeu horizontes da cidade. Rasgou a avenida Perimetral, abriu a Luciano Carneiro, que levava ao



aeroporto, iniciou a avenida Beira-Mar e ligou a Aldeota ao bairro Joaquim Távora, através da avenida Antônio Sales. Segundo o *Unitário*, a iniciativa particular *corre paralela com a iniciativa oficial. Na Avenida Antônio Sales está o estúdio da Televisão Ceará. E se torna justo que se dê às proximidades da televisão condições de progresso, abrindo ruas, tais como a Antônio Sales e a Estados Unidos* (hoje Senador Virgílio Távora). A clareza do texto diz da importância dos Associados na época. O assunto foi retomado no mês seguinte, agosto de 1960, perdendo um pouco a noção de limites ao dizer que a Avenida Antônio Sales, que passará em frente à TV Ceará, *virá possibilitar maior facilidade de tráfego para aquele arrojado empreendimento.*

Duas fotos da abertura da avenida, publicadas pelo *Unitário* no dia 31 de agosto, mostravam a torre e um mocambo que deveria ser demolido para desobstruir a via. Ela era então chamada de Avenida da Televisão. A legenda falava nos benefícios: *A cidade passa a ter mais um pulmão e terá oportunidades de novas e modernas construções com a conseqüente descentralização demográfica.*

Providências mais concretas passaram a ser tomadas. Dia 19 de agosto de 1960, viagem da primeira equipe da TV Ceará para cumprir estágio em Recife. Seguiam Guilherme Neto, diretor artístico da PRE-9, Narcélio Limaverde, assistente de direção comercial, Daniel Menezes, Henrique Jorge, Mac Dowell Holanda, Clotário Nogueira, Cléber Alcântara, Raimundo Rodrigues, Ivan Prudêncio, Aldailo Silva. *Dez rapazes jovens e talentosos. Dentre eles estarão nossos futuros câmeras, operadores de áudio, projetores e suítes.*

Novo anúncio é de pura expectativa: *O Ceará dá um passo agigantado em seu progresso com a TV Ceará canal 2. Outra peça: Cada vez mais próximo... TV Ceará, canal 2. O grande sonho de todos os cearenses! Será realizado antes do final do ano! De página inteira, com mais de uma inserção, o anúncio que divulga a reta final para entrar no período de experiência dentro dos próximos 60 dias,*

isso em setembro de 1960. Com direito a foto da torre, da antena, do caminhão de externas, da sala de controle e detalhe de transmissores.

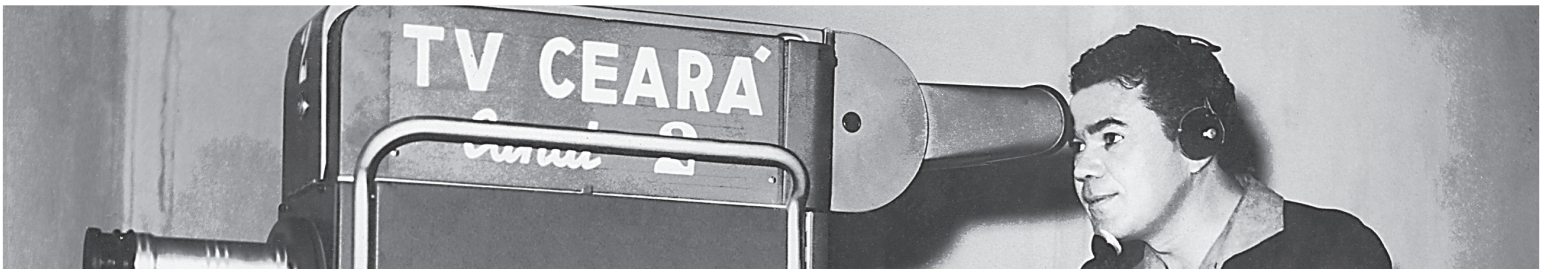
Liliana Fiúza era nossa *Rainha do Algodão*. Cely e Tony Campelo, da primeira geração do rock brasileiro, cantavam no Clube Líbano. Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir ganhavam coquetel nos jardins da reitoria da Universidade do Ceará. Jânio fazia novo comício. Judith Sendy, colunista social, organizava desfile de modas e penteados no San Pedro Roof, salão de eventos do San Pedro Hotel, atualmente desativado, no Centro da cidade. Mas bom mesmo eram os sorvetes *Dahum* e sua promoção *Palito marcado, palito premiado!* Enquanto isso, a rede telefônica de Fortaleza era ampliada, Armando Falcão, candidato derrotado a governador, em 1954, deputado federal e ministro da justiça de JK e do governo Geisel, era *Doutor Honoris Causa* da Universidade do Ceará. E o professor Roberto de Carvalho Rocha, fundador do Colégio Christus, chegava dos Estados Unidos dizendo que a televisão, lá, *era veículo de cultura*.

Por via das dúvidas, o prefeito Cordeiro Neto dava o exemplo e comprava, na loja *A Televisão*, o seu aparelho Standard Electric, de 21 polegadas.

Jânio Quadros, o homem da vassoura, que tentaria acabar com a corrupção, venceu. *Ivanildo e seu conjunto*, um grupo que animava as festas de então, chamadas tertúlias, gravaram disco na Mocambo, em Recife, e novo anúncio apelava para nosso lado previdente: *Adquira logo agora seu aparelho de televisão. Não deixe para comprá-lo na hora em que todos estiverem querendo fazer o mesmo*. E fazia a promessa de a estação entrar no ar, em caráter experimental, em novembro.

Em 25 de outubro de 1960, Luciano Diógenes inaugura na imprensa cearense o jornalismo especializado em tevê: *TV Notícias*, que publicava fotos dos primeiros testes de imagem da TV Ceará, em circuito fechado, falava na média de três televisores vendidos por dia, na cidade, e fazia referências ao início, no dia seguinte, 26 de outubro, do curso que Péricles Leal ministraria para a formação

de realizadores de tevê, o 3º Curso de Preparação de Equipes de TV (CPET). Estávamos a exato um mês da inauguração da TV Ceará. O pessoal técnico chegou de Recife, depois de 40 dias de estágio. Os contratos de publicidade estavam sendo fechados. Mais que nunca a TV Ceará era uma realidade.



UMA ESTÉTICA TELEVISIVA

Apesar de a organização nunca ter sido um dos fortes dos *Diários Associados*, urgia planejar as atividades, quando a rede partia para uma expansão realmente nacional, a partir de 1959.

Visava-se, primordialmente, a evitar improvisações que marcaram o anedotário dos primeiros tempos de tevê, com prédios inadequados, pessoal vontadoso, mas sem formação específica, porque egresso do rádio, além da falta de uma linguagem do próprio veículo, que tantas potencialidades oferecia.

Foi quando se realizou o primeiro CPET, no Rio, de onde saíam as equipes da *TV Piratini*, de Porto Alegre, e da *TV Itapoan*, de Salvador. Em 1960, houve nova experiência com novo curso ministrado para o pessoal da *TV Rádio Clube*, de Recife.

Em novembro daquele ano, a experiência era retomada, pela terceira vez, em Fortaleza, por meio de Péricles Leal, paraibano de Lagoa Grande, nascido

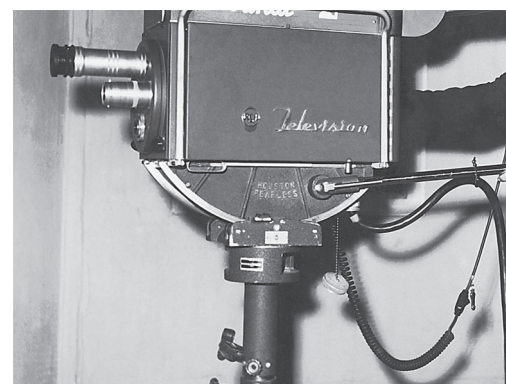
em 1930. Ele teve passagem pelo jornalismo, ligação funda com o teatro e compromisso maior com a televisão, veículo a que deu uma grande contribuição ao juntar e publicar os apontamentos desses cursos de formação de realizadores, que constituem o livro *Iniciação à televisão* (Rio de Janeiro: Gráfica Falangola Editora, 1964).

Em Fortaleza, além da preparação do pessoal, Péricles Leal ficou, por um ano, *à frente das equipes por nós formadas, acompanhando passo a passo seu trabalho, empregando os métodos e os ensinamentos teóricos. Foi a mais fascinante experiência de nossa vida de homem de TV*, disse ele na introdução à publicação.

Em agosto de 1961, transferido para Belém, ele teve a oportunidade de repetir a experiência, mas é o CPET de Fortaleza que interessa ao desenvolvimento deste texto.

O curso foi aberto às 14 horas do dia 26 de outubro, uma quarta-feira, no auditório da Casa do Jornalista. Durante 30 dias, das 14 às 18 horas, de segunda a sexta e aos sábados, de 9 horas à meia noite, o pessoal esteve envolvido com o curso, que pretendia, no dizer de Péricles Leal, *abolir com a improvisação no que tange à feitura de programas*. Eduardo Campos falou na abertura para a clientela sobre a importância do *currículo* ministrado. Importante ressaltar que o curso era exclusivo para jornalistas e radialistas associados. Na lista dos alunos: Aderson Braz, João Ramos, Geraldo Fontenele, Lustosa da Costa, Nogueira Saraiva, Augusto Borges, Lima Cavalcante, Juarez Temóteo, Milano Lopes, Luciano Diógenes. A lista continuava com Renato Aragão, Emiliano Queiroz, Ary Sherlock, Virgílio Machado, Ibiapina Gomes, Maria José Braz, Neide Maia e Karla Peixoto.

O CPET se dividia em três partes. Numa fase inicial, conhecimentos básicos de tevê (linguagem, pontuação, desenvolvimento de temário, esquema de realizações). Na segunda parte, prática, feitura de um roteiro. Finalmente, no



estúdio, em circuito fechado, com a participação de artistas e da equipe técnica, a realização do roteiro desenvolvido.

Depois de duas semanas de aulas teóricas, as provas para o pessoal do CPET. Geraldo Fontenele desenvolveu tema natalino. Guilherme Neto, uma telenovela: *Conflitos*. Augusto Borges criou um quadro humorístico com uma personagem, *Dona Bofélia*. Milano Lopes adaptou Gorki.

Restaram seis que constituíram a equipe primeira de realizadores da TV Ceará: Guilherme Neto, Ary Sherlock, João Ramos, Augusto Borges, Lustosa da Costa e Renato Aragão. Com a defecção de Lustosa da Costa, que produzia apenas o programa *Política quase sempre*, e o afastamento de Renato Aragão, quando da viagem dele para o Rio, em setembro de 1963, o quadro foi acrescido de Hildeberto Torres, ex-suíte, e Gonzaga Vasconcelos, com passagem pela televisão carioca.

Na prática, o discurso estético de Péricles Leal sofreria algumas adaptações e ajustes. O desenvolvimento de uma linguagem amadurecida de tevê passaria por um processo de aprendizagem, de exercícios no dia a dia do estúdio, sem erros que pudessem comprometer a qualidade final de um programa.

O afastamento do rádio teria de ser progressivo. Afinal, a tevê seria, pelo menos no início, um rádio com imagens. O caso cearense já vai encontrar um panorama modificado por nove anos (em termos brasileiros) de tentativas e aproximações.

Mas os grandes valores vieram do rádio (João Ramos, Laura Santos, Mirian Silveira, Karla Peixoto) e precisavam de tempo. Não deixa de ser significativo o fato de a estação não contar, nos primeiros tempos, com um auditório.

O autoritarismo de Péricles Leal foi importante, avaliado depois, para a atribuição de responsabilidades, definição de equipes e métodos de trabalho. Depois a tevê poderia deslanchar.

Se, de um lado, o fato de ele ter trazido um pacote de realizações aliviou o pique inicial de trabalho, poderia, por outro lado, ser responsável pela inibição de

vocações e propostas que só viriam à tona depois da partida dele. A transição para Guilherme Neto aliviou um pouco as tensões. O novo diretor integrava-se à equipe de realizadores, sem colocar vaidades pessoais acima do desenvolvimento de uma linha de trabalho.

Os poucos recursos de que dispunha a tevê de então, comparados aos de hoje, também iriam travar a evolução do que seria uma linguagem peculiar ao novo veículo. As câmeras pesadas (e sem lente *zoom*), aqui no Ceará, exigiam operadores musculosos. A precariedade da mesa de cortes não permitia uma soltura dos suítes.

O delírio ficava então por conta do ranço à Cecil B. de Mille de impressionar pela embalagem. Péricles Leal levou esse padrão ao paroxismo, no final de sua temporada cearense. Qualidade passou a ser sinônimo de grandiloquência.

O reforço da teatralidade no *Contador de histórias* (teleteatro em um episódio que revezava adaptações com criação local) ficou evidente, a ponto de um deles ter sido convidado para participar de um festival de teatro. A dificuldade do recurso cinematográfico comprometia o resultado final de alguns espetáculos.

Não se trata de invalidar o trabalho de Péricles Leal; ele teria deixado, como grande contribuição, uma dedicação, um senso profissional e um nível de detalhamento. Anunciava uma nova televisão nas aulas do CPET, mas insistia ainda num modelo pesado que perseguiu a televisão brasileira por muito tempo. A coleta dos frutos de uma tevê amadurecida foi atropelada pela centralização da produção, que desmontou os núcleos regionais. Mas tivemos momentos de desenvolvimento de uma linguagem televisiva, a partir das aulas de Péricles Leal e da vontade de acertar da gente da TV Ceará.



A VÉSPERA DA FESTA

As fotos das primeiras emissões experimentais nos mostram Eduardo Campos, João Ramos e Augusto Borges, fotografados por Geraldo Oliveira. O povo acompanhava cada nova etapa e sabia pelos jornais da fidelidade de som e imagem.

Novo anúncio prometia: *Todo o Ceará dirá: valeu a pena esperar pela TV Ceará. A melhor imagem para uma grande programação.*

A crônica de Geraldo Fontenele, na PRE-9, concluía esperando que os dias corram depressa, para afinal enfrentarmos o diabo desse bicho papão, a televisão.

Tarcísio Tavares, na coluna *Publicidade e investimento*, que assinava na *Gazeta de Notícias*, ousava tocar num assunto que devia assustar um pouco: *Será possível manter uma estação de tevê em nossa capital, um investimento de cerca de 20 milhões de cruzeiros, com despesas vultosas com pessoal técnico e artístico? Haverá anunciantes com verbas sobressalentes para divulgar sua mensagem pelo vídeo?* E ele mesmo respondia, de maneira enfática: *A nossa resposta sempre foi afirmativa. A TV vai incrementar uma série de novas fontes de riquezas, que ingressarão no círculo econômico do novo empreendimento. Economicamente é viável, ninguém se assuste, uma estação de tevê em Fortaleza.*

A coluna de Luciano Diógenes motivou bastante o mercado ao divulgar, por exemplo, a relação das lojas que vendiam televisores. Mais importante, talvez, tenha sido a divulgação dos anunciantes locais. *Casa Parente, Flama* (símbolo de distinção), *Cimaipinto* (Companhia Importadora de Máquinas e Acessórios Irmãos Pinto), *Álvaro Dias, Livraria Alaor, Ceará Gás Butano* (pergunte a quem tem um...), *A Cruzeiro* (moda masculina). A que vieram se somar *Siqueira Gurgel* (fabricante do sabão Pavão e do óleo Pajeú), *Manufatura Araken de Cigarros,*

Ibram, Banco União, Importadora do Nordeste, Banco de Crédito Comercial, A Cearense, Banco dos Proprietários, Armazém Nordeste, Loja Rouvanni, Armazém Paissandu, num verdadeiro *quem-é-quem* do comércio, da indústria, e dos serviços cearenses da época.

Novas sugestões de Tarcísio Tavares: televisores em casas de merenda, bares e sorveterias, o que significaria *aumento espetacular de vendas*.

Os clubes não ficaram de fora: a Sociedade Bairro de Fátima teria adquirido um televisor. Segundo a coluna *TV Notícias*, o Náutico Atlético Cearense teria feito o mesmo.

Anunciantes nacionais: além da *Lintas* (que reservara o anúncio da *Próxima Atração* para a *Gessy Lever*), *Banco Nacional de Minas Gerais*, *Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais* e lojas *A Pernambucana*. Teriam também patrocínio nacional as transmissões esportivas e carnavalescas.

Dário Macedo, na coluna *Passarela*, de *O Estado* (1º de novembro de 1960), saudava a TV Ceará como *um autêntico tento do progresso. É a afirmação da capacidade desses mesmos homens que fizeram a velha PRENOVE, um verdadeiro e querido patrimônio de nossa terra*.

Emiliano Queiroz, um cearense que voltava depois de ter feito teatro no eixo Rio/São Paulo, ministrava curso para atrizes. Karla Peixoto, Lourdes Martins, Ângela Maria, Laura Santos e Maria José Braz aprendiam os macetes de como se portar diante das câmeras, elas que tinham tido toda uma vivência de microfone.

Foi aberto também um curso para anunciadoras. Dentre as exigências, ter entre 18 e 30 anos (menor, só com autorização dos pais), altura mediana, curso secundário, reforçado pela obrigatoriedade de saber ler e escrever corretamente e pela facilidade de memorização. As provas seriam de conhecimentos gerais, desfile, desembaraço, improvisação e boa memória. A convocação falava que seria uma *boa oportunidade para moças bonitas e inteligentes de Fortaleza*.

Seria uma grande revolução na publicidade cearense a entrada em cena daquelas que os autores consideram os primeiros mitos da televisão brasileira, as *garotas-propaganda*.

A casa se preparava para a festa. O departamento comercial, com Tarcísio Correia, Jomar Pereira e Heitor Costa Lima, não parava de fazer *slides*, diapositivos de todas as aberturas e créditos dos programas, chancelas, patrocínios e anunciantes.

João Ramos, até então radioator, locutor esportivo e comercial e animador de auditório, mostrava seu outro lado: o de eletricitista, cuidando das instalações, da iluminação e da sinalização da TV Ceará, com supervisão de Geraldo Guimarães, iluminador da *TV Tupi*.

Wilson Machado e Aliatar Bezerra estagiavam no departamento esportivo da *TV Rádio Clube*, no Recife. Leocácio Ferreira e Paulo Sales compunham o departamento de cinema. Geraldo Oliveira, chefe do departamento fotográfico do *Correio do Ceará* e do *Unitário*, fazia *slides* e fotos que documentassem todos os programas e exibição de artistas e cantores. Desmentindo rumores que davam conta da contratação de Aécio de Borba (então na *Rádio Dragão do Mar* e depois político), Narcélio Limaverde foi anunciado como apresentador da versão cearense do *Repórter Esso*, o *Repórter Prenove*, depois *Cruzeiro*, por conta da vinculação do patrocinador ao título do noticioso.

Dia 4 de novembro, houve uma ligeira emissão experimental. Poucos souberam e estavam na expectativa. A demora, atribuída no início à falta de um manual de instruções da RCA, agora era transferida para duas válvulas que faltavam e chegariam, via Varig, de New York. Os Diários Associados se apressavam em desmentir rumores de adiamento da festa de inauguração. Tudo estava programado para 26 de novembro, sábado. A chegada do engenheiro eletrônico Igor Olimpiew,

diretor técnico dos Associados e responsável pela instalação das novas estações, veio trazer alento. A *novela* emocionava a cidade.

Fortaleza se divertia com sua nova atração. A tevê virou ponto turístico. A direção emitiu nota dizendo do seu prazer em receber visitas, principalmente de acionistas. Mas teve de voltar atrás, *muito a contragosto*. O número de curiosos causou a paralisação dos trabalhos. E não dava para parar, naquele instante.

Dia 20 de novembro, a *TV Itapoan* foi ao ar. A TV Ceará seria a próxima atração. A montagem do equipamento eletrônico chegava ao final. Os jornais falavam em *esforços diuturnos*. Olímpiew, João Ramos, Normando, Carpes, Cabral, Gonzales davam duro. Valeu a pena. Dia 24, o povo vibrou, apesar do *adiantado da hora*, 21h30, muita gente acorreu às vitrines, fez festa nas casas, as fotos mostravam pessoas em cima dos carros defronte à loja *Irmãos Carvalho*. Numa foto aérea, Geraldo Oliveira captou a nova tevê circundada pelos coqueiros da Estância Castelo. A festa seria amanhã.



A CASA REVISITADA

O ponto era dos mais altos da cidade: 35 metros acima do nível do mar. Os coqueirais da Estância Castelo se perdiam de vista. Aqui ficava a casa. Frente para a Avenida Antônio Sales, entre as ruas Oswaldo Cruz e Visconde de Mauá. Numa

área de 5.808 metros quadrados, hoje ampliada para uma quadra, onde se localiza a *holding* do Grupo Edson Queiroz.

O edifício de dois andares era pintado de tinta d'água amarela. Na frente, a torre, como um marco. Dentro, a fase *ao vivo* da televisão no Ceará.

Ao alcançar a portaria, vislumbrava-se o *hall* onde afixaram a frase de Assis Chateaubriand: *Tudo aqui é bem feito e feito com amor*. Logo depois ficava a central telefônica. A sala da direção artística ficava contígua à do telejornalismo. O *hall* dava acesso à sala de maquiagens, sanitários, rouparia, sala dos realizadores, tráfego artístico, discoteca e sonoplastia – isso do lado esquerdo. À direita de quem entrava, vestiários femininos, sala de ensaios de leitura, departamento de cinema e saleta para guarda de adereços.

Ao fundo do *hall*, uma porta dava para uma sala de espera que ligava os estúdios A e B, à esquerda e à direita, respectivamente.

O estúdio A, todo forrado de lã de vidro, como tratamento acústico, com monumental pé direito de 13 metros, media 25 por 15 metros, perfazendo uma área de 37 metros quadrados. O piso em pastilhas de cor neutra, cinza-claro, não interferiria nos futuros cenários.

O estúdio B, medindo 15 por 15 metros (22 metros quadrados de área), seguia as mesmas especificações técnicas. Somados, significavam 600 metros quadrados que permitiam montagens grandiosas, com mais de 20 *sets*, com espaço bastante para a movimentação das câmeras, girafas e tripés de iluminação.

Do teto, pendiam seis grades de iluminação. Cada uma com nove *panelões*, sustentadas por cabos de aço para regulação manual de altura.

Além da iluminação alta, a estação contava com nove gigantes com três *panelões*, cada. Se toda essa iluminação fosse usada ao mesmo tempo, geraria um calor de quase 60 graus, dos 70.000 kilowatts de luz.

O grande portão leste era escancarado, muitas vezes, para não deixar que o suor encharcasse os atores ou que a maquiagem escorresse derretida. Isso era possível pela ausência de *rush* na tranquilidade quase rural da Estância Castelo.

Ligado ao estúdio A, funcionava o depósito de materiais cenográficos. O estúdio B era vizinho da carpintaria, onde ganhavam forma os cenários da equipe de Rinauro Moreira, onde, além de João de Deus, Moura e J. Fernandes, passaram talentos jovens como o de Horestes e de Audífax Rios. A contrarregra artística e a comercial (publicitária) ficavam no mesmo espaço, confinadas a um canto.

Voltando ao *hall*, uma escada à direita dava acesso ao segundo pavimento. À direita, escritório de engenharia, departamento de arte, sanitários e tráfego comercial. À esquerda, a sala de operações, com oficina, transmissores, *master*, controles de vídeo. Num praticável alto, a mesa de cortes e áudio, tendo à frente os monitores e atrás a ilha de telecine. Um grande janelão de vidro dava uma visão ampla do estúdio A. Duas outras vidraças vazavam para a pequena cabine de locução e para o estúdio C, o dos comerciais, das palestras ou dos programas de câmera um.

As demais dependências do edifício eram destinadas à administração da empresa, envolvendo escritório, sala da superintendência e da direção comercial.

Em fevereiro de 1965, com as obras de ampliação, o segundo andar foi preparado para instalação do equipamento de videoteipe.

No ano seguinte, a tevê ganhava a companhia da *Ceará Rádio Clube*, tendo sido o espaço da carpintaria reaproveitado para a instalação da PRE-9, com seus escritórios e a cantina. O estúdio B foi, nessa mesma reforma, transformado em auditório.

Por último, os jornais (*Unitário* e *Correio do Ceará*) vieram se somar, racionalizando operações, facilitando as comunicações e operacionalizando o conglomerado associado no Ceará.

A lente desfoca, como naquele recurso que indica mudança de tempo. Volta-se uma página do velho álbum. Fecha-se a porta que dava acesso à casa. Ninguém estava lá.



O GRANDE DIA

A Assembleia Legislativa aprovou, por unanimidade, voto de louvor, proposto pelo deputado Edval Távora (UDN), pelo evento, *decisivo marco para o progresso e desenvolvimento do nosso Estado*.

E foram formadas comissões para recepcionar Juracy Magalhães (1904 / 2001, cearense que governava a Bahia) e João Calmon no aeroporto. A programação oficial previa banquetes: um no Ideal Clube, oferecido pelo governador em exercício, Wilson Gonçalves; outro no Náutico, pelo prefeito Cordeiro Neto. Muitos discursos e declarações. Cinco dias de programação extra, depois viria a programação normal.

As *Agências Audiomac* saíram com um anúncio ufanista: *Televisão, a maior novidade da Terra da Luz*.

Chateaubriand, convalescente, mandou cabograma (telegrama via cabo): *A você, meu caro capitão tabajara, que chegue meu abraço pela obra titânica realizada em tão pouco tempo. Esse abraço não é só para o chefe e seu tacape,*

mas também para todos os índios flexeiros [sic] nessa maloca televisionária. Inexcedível piloto e toda equipagem desafiam ardente entusiasmo pela missão admiravelmente cumprida. O destinatário era Eduardo Campos.

Mais conciso, o governador Parsifal Barroso, dos Estados Unidos, onde acompanhava a mulher em exames médicos, também enviou: *Cordiais felicitações grande vitória associada.*

Às 17 horas de sábado, 26 de novembro, com todo o cuidado para não tropeçar na palavra *telespectadores*, Aderson Braz foi ao ar, oficialmente. Em nome do arcebispo Dom Lustosa, o padre Misael Gomes abençoou as instalações da TV Ceará.

Calmon falou no *heróico esforço pioneiro, sem visar lucros*, e citou a TV Ceará como *elo da unidade nacional*. E disse de sua rebeldia, como *tuchaua* da tribo associada, contra *a excessiva concentração dos instrumentos do progresso no sul*.

Paulo Cabral, eleito prefeito de Fortaleza, aos 28 anos (em 1950), por conta do prestígio da *Ceará Rádio Clube*, leu mensagem de Chateaubriand: *Brasil seria dono de metade do mundo, se estivesse em poder dos cearenses nos últimos 30 anos*.

Cordeiro Neto enalteceu a TV Ceará como *marco para o progresso de nossa capital*. Mais tarde, ele ocuparia tempo para saudar, às 18h35min, o empreendimento, numa prática muito frequente nos primeiros tempos da tevê.

Wilson Gonçalves exaltou Chateaubriand: *TV Ceará demonstra capacidade e iniciativa dos Associados*. Eduardo Campos lembrou que a *TV Ceará a muitos pareceu miragem de cearense*. E complementou com um *Fortaleza progride. Progresso que leva Fortaleza à sua esperada condição de maioridade*.

Juracy Magalhães, padrinho da estação, lembrou os anos em que viveu em Fortaleza, cidade onde nasceu, ressaltou o significado da inauguração da TV Ceará

e fez uma análise da situação do Nordeste – o que constituiu o ponto alto de seu pronunciamento.

Com destacada participação, como tenente, na Revolução de 1930, Juracy, afastado do Ceará, fez vida política na Bahia, tendo sido chanceler (*o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil*) do Governo Castello Branco, depois do golpe de 1964. A festa de inauguração da TV Ceará funcionou como caixa de eco para um pronunciamento político de sua parte buscando repercussão nacional. A ele coube o corte da fita, coadjuvado por Wanda Lúcia, *Miss Ceará*.

Paulo Cabral leu mensagens de Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), do industrial cearense Fernando Pinto e aproveitou para lembrar o pioneiro Diogo Vital de Siqueira.

Depois de filmes, intervalos comerciais e da palavra do arcebispo, teve início a festa na Concha Acústica da Universidade do Ceará.

Anunciou-se um *show dos mais autênticos, com números regionais, dança, música clássica, orquestras locais*. Na pauta, o Madrigal do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, a Orquestra Sinfônica Henrique Jorge, o Ballet Regina Passos, a Orquestra PRE-9, elenco associado e artistas de fora, como Gilvan Chaves e Carmen Déa. Patrocínio: *Ceará Gás Butano, Casa Parente e Banco União*. A apresentação era de Augusto Borges e Maria José Braz.

Dando seqüência à programação especial, depois de uma entrevista com o prefeito, no domingo, a primeira transmissão esportiva do Estádio Presidente Vargas: Ceará X Gentilândia. Além de novo *show* de Gilvan Chaves e de dois documentários de realizações do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) e do Governo do Estado, um Guia Poético e Sentimental de Fortaleza, escrito por Guilherme Neto e lido por Mozart Marinho. Ary Sherlock assinou um musical, *Na batida do xaxado*. O ponto alto da noite ficou por conta de *A fúria dos justos*, de Eduardo Campos, realização de Péricles Leal, com João Ramos, Dora

Barros, Ary Sherlock, Wilson Machado, Ísis Martins e Paulo Oliveira. Com o título de *Os deserdados* e numa concepção para tevê de Hildeberto Torres, representou, em 1967, a televisão brasileira em Barcelona, ganhando uma terceira colocação no Prêmio Ondas.

Na segunda, horários comprados pela Assembleia Legislativa e pela Câmara Municipal, filmes, um recital da cantora lírica Teresinha Vieira, mulher de Péricles Leal, e a estreia de Augusto Borges como o realizador na comédia *Lua-de-mel atrapalhada*, com Danúbio Bezerra, Karla Peixoto, Ângela Maria, Wilson Aguiar, Edésio Amorim, Sílvio de Castro, Edmilson Queiroz e Wilson Machado. *Movimentada e hilariante, com tema moderno e leve*, segundo os jornais associados.

Terça-feira foi o dia de estreia do programa do Governo do Estado, de Guilherme Neto cantando canções de seresta e do teleteatro *O anjo*, de Eduardo Campos, com João Ramos, Maria José Braz, Karla Peixoto e Mozart Marinho. Encerrando, a participação da Comédia Cearense com *A canção dentro do pão*, de R. Magalhães Júnior, realização de Ary Sherlock, com supervisão de Haroldo Serra e B. de Paiva, que também integravam o elenco ao lado de Hiramisa Serra, Ary Sherlock, Edmilson Queiroz e Assis Santos.

Renato Aragão estreou na quarta-feira, com a *Comédia da cidade*, semente do futuro *Vídeo alegre*. No elenco, o próprio Renato, Wilson Aguiar (Cheiroso), Karla Peixoto, Isis Martins, Neide Maia, Edmilson Queiroz, Edésio Amorim e João Holanda. Depois do *show* de Carmen Déa, realizado por Ary Sherlock, um espetáculo com o elenco do Curso de Arte Dramática da Universidade do Ceará: *A jangada não voltou*, texto e direção de B. de Paiva, realização de João Ramos e no elenco: Atualpa Frota, Roberto César, José Humberto, Gracinha Figueiredo, Iracema Pedrosa e Edilson Soares. De permeio, mais realizações da Prefeitura, filmes e comerciais.

Estava concluída a programação de inauguração. Passada a euforia, entraria a tevê em sua rotina de trabalho, com a eterna renovação de quem trabalha com criação. A partir daí é que começaria a prova de fogo.



QUESTÕES DE ORDEM TÉCNICA

É controversa a questão da novidade ou do obsoletismo do equipamento da TV Ceará. O depoimento de Francisco Cabral reforça a primeira hipótese: tudo teria sido importado e chegou aqui em primeira mão. Outros falam na renovação e na atualização técnicas das emissoras do Sudeste, que forçavam uma transferência de material defasado em relação às novidades tecnológicas.

Existe consenso em relação à torre Marconi, de 300 pés, que veio de uma rádio mineira. Aqui, na RFFSA, ela teve seus isoladores de porcelana substituídos por blocos de ferro fundido para posterior fixação às bases de concreto.

Na oficina mecânica da PRE-9, na Avenida dos Expedicionários, onde hoje funciona o Hipermercado Extra, foi feita a parte mecânica de sustentação do mastro, da antena, bem como os suportes de linha (dois canos que descem aos transmissores) e braçadeiras. O restante, absolutamente novo ou não, era retirado das caixas para ser instalado e propiciar o sinal à TV Ceará.

A dificuldade maior em pôr a estação no ar ficou por conta de defeito em uma das linhas. A contagem regressiva deixava todos muito apreensivos. Tudo estava pronto para a inauguração, dia 26 de novembro.

Ao dobrar a linha, composta por cabos coaxiais de cobre 7/8, gerou-se um curto-circuito, que levou dois dias para ser detectado em seu ponto exato. Daí o corte, a solda e a estação no ponto de entrar no ar. Mas surgiu outra questão de ordem técnica. A câmera do telecine (TK-21-C) entrou em pane, depois de ligada. Constatado engano na conexão do cabo, agora sim, o espetáculo poderia começar.

Na retaguarda, uma equipe que contava, na véspera da festa, com a presença de Igor Olimpiew e José Carpes, da TV Tupi, além de Antônio Normando, Francisco Cabral e José Maria Gonzales, a quem caberia, no dia a dia, a função de colocar a estação no ar.

As duas câmeras para estúdio, Orticon (2,5 polegadas) TK-21-C, eram as mesmas utilizadas nas transmissões externas. Por isso, cada um desses deslocamentos para reportagens implicava uma delicada operação de desmontar/ levar/ trazer/ alinhar que durava pelo menos 90 minutos, tempo em que apenas a câmera de telecine e a dos comerciais poderiam funcionar. Esse tempo era, invariavelmente, preenchido com sessões de cinema.

A câmera dos comerciais ao vivo, uma Vidicon TK-15 / TK-35, foi a primeira a ganhar uma lente *zoom*, em razão das proporções reduzidas do estúdio (6 por 8 metros), literalmente tomado por material a ser *vendido* pelos anunciantes. O difícil rolamento da câmera dentro desse estúdio, que ficava na parte superior do edifício, impedindo uma maior mobilização da equipe, fez com que a aquisição do *zoom* passasse a ser prioritária dentro dos planos de expansão da emissora, principalmente ao se levar em conta que esse fator influía, diretamente, no faturamento.

As câmeras de estúdio operavam com torres de lentes, de difícil manuseio por parte do pessoal técnico para a obtenção, no tempo certo, do efeito sugerido pelo realizador, na decupagem do programa e do que o suíte se encarregaria de selecionar na mesa de cortes.

A potência do transmissor, em seu período de ajuste, de 100 watts ou 0,1 kilowatt, logo foi regulada para 500 watts, em relação ao vídeo, e 200 watts, em relação ao áudio. O bastante para que ela funcionasse a contento como a estação pequena que foi durante os primeiros cinco anos.

Não existe exagero em se dizer que o sinal da TV Ceará era de qualidade. Chegou mesmo, excepcionalmente, a ser captado em Goiás e Minas Gerais. Aqui no Ceará, notícias subseqüentes à inauguração diziam da recepção do sinal em Itapajé e Pacoti, sem que nenhum sistema tivesse sido implantado ainda para interligar o Estado.

Quando se falava em *cidade ideal para televisão*, os técnicos levavam em conta, além da planura da cidade, a pouca interferência que ela sofria. A opção associada por um canal baixo, para sua expansão posterior a 1959, tinha várias justificativas técnicas. Os canais baixos, o 2, por exemplo, permitiam um raio maior de propagação, dava uma certa encurvada à distância, ao contrário dos canais altos, que seguiam em linha reta, tangenciando a terra.

Ainda por cima, os televisores fabricados naquela época tinham certas dificuldades em funcionar em canais altos, em razão de problemas de ajustes nos sintonizadores RF. Não tendo bom desempenho, as válvulas deixavam de captar quando começavam a envelhecer. Com o tempo e o avanço tecnológico, a situação se inverteu. Os canais baixos sofrem interferência de liquidificadores, elevadores, relés de geladeiras e isoladores de tensão – não dava para ser tão forte na Fortaleza de 1960. A forma de compensar é aumentando a potência, o que a TV Ceará fez por volta de 1969, substituindo o transmissor de 500 watts por um de 2.000 watts.

Em relação ao caminhão de externas, que forçou a um corte de viga e a um rebaixamento de piso para entrar no estúdio, funcionava em conjunto com equipamento de micro-ondas, que permitiu reportagens do Estádio Presidente Vargas, do carnaval de rua, do Náutico Atlético Cearense (eleições de *miss*), a começar da inauguração, quando Cabral e Carpes, sobre a caixa d'água da reitoria da universidade, levaram ao ar a festa primeira da tevê cearense.

Dentre os equipamentos terminais, constavam: gerador de sincronismo, distribuidores de vídeo e de pulsos, processador de vídeo, mesa de corte, mesa de áudio e suítes para monitoração. No telecine, além do projetor de *slides* e de dois projetores de filmes, a câmera. A registrar a grande quantidade de material de reposição. Mais toque brasileiro, na lente 600 para futebol e nos amplificadores de áudio e intercomunicadores, montados na PRE-9. O equipamento de controle de foco do Orticon, por ser de fácil construção e por medida de economia, deixou de ser importado. Foi feito também nas oficinas da PRE-9.

A estação contava com um equipamento moderno, ajustado, eficiente – mas insuficiente para a tentativa de grandes voos que ela alçou em sua programação ao vivo. Contava com poucos microfones e poucos canais de entrada em mesa, em relação ao pique de superproduções em que ela entrou, principalmente no *Contador de histórias*. Cartazes como *O lobo do mar*, *Beau geste*, *Quasímodo e Esmeralda* exigiam uma força de vontade da equipe de operadores para acompanhar as exigências da realização, mas pode-se dizer que tudo corria bem no estúdio A, com seus vários *sets* rescendendo a cheiro forte de tinta. E no estúdio B, onde era criado espaço para atrações como *Punhos de campeão*, *Brincando e aprendendo* e *Aí vem o circo*, ringue, auditório e picadeiro, respectivamente.

Se todo o Estado ansiava pelas imagens da televisão pioneira, pode-se dizer que a TV Ceará não via a hora de ampliar seu campo de recepção, pelo que isso representaria como valorização de seu espaço publicitário, pelo prestígio de ser,

como o foi em 1972, uma estação captada em cinco estados, abrangendo uma ampla e atraente fatia do mercado nordestino.

Essa expansão sempre esteve nos planos associados. Num primeiro instante, ela seria bancada pela própria estação. Em abril de 1962, eram prometidos som e imagem da TV Ceará em Sobral, beneficiando 22 cidades. José Abeilard e Marcos Saliveros, técnicos da divisão de TV, na companhia de Antônio Normando e Stênio Azevedo, sobrevoaram a região, escolhendo os locais das duas ou três repetidoras.

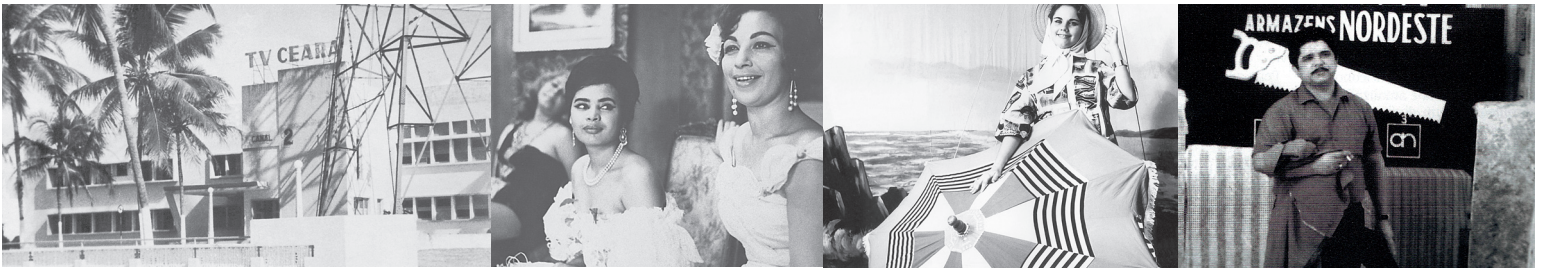
Em outubro de 1963, vazou a notícia de que a Empire instalaria duas torres refletoras para levar a imagem da TV Ceará às zonas norte e sul do Estado. A ideia de Igor Olimpiew era fazer essa ligação através do sistema de micro-ondas.

Algumas providências foram tomadas, por exemplo, a aquisição da torre utilizada até então para a construção do açude Latão, em Cariús (CE). Com quase 90 metros, ela se transformaria, modificada nas oficinas da PRE-9, em duas ou três torres para a implantação do sistema de micro-ondas.

O primeiro governo Virgílio Távora (1963/ 1966) resolveu investir nessa expansão, ciente dos dividendos políticos que poderiam advir da interligação do Estado pela comunicação.

A mudança das regras do jogo, com eleições indiretas para governador, em 1966 (eleito Plácido Castelo), não interferiu no cumprimento da meta. Em outubro de 1965, foi divulgada a notícia de que a Secretaria de Viação e Obras (Sevome) realizava os primeiros estudos para a instalação de torres repetidoras de tevê no interior. Vicente Fialho (engenheiro e prefeito indireto de Fortaleza entre 1971 e 1974) falava do objetivo visado, que seria *proporcionar educação ao meio rural através de um instrumento com um grande poder de sugestão*. Interessante é que nessa época a *TV Jornal do Comércio*, do Recife, era bem captada no Cariri cearense.

Em junho de 1966, divulga-se a notícia de repetidoras em Guaramiranga (maciço de Baturité) e Meruoca (região de Sobral), em um contrato da ordem de 100 milhões de cruzeiros. O Vale do Jaguaribe seria beneficiado. O plano envolvia todo o Estado, que assim deixou de ver, em sua maior parte, o esforço que a TV Ceará fez, investindo na possibilidade de se fazer televisão aqui.




A IDADE DA INOCÊNCIA

O moralismo, ainda mais acentuado da cidade, cobrava da televisão padrões que o crescimento de Fortaleza fazia questão de transformar. E vieram as primeiras vozes discordantes da programação que estava sendo oferecida.

Jornal católico, fundado em 1922, *O Nordeste* serviu de veículo à tentativa da Igreja de ocupar maior espaço político. No Ceará, depois da Revolução de 1930, ele contribuiu para a formação da Liga Eleitoral Católica, para a eleição de Menezes Pimentel e teve forte domínio da cena política até os ventos da redemocratização de 1945.

Em 1960, dirigido por Luis Sucupira e tendo como redator-secretário Paulo Lopes Filho, *O Nordeste* abriu suas baterias, em 22 de dezembro, contra os *maus caminhos* trilhados pela TV Ceará. E verberava em sua manchete contra a *Apresentação de cenas imorais: famílias indignadas*.



Se um pecado pode ser atribuído à televisão que se fazia naquela época, esse pecado era o de edulcorar o mundo, exibido sem a carga de contradições que se acentuavam na década de 1960. A questão do popular na cultura brasileira, a inquietação trazida pelo Teatro de Arena e pelo Opinião, as experiências estéticas do Cinema Novo, a contribuição literária renovadora, tudo estava muito diluído (ou praticamente ausente) na programação da TV Ceará. Os compromissos com os patrocinadores, o atrelamento dos Associados à estrutura do poder e a própria essência da Indústria Cultural levavam a que fosse mesmo assim. A fermentação política desse período, que vai ter seu primeiro grande instante em 1964, e seu clímax com o AI-5, em 1968, está na tevê sob a forma de reforço do discurso oficial. A ruptura estética foi abafada pelo farfalhar das sedas de marquesas e condessas de adaptações de romances ingleses do século XIX. Em termos comportamentais, nem sonhavam chegar ao vídeo temas como aborto, incesto e homossexualidade, a não ser com o mesmo tratamento hipócrita e em meia voz com que eram tratados em vetustas salas de visitas.

Por tudo isso, parece estranho ler sobre *exibição de amores indecentes, exibição de colóquios despudorados, frases não só maliciosas, mas até ofensivas aos ouvidos de pessoas dignas.*

Eduardo Campos se ocupou de rebater as acusações. A questão foi desencadeada por um beijo que Emiliano Queiroz teria dado em Glice Sales (*iniciando colóquio atentatório à moral*) e pela *cena chocante de um bombeiro debelando as chamas de um incêndio diferente*, no programa *Isto é show*.

O jornal voltou à carga publicando a relação das famílias e carta de leitora que falava em *incentivo à criminalidade*. Tudo muito significativo das relações de poder na cidade. Por não refletir os anseios do mundo em que atuava nem mais da própria Igreja de que seria porta-voz, *O Nordeste* deixou de circular em 1964, quando a tendência imposta pelo regime autoritário passa a ser a da concentração

e da censura, que, no caso da televisão, apressou a formação de redes, mais fáceis de serem controladas, o que praticamente acabou com a produção local.



A TELEVISÃO E OS JORNAIS

A constatação é óbvia: a tevê ocupava pouco espaço na imprensa na época em que foi lançada, mesmo nos jornais associados.

O pioneirismo de *TV Notícias*, de Luciano Diógenes, no *Unitário*, é digno de registro. Dirigindo o departamento de jornais do canal 2, ele não pôde dar à coluna a periodicidade regular ou o destaque que o assunto estava a merecer.

Unitário foi uma boa fonte. Aos domingos, durante o ano de 1961, a tevê ocupou relativo espaço numa página (*Cinema e TV*) assinada por Calberto Albuquerque. Esse material era fornecido por Péricles Leal, o que comprometia uma visão mais crítica da questão. Mas, naquele momento, o grande esforço era no sentido de consolidação do veículo, restrito a uma elite e à falta de cerimônia dos chamados *televizinhos* (os que ainda não possuíam televisores e iam ver os programas nas casas dos outros). Evidencia-se o acompanhamento fotográfico do trabalho pioneiro desenvolvido por Leocácio Ferreira e complementado por Geraldo Oliveira.

Em dezembro de 1961, era Gonzaga Vasconcelos, admitido ao restrito quadro de realizadores da TV Ceará, quem informava *Por detrás das câmeras* – uma prometida dessacralização que não foi cumprida nas páginas de *Unitário*.

Guilherme Neto, diretor artístico da emissora, de certa forma retomou a discussão numa série de artigos intitulados *Considerações sobre a TV*, que, irregularmente, chegaram a seu final em outubro do ano seguinte (1962).


É o período em que o realizador Hildeberto Torres, o Serrot, titular da coluna na *Rádio e TV*, preocupado em explicitar para o público externo questões e atribuições a que só os iniciados tinham acesso, consegue manter aceso esse foco de luz, até início de 1963, nas páginas do *Correio do Ceará*.

Mesmo jornal em que J. Ciro Saraiva, substituto de Luciano Diógenes na chefia dos telejornais da TV Ceará, assinou *Câmeras e microfones*. Estava ainda longe de refletir a importância da televisão como negócio e lazer. Mas mostrou, sem retoques, o cotidiano dessa atividade, com suas alegrias, percalços e esforços.

Em alguns instantes, chega-se mesmo a sentir falta da programação diária, como se a tevê prescindisse de apelo para manter ligados os poucos aparelhos da Fortaleza de então.

No *Unitário*, Paulo Limaverde assumiu a coluna *Rádio e TV*, com o pseudônimo de João Dial. No *Correio do Ceará*, pontificavam então (1965) Tom & Jerry, com a coluna *Sintonizando*. Em fevereiro de 1966, esse espaço passou a se chamar *Vendo, ouvindo, informando*.

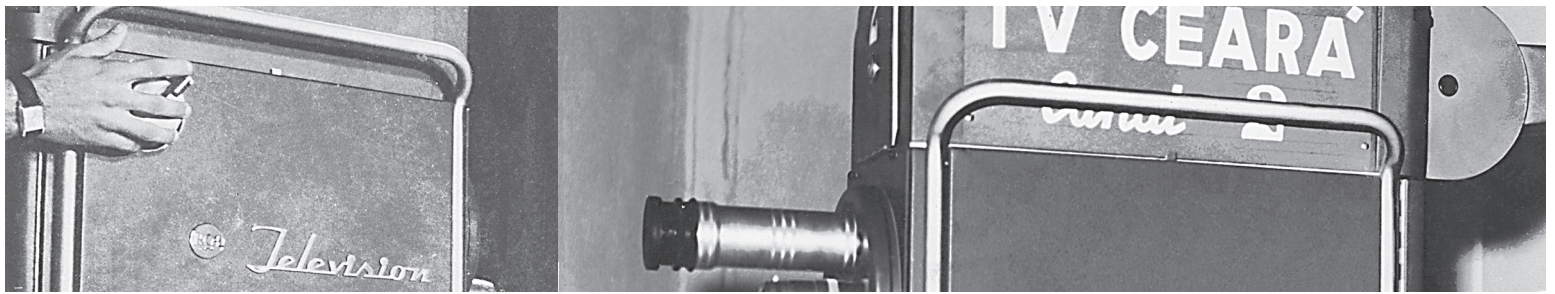
Cumprir destacar a regularidade da *Tribuna do Rádio e TV*, no jornal *Tribuna do Ceará*, editada por Selma Lobo (Neuza Colares), a partir de outubro de 1962. Noticiosa, algumas vezes opinativa, levantando bandeiras como a questão da programação ao vivo, essa coluna é uma fonte indispensável no garimpo de dados referentes à televisão e ao rádio cearenses.



Alguns depoimentos insuspeitos falam numa rivalidade entre o pessoal do jornal e os *artistas* da tevê, competição acentuada pela evidência e notoriedade que o vídeo trazia. A verdade é que a televisão não foi compreendida em todo o seu alcance.

De um modo geral, faltam fichas técnicas, omitem-se elencos, insiste-se no pouco relevante, o que deixa claro que se trata de um desafio a quem pretenda tecer a trama dessa história. O trabalho de quem pesquisa passa a ser de reinvenção.

Mas com todas essas falhas, onde o silêncio é muitas vezes uma informação a ser decodificada e compreendida, os jornais são, na falta de arquivos, de uma bibliografia ou de outras fontes documentais, o instrumento para se juntar as peças desse quebra-cabeças e restaurar o que foi a televisão do Ceará.



O OUTRO LADO DO ESPELHO

Amor e ódio sempre marcam a ambivalente relação entre o público e seus ídolos. Não foi diferente no caso da TV Ceará.

A expectativa gerada em relação ao advento da tevê não foi frustrada, num primeiro instante. Tudo funcionava a contento. O organograma ditado pelo CPET dava resultados satisfatórios.

Hoje, pode-se perceber quanto teria sido benéfica uma competição logo no início da tevê cearense, o que só vai acontecer quase dez anos depois, com a inauguração da TV Verdes Mares (31 de janeiro de 1970), ainda que o diretor comercial associado, Rômulo Siqueira, pensasse o contrário, defendendo que o mercado não comportaria duas emissoras.

Os sucessivos cortes de energia motivavam constantes reclamações. O número pequeno de televisores, em 1960, levou a um festival de *reprises* na festa do primeiro aniversário. Se não tinha sido de todo em vão, o esforço pioneiro tinha sido captado por míseros 200 televisores.

Os telespectadores se achavam com o direito de terem seus programas repetidos, em caso de interrupção do fornecimento de energia. Outras vezes, essa desculpa conveniente era dada para a repetição cansativa de enlatados. As dificuldades de comunicação num país das dimensões do Brasil eram bem maiores do que hoje. A tevê sofreu esse tipo de problema, que se transformou em desgaste.

As romarias à Estância, nos finais de semana, prosseguiram. Muita gente ia cumprimentar os atores, como se faz no teatro, depois de um programa mais empolgante.

Mas seria impossível negar o tom de vitrine que adquiria esse mundo à parte, nossa fábrica de sonhos. A televisão passou a ser um *zoo* composto por *avis raras*, pessoas que ousavam se destacar dos mortais, *olimpianos* em uma

cidade provinciana, obcecada por um moralismo falso que ela nem sabia o que significava.

E foi desencadeado o festival da boataria. A vida íntima de nossa gente de tevê passou a ser objeto de comentários maldosos em muitas rodas. Descambava-se, muitas vezes, para a mais deslavada grossura ou mau gosto, o que contrariava os esforços para fazer uma tevê de nível.

Guilherme Neto reclamava dos que *olhavam a tevê de um ângulo absolutamente errado* e insistia na tecla da negação dos valores da terra.

Os telefonemas de reclamações se tornaram sórdidos, insultuosos. Talvez, em parte, porque qualquer telefonema de crítica, sugestão ou pedido recebia a recomendação de trocar de canal. A TV Dragão do Mar, com suas ações vendidas, seu desfile de equipamento, seu terreno na esquina das avenidas Antônio Sales e Estados Unidos (atualmente, avenida Senador Virgílio Távora), não passava de uma miragem (o canal 10 foi concedido ao empresário Edson Queiroz, dono da Rádio Verdes Mares). Ou de uma *estratégia comunista*, na opinião do coronel Murilo Borges, prefeito de Fortaleza (1963/ 1966), que denunciou ao Conselho Nacional de Telecomunicações (Contel), em junho de 1965, o *caráter subversivo da nova emissora que seria muito mais perigoso que várias metralhadoras*.

Mas a cidade adquiria televisores pelo crediário e ampliava o raio de ação do canal 2. Televisores públicos eram instalados. Astros e estrelas, reconhecidos nas ruas. O carinho seria proporcional à rejeição. O que estava sendo refletido nesse espelho (mágico) talvez não satisfizesse às fantasias. Nossa tevê *falava cearense*, nossos atores e atrizes eram gente comum, e a Estância não era Hollywood.

Mas a maior vingança foi a indiferença ou o esquecimento que envolveu toda a atividade desenvolvida pela TV Ceará.

Levantada a concessão, retirado o cristal, selados os transmissores, caiu o mais profundo silêncio sobre o canal pioneiro. Em termos de memória coletiva, é o que



os autores chamam de *buraco*. Parte de nossa cultura, significativa, não sofreu o processo natural de transmissão. O imaginário que a tevê propôs esgotou-se, para sempre, na vivência de uma geração, como se não houvesse escrita e aqueles instantes, para nossa frustração, estivessem condenados a ficar no lado avesso do espelho.



AS PUBLICAÇÕES ESPECIALIZADAS

Em março de 1962, foi lançada a *TV Revista*, uma excelente publicação especializada em televisão, segundo o *Unitário*. Editada por Sílvio L. de Castro e Silva, tendo como redator-chefe Adalberto Palmeira e Hamilton Alcântara no departamento de texto, a nova publicação tinha capa dos artistas plásticos Floriano Teixeira e Zenon Barreto.

De circulação dirigida, *TV Revista* era distribuída gratuitamente a proprietários de televisores, conforme pesquisa feita pelos editores junto aos estabelecimentos de eletrodomésticos e ao *Serviluz*, a empresa responsável pelo fornecimento de energia elétrica à cidade.

Quinzenal, a *TV Revista* trazia entrevistas, notícias, reportagens, além, evidentemente, da programação da TV Ceará para o período.

O número três, com data de capa de 7 a 20 de maio, vai trazer modificações no expediente. Carlos Kovak seria o editor e Gilberto de Castro o secretário, além de uma relação de colaboradores, como Daniel Menezes, Renato Aragão, Ronald Soares, Eleônidas de Souza e Hildeberto Torres.

Nove anos durou a *Folha do Rádio* (1953 a 1962). Num primeiro momento, ela estava restrita às duas estações de rádio que disputavam a preferência do ouvinte cearense, a PRE-9 (fundada em 1934) e a Rádio Iracema (inaugurada em 1948). Com a abertura de novas emissoras, a revista cresceu, chegando a vender cinco mil exemplares, muito para a época. Editada por Neuza e Ciro Colares, tinha capas em tricomia, com clichês feitos em Recife. Com a inauguração da TV Ceará, a *Folha* acrescentou um *TV* ao seu título e passou a reservar grande parte do seu espaço ao novo veículo.

As capas exploravam a *mitologia* cearense: Ivone Mary, Dora Barros, Lourdes Martins, Ivonilde Rodrigues. *Folha do Rádio e TV* deixou de circular pelo desinteresse de seus diretores diante de uma escolha dos *melhores do ano* (1960), quando a promoção ganhou nota assinada por muita gente do *cast* associado e até um enérgico comentário do jornalista Juarez Temóteo.

A volta de Selma Lobo à *Tribuna do Ceará*, como titular de uma coluna que antes foi de Ramos e de Cordeiro Filho, encontra a tevê consolidada (1962). No dia a dia de uma coluna, percebe-se a angústia diante do definhamento da programação ao vivo, a preocupação com a implantação do videoteipe e a alegria que foi fazer tevê no Ceará.

O primeiro número da *TV Rádio Revista* chegou um pouco fora de hora, em fevereiro de 1966, quando já estava sendo implantado o equipamento de videoteipe. Pronta no dia 3 e lançada no dia 17, a publicação tinha como diretores Francisco Félix, William Moura e Jomar Pereira. Dentre seus colaboradores: Lúcio Brasileiro, Augusto Silva, Colombo Sá, Francisco Arruda, João Lima, Severino

Cordeiro, Osman Oliveira e Denis Marcos, com fotos de Polion Lemos e Vieira Queiroz. Enganados por um homem de rádio, prometeram segundo número com Ayla Maria na capa, que não chegou a sair.

A falta de perspectiva estava em não compreender que seria difícil a convivência do videoteipe e do telecentro associado (eufemismo para centralizar a produção no Sudeste) com uma produção local. A partir daí, esse espaço passou a ser ocupado por revistas nacionais.



A TELEVISÃO E O TEATRO

A chegada de B. de Paiva, contratado pela Universidade do Ceará, trouxe um grande alento ao teatro de nossa terra.

A criação do Curso de Arte Dramática (da universidade) e a organização da Comédia Cearense (grupo que criou um repertório e renovou o teatro cearense nesse período) foram referências da arte cênica entre nós. Desde Carlos Câmara, o teatro não conseguia uma sintonia tão grande com o público.

Tratava-se, é claro, de uma proposta estética dentro dos valores de classe média, que se formava através da universidade sem maiores comprometimentos com aspirações populares ou mensagens revolucionárias. Mas é impossível deixar de registrar a importância dessa manifestação.

Pode-se dizer que, num primeiro momento, a televisão buscou se legitimar através do teatro. A inclusão da Comédia Cearense (*Canção dentro do pão*) e do Curso de Arte Dramática (*A jangada não voltou*) na comemoração, inaugurada a tevê, reforça essa afirmativa. Na sequência da programação normal, um dominical *Teatro Universitário na TV*, que reprisou o original de B. de Paiva (*A jangada não voltou*) e levou ao vídeo *Madrugada 27*, também de B. de Paiva, com José Maria Lima, Otamar de Carvalho, Leonam Moreira, José Carlos Marçal, Airi Leda Moreira e Francisco Studart, no domingo, 11 de dezembro de 1960.

Ficava difícil para o Teatro Universitário preparar um novo espetáculo toda semana. Mais comprometedor ainda era inibir o desenvolvimento de uma linguagem específica do novo veículo pela apresentação do teatro televisado.

É aí que se acentua o pico da proposta televisiva, com ensaios corridos, marcação exaustiva, convivência com a parafernália, sem que isso possa servir de desculpas para a não apresentação do espetáculo criativo, bem acabado, atraente.



Daí os inevitáveis preconceitos. Os atores, via de regra, consideravam os espetáculos de televisão como de classe B. Mas isso são opiniões que passam.

Antes de qualquer coisa, é inegável que a tevê contribuiu, e muito, para esse sucesso de público e de crítica do teatro cearense dos anos 1960. O teatro da Comédia Cearense iria localizar-se na Estância, em terreno doado pela Prefeitura, com projeto do arquiteto Neudson Braga, cálculos de Waldir Campelo e responsabilidade de Rui Figueiredo. Perto do canal 2, a nova atração turística da cidade. O sonho não se concretizou, vendidos o terreno e a estrutura metálica. Mas continuou a ligação.

Por paradoxal que possa parecer, *Macbeth*, de Shakespeare, cartaz do *Contador de histórias*, de julho de 1961, foi convidado para abrir, num palco, é claro, o 1º Festival de Teatro do Norte, em Recife. Já não se tratava de teatro da tevê, mas de tevê no teatro, o que é no mínimo curioso. Mas aconteceu.

Muita gente dos quadros da tevê tinha saído do teatro. Agora, sucesso de público, poderiam voltar. Dora Barros, por exemplo, atriz carioca radicada aqui por questões familiares, fez *Médico à força*, de Molière, com a Comédia Cearense, em 1962. Na época, ela já brilhava ora como elegante, ora como má, nos espetáculos do canal 2.

Jane Azeredo, a inesquecível *Lucíola* do ciclo José de Alencar do *Contador de histórias* (agosto de 1961), fez parte do elenco de *Araposa e as uvas*, de Guilherme Figueiredo, encenada pelo Teatro Universitário na Concha Acústica, em 1962.

Ary Sherlock e Emiliano Queiroz, juntos, levaram à cena *O julgamento dos animais*, de Eduardo Campos, um espetáculo infantil.

São inegáveis os méritos de Eduardo Campos como autor teatral, mas a Comédia lançou mão desse talento e da força que o superintendente associado tinha à época. Era certeza de divulgação, que transformou *O morro do ouro* em um grande êxito, repetido até a exaustão, em sucessivas e oportunistas remontagens. O

morro do ouro foi à tevê, nas festas de terceiro aniversário da emissora associada, em novembro daquele mesmo ano. Maria da Glória Martins, integrante do elenco da peça de Eduardo Campos, passou a fazer parte, em maio de 1964, do quadro de apresentadores do programa *Perfil da Cidade*, espécie de revista, ao lado do colunista social Lúcio Brasileiro e de Giácomo Mastroiani.

A consciência de que a tevê levava público ao teatro fez com que, em março de 1963, um grupo constituído por Marcus Miranda, Emiliano Queiroz e Maria Luíza Íris Brenno pensasse na constituição do Studio 13, para atuar no teatro. Isso antes da estreia do humorístico *Dois na berlinda*, que lançou para a cidade *Praxedinho* e *Anicetinha*, o casal vivido por Marcus e Maria Luiza, de forte apelo e aceitação populares.

Ainda em 1963, Marcus Miranda, Dora Barros e Almir Teles participaram da montagem de *Rosário, Rifle e Punhal*, de Nertan Macedo, pelo Teatro Universitário. Miranda faria *Antígona*, de Sófocles, com o mesmo grupo.

O sucesso de *Dois na berlinda* teve consequências. A proposta das personagens foi de Alvina Gameiro, mas outros autores foram chamados a intervir, entre eles, B. de Paiva, autor do roteiro do programa que foi ao ar dia 1º de julho de 1963.

O talento de Marcus Miranda, notório, dava credibilidade ao histrionismo de *Praxedinho*. Ele chegava a ser apupado nas ruas. Essa popularidade poderia e deveria ser canalizada para o teatro, e o foi, num primeiro instante, pela Comédia Cearense.

Em 1964, ele foi convidado para viver *João Gangorra*, de R. Magalhães Júnior. No ano seguinte, a semente do Studio 13 se transforma no Teatro Novo.

Ainda em 1964, Guilherme Neto foi escolhido para ter *A Barragem* montada pela Comédia Cearense. A 9 de março, com adaptação e realização de Hildeberto Torres, ela foi apresentada pelo *Contador de histórias*.

Não há registro de exibição pela tevê da nova peça de Eduardo Campos, *A rosa do Lagamar*, encenada pela Comédia Cearense em novembro de 1964.

O teatro continuava sua fase de aquecimento. O público participava ensejando novas montagens. A televisão não era ainda o grande veículo, apesar de novidade e do lazer (quase) de graça.

B. de Paiva volta à tevê, mais precisamente ao *Contador de histórias*, com o texto *Falta um minuto para o amor*, realização de Ary Sherlock. Outro nome de teatro de que a televisão lançou mão foi o de William Alcântara, que teve a peça *Uma noiva para dois* adaptada para a tevê por Gonzaga Vasconcelos, tendo no elenco Jório Nerthal, que fazia sua estreia televisiva.

O jovem galã foi *cooptado* para fazer *A farsa do cangaceiro astucioso*, outro texto de Eduardo Campos. *Amor a oito mãos*, de Pedro Bloch, nova montagem, também de 1965, vai mais além e requisita Dora Barros, Lourdes Martins, além de Jório.

Num processo inverso, Gracinha (que já havia feito o *Contador de histórias* do quarto aniversário de tevê) e Edílson Soares participam da novela *As duas órfãs*. Hiramisa Serra faz comerciais ao vivo. Ernesto Escudero trabalha em *O Conde de Monte Cristo*, realização de Hildeberto Torres. Aderbal Júnior é garoto-propaganda, apresenta o *Telex-consumidor* e é considerado a revelação de 1965, embora só no ano seguinte vá participar de telenovelas (*Arrastão*, *A rediviva*).

O grande sucesso do teatro cearense, *A Valsa Proibida*, de autoria de Paurilo Barroso, que teve sua segunda versão em 1965, baseou-se numa bem-cuidada montagem para reforçar a fragilidade do texto e no apelo popular de Ayla Maria, para se transformar no sucesso de público que, inegavelmente, foi.

Também no elenco, Matos Dourado, que desde novembro de 1964 apresentava no canal 2 o seu *Teatrinho do bom companheiro* e, em 1965, passou a ser mestre

de cerimônias de *Romcy gira a sorte*. Estreou como ator no *Contador de histórias* participando de *O Matador*, de Oduvaldo Viana Filho.

Constituído o Teatro Novo, partiu-se para a experiência mais palpável da colheita dos frutos, no teatro, do desempenho de papéis na tevê. *Deu Freud contra*, de Silveira Sampaio, com Marcus Miranda, Maria Luíza e Aderbal Júnior, incluía no elenco a *ingênua* ou a *doce e suave* Íris Brenno, estrela das novelas de tevê.

Eles ousaram, mercadologicamente, ao incluir no material promocional do grupo, por exemplo, nos anúncios de *Uma janela para o Sol*, também de Pedro Bloch, os nomes dos personagens que representavam todas as semanas na tevê. *Dona Xepa*, outra peça de Pedro Bloch, encenada em 1966, contava com outra estrela da tevê, Cleide Holanda, além de Francisco Arruda, coadjuvante de *Dois na berlinda*.

Três ratos cegos, de Agatha Christie, espetáculo de 1966, baseia-se no prestígio do colunista social e apresentador de tevê (*Primeiro Time*, *Spot Light*, *Eles fazem a cidade*, *Perfil da cidade*) Lúcio Brasileiro, estreando como ator.

O casamento da Peraldiana, de Carlos Câmara, que a Comédia Cearense montou em 1966, tinha, da tevê: Lourdes Martins, Salete Dias, Ayla Maria, Rinaldo Moreira e Matos Dourado. Gravado em videoteipe, foi exibido numa das primeiras apresentações, ao público, do novo equipamento e suas potencialidades.

Ainda em 1966, Emiliano Queiroz adaptou *Cinderela*, sob medida para Ayla Maria, a cantora mais bem produzida e divulgada do rádio e da TV cearenses, contando, à época, com discos gravados, viagens e apresentações em outras praças, programa próprio aos domingos, santinhos com letras de músicas, coluna em *Gazeta de Notícias* e até fã-clube, dirigido por Célio Curi.

Procura-se uma rosa, de Gláucio Gil e Pedro Bloch, contou com Gonzaga Vasconcelos, Lourdes Martins, Salete Dias e Matos Dourado.

Teatro e tevê se usaram, fica bastante claro com toda essa exemplificação. Se o prestígio de Eduardo Campos abria as portas dos veículos associados para promoção, a verdade é que, posteriormente, os grupos tomaram consciência do que atores e atrizes valiam e passaram a não ter escrúpulos de apelar para o popular, sem desgaste de suas propostas estéticas.

A necessidade de reciclagem fez com que Emiliano Queiroz e Ilclemar Nunes se formassem pelo Curso de Arte Dramática, em 1963. E a tevê foi capaz de importar do rádio e de criar seus próprios atores e atrizes, trabalhando com outro espaço, outra noção de ritmo, outras convenções no que se refere à movimentação, emoção, fala.

Numa posição conciliatória, mas verdadeira, saíram ganhando ambos. O tempo prova que não havia razão para competição, estavam todos no mesmo barco, na luta pelo espaço para a criatividade e a arte entre nós.



NOSSOS COMERCIAIS AO VIVO

De repente, uma funda modificação no fazer publicitário. Os anúncios de jornal, que já ganhavam algum requinte e acabamento, em termos de *lay-out* e de texto, e os *spots* de rádio, muitas vezes improvisados pelos próprios locutores, contavam com o reforço dos comerciais de tevê. Um grande desafio.

A preocupação da existência de um mercado anunciante para a tevê foi bem-respondida pelas empresas locais. Tarcísio Tavares chama a atenção para isso em sua coluna de *Gazeta de Notícias*.

As agências tiveram de reformular conceitos e procedimentos para tirar partido do novo veículo. Em termos de agências e anunciantes locais, é o momento da bateria de *slides* e do comercial ao vivo.

Iríamos começar a aprender tudo num pequeno estúdio do segundo andar, entulhado de material a ser anunciado, diante de uma câmera Vidicon TK 15 / TK 35.

É quando entram em cenas as garotas-propaganda. Todas cercadas, no noticiário especializado, por uma adjetivação farta e por uma recorrência a estereótipos necessários para vendê-las, antes do que elas teriam para vender.

Stelinha Barbosa seria *graciosa* e lembraria Marta Rocha, sendo responsável por verdadeiros *shows* de dicção, beleza e desempenho em cena.

Rita Angélica seria *simpática*. A loura garota-propaganda do sabonete Sigel e de tantos comerciais, encantando os telespectadores e aquecendo as vendas através do vídeo.

Adalgisa era definida como *elegante*. Nas colunas de fofocas, teria feito plástica no nariz. Eficiente, vendia ações, fazia corretagem, sendo agente publicitária de várias casas comerciais.

Shirley Ibiapina era a *discreta*. De aeromoça da Varig ou apresentando o Simca Jangada, teria sido a mais competente, segundo os jornais.

O que se cobrava delas era pouco. A agressividade publicitária não tinha sido desencadeada para valer. Os jornais pediam *aplausos às exibições destas belas criaturas que aparecem no vídeo, levando suave e agradável mensagem aos telespectadores*. Talvez bastasse ao mercado, naquele instante. Faltava a bossa, o duplo sentido, o gancho que serviria de elo entre o produto e o público. Mas

não compensariam elas com afeto o amadorismo de uma publicidade que dava os primeiros passos?

Emiliano Queiroz dirigia os comerciais ao vivo. Ele mesmo, um anunciador dos mais presentes ao vídeo, como Narcélio Limaverde. Orlando Santos, no Dia das Mães de 1963, também pontificou como anunciador.

Mas a grande atração desses primeiros tempos foi o *expert* Pires (José). Contratado dos cosméticos Coty, cumpria agenda de viagens. A maledicência da cidade achava o cúmulo que ele se maquilasse. Ou que encerrasse suas apresentações com um estalar de dedos e com o bordão: *combinado e tchau!* Ele veio várias vezes a Fortaleza, de 1961 a 1965. São frequentes os registros de sua passagem vendendo beleza e ilusão.

Numa primeira fase, a tônica seria a discrição, a sobriedade, a elegância. Mas, já em novembro de 1962, Salete Dias dava o ar de sua graça vivendo a negrinha do óleo Pajeú. Neide Maia tinha lugar de destaque na realização de sorteios ou contracenando com Emiliano Queiroz num comercial de patrocínio de *Dois na berlinda*.

Karla Peixoto assumiu a direção do departamento de comerciais ao vivo, com a viagem de Emiliano Queiroz ao Sul, de julho a outubro de 1963. E, definitivamente, a partir de 1964, quando o ator emigrou de vez para brilhar no plano nacional.

Dona Regina Lúcia, uma anunciadora senhora, ganhava elogio de Selma Lobo: *ativas abelhas que fazem o sucesso desse veículo de enorme força de vendas. A tevê apenas engatinhava.*

Sérgio, filho da atriz Maria Luíza e do dublê de ator e cenógrafo Rinauro Moreira, fora escalado para um comercial ao vivo. Novos nomes: Marizete Batista, Tônia Saldanha, Ivoneide, a morena Vera Soares, Marilene Araújo. A menina-moça Tatiana Gaspar encantou a cidade vendendo a boneca *Pierina*, grande sucesso da época.

Aldailo Silva, Astrolábio Carvalho, Rogério Castelo Branco, Antônio Pinheiro, Jurandir Pascoal, William Oliveira, Raimundo Nonato (Baiano), Luiz Gerardo (o *ator brotinho*) foram anunciadores. Também Assis Santos, depois empresário de propaganda, na época apresentando comerciais de *Fort-imóveis* e do *Romcy*.

Não se devem esquecer Valdora Duarte, Triáde Gioconda, Vênus Ibiapina, Fátima Cintra, Ilza, Iracema Fernandes, garotas cujo papel foi definido na época, como o da *amiga distinta e correta, que entra em casa nos aconselhando certos produtos*.

Do teatro, a tevê foi buscar Hiramisa Serra e Aderbal Júnior para estrelarem comerciais ao vivo.

Mas um capítulo especial mereceria Antônio Mendes, o Toinho, revelação dos programas de humor da TV Ceará, onde fazia escada para Renato Aragão em *Vídeo alegre*. Toinho passou pelo teleteatro, mas foi nos comerciais ao vivo, fazendo o gênero matuto grosso e aperreado, que ele viveu seu grande papel. Ele criava, improvisava a partir de um mote, acrescentava cacos à fala, tomava de empréstimo situações do programa em que o comercial estava inserido. Tudo dentro da mais autêntica escola da mambembagem, próximo do circense, do teatro de revista, um código essencialmente popular de representar. Antônio Mendes passou a ser Toinho, sua personagem e *alter-ego*. Ele não temia o mau gosto, assumia a cafonice, expunha nosso lado vulgar na fala que não imitava sotaques, na grossura do bodegueiro transplantado para a sofisticação da mídia eletrônica. Ele teve sua vez.

Toinho resgatava nossa molecagem e irreverência, indo tomar de empréstimo aos camelôs técnicas e bossas. E tinha o *physique du rôle*, convencia. Só que isso era feito com muita pureza, ingenuidade e alegria. De cartola, anárquico, exhibe uma insólita galinha morta. Ultrapassa o videoteipe, vai conviver com mercantis e outros anunciadores (Samantha Rainbow, Vera Maria Veras, Ana Maria Aquino,

Sandra Gentil), num tipo de comercial que, com bossa e glacê, efeitos e cores, é mantido por muitas agências ainda hoje.



A NOVA IMAGEM DO NEGÓCIO PUBLICITÁRIO

O mercado ainda reagia à presença das agências. A corretagem ainda prevalecia, mas acossada pelas tímidas exigências dos clientes que esses profissionais polivalentes não tinham condições de atender cientificamente.

Os corretores e os departamentos comerciais dos veículos – Rômulo Siqueira à frente, no caso associado, com assistência de Narcélio Limaverde – cediam algum espaço para os departamentos de propaganda das empresas. O clima era favorável ao surgimento de agências, mas teriam de pagar um alto preço pelo pioneirismo do empreendimento. Sentindo os novos ares que sopravam, mas sem querer largar sua parte do leão, o canal 2 logo se posicionou como fornecedor. A notícia de abril de 1961 é significativa. Depois de uma referência negativa à *monotonia dos slides parados*, proclamava que estava dando os primeiros passos para a produção de filmes comerciais. Pouco modesto, o texto falava em *filmados com perfeição* e o bairrismo mal-disfarçado saía na afirmativa da concorrência em pé de igualdade *com os produzidos no Sul*. A atitude pioneira ficaria por conta da *Casa Parente*, que encomendara ao canal 2 o planejamento de sua campanha de lançamento da

coleção *Renner British Look*. Os três filmetes seriam realizados pela seção de cinema da emissora associada do Ceará.

Em 1963, os Associados contavam com um bem-estruturado e todo-poderoso grupo de corretores, embrião de agência, onde, sob o comando de *seu* Dudu Brígido Monteiro, pontificavam Barroso Damasceno, seu assessor; Juarez Temóteo, como redator; Jomar Pereira e William Moura, na arte.

O incansável Heitor Costa Lima, empreendedor e talentoso homem de rádio e publicitário, estava na equipe. A VPI englobava publicidade e empreendimentos, como o lançamento do Palácio Progresso, do Palácio Coronado e, posteriormente, do América. Agência por excelência do primeiro veterado (1962/ 1966), comandada por Aécio de Borba, tinha Juarez Barroso como redator.

Colunista publicitário de *Unitário*, Barroso Damasceno falava numa nova propaganda cearense, numa nova mentalidade introduzida por Tarcísio Tavares, na época da Mac Cann; por Airton Rocha e Fernando Pouchain, da Norton; e por *seu* Dudu, que, confirmando sua visão e faro empresarial, em abril de 1964, aliar-se-ia a Tarcísio Tavares, constituindo a *Publicinorte*, marco na história da publicidade cearense.

Ainda em 1963, Polion Lemos estava tencionando instalar um departamento de filmagens, em associação com a *Abelha*, a agência de Guilherme Neto e Augusto Borges, que iria adquirir equipamento nos Estados Unidos.

A *Vox Publicidade*, de Gerardo Barbosa, dizia dedicar mais atenção à tevê e citava como seus clientes *Casas Silcar*, *Óleo Patury*, *Casa Parente*, *A Pernambucana*, dentre outros.

Contavam à época com departamentos de publicidade o grupo *Rouvanni* (Rouvanni, Rouvanni Esporte e Armazéns do Povo) e o conglomerado das lojas *Magazine Sucesso*, *Super Loja A Capital* e *Casa Vênus de Millus*, que, posteriormente, se fundiram no *Romcy*.

O ano de 1964 vai significar, além da entrada em cena da *Publicinorte*, o desempenho maduro da *Ilka*, de Almir Pedreira, chegando ao ponto de produzir filme em São Paulo para o lançamento da carta GIS, um seguro infantil.

O sucesso de *Dois na berlinda* deixou Marcus Miranda e Maria Luíza com planos de organizar uma agência, tantas as solicitações de patrocínio, numa fase de sucesso que eles queriam administrar empresarialmente. Não foi à frente.

Notícia dá conta de constituição da *GP*, agência de Guilherme Neto e Polion Lemos, também um jogo envolvendo grande plano ou GP, conforme explicações dadas então por eles.

A publicidade lançava mão dos mitos da tevê para anunciar. A *Ilka* recorreu ao *Praxedinho*, ou seja, ao ator Marcus Miranda, num anúncio do *Supermercado Lidomar*. *Galinha é um prato excelente... Mas galinha todo dia! Vamos variar o cardápio*. A sequência de fotos mostrava o tédio de Miranda ao ter de se submeter à mesma dieta na montagem de fotos que significava a passagem dos dias.

Orlando Santos, apresentador de telejornais, num anúncio do *Balneário Pirapora* (em Maranguape), dava credibilidade ao empreendimento de José Alcy Siqueira, ao afirmar: *esses querem certeza*. O carisma de Emiliano Queiroz era utilizado na mídia impressa para vender o *Carnet Romcy da Sorte*.

A *Scala*, constituída, em março de 1965, por Barroso Damasceno, Hélio Catunda e Walter Catunda, anunciava para breve um filme vendendo ações do *Ceará Sporting Clube*, assinado por João Siqueira.

Gonzaga Vasconcelos, realizador da equipe associada, além de teleator, constituiu a *ECOS Publicidade*, que, em anúncio publicado em abril de 1965, adotava como *slogan*: *A melhor equipe. A melhor publicidade*. E apresentava seu quadro: Neide Maia, Narcélio Limaverde, Hélio Sousa, Edésio Amorim. Cinegrafista: Polion Lemos. Como locutores: Emanuel Cabral e Jomar Pereira, na

arte; e Oliveira Ramos e Mauro Ribeiro, na redação. E como apresentador de tevê, o próprio Gonzaga.

Ainda em 1965, a *Ilka* recorreria a João Ramos, cartaz permanente do rádio e da televisão, a Maria Luíza e Ayla Maria, numa segmentada e bem-produzida campanha do *Óleo Salutar*. João não dispensaria uma boa macarronada, Maria Luíza dava a receita de um senhor risoto de camarão e Ayla Maria recomendava a lagosta preparada com maionese, onde o ovo era batido com o *Óleo Salutar*.

Em outubro daquele mesmo ano, numa ousadia da *Publicinorte*, que desde março reforçava o lance jovem com a supervisão do programa *TV Juventude*, lançava-se coleção de camisas *Saronord*, na tevê, com comercial de Augusto Pontes e participação do grupo Cactus, que aliava teatro a música popular.

A publicidade entrava numa idade adulta. Outro corretor, Virgílio Machado, associou-se a Augusto Borges, em março de 1966, na *Virma*. E foi dado um passo em direção a uma publicidade mais empresarial, criativa e científica. Nisso tudo foi decisivo o papel da tevê: ela impulsionou e deu ritmo ao negócio da propaganda.



NA PAUTA DOS TELEJORNAIS

Um desafio, esse de fazer telejornalismo em 1960. O talento tinha de recompensar a falta de recursos, na elaboração de um produto que tivesse boa cotação na categoria das trocas simbólicas. A notícia tinha de ser a grande atração.

A tradição do oligopólio associado teria de ter um equivalente respeitável no noticiário do novo veículo. A televisão entrava no ar para amplificar um discurso e legitimar uma proposta de aliança com o poder, mantida desde que Assis Chateaubriand deu o impulso necessário à formação do conglomerado.

O *Matutino Prenove*, à época, significava prestígio. Editado por Aderson Braz, o rádio noticioso passou a ter a concorrência da tevê, que não deixava de ser uma ameaça à sua hegemonia, embora muitos dos avanços tecnológicos ainda estivessem no terreno da ficção científica.

O desafio do telejornalismo, como o da tevê de um modo geral, é que as pessoas envolvidas tinham de aprender fazendo. Não existiam profissionais preparados com vivência de linguagem do novo veículo. O importante era manter o ritmo.

Foi o que fez Luciano Diógenes, jornalista ligado aos quadros associados. No início, deveriam ser colocados no ar, de segunda a sábado, o *Repórter Cruzeiro* e o *Correio do Ceará na TV*. Aos domingos, a *Telesemana Unitário*, uma resenha.

Nos primeiros dias, Luciano Diógenes contou com a participação de Tarcísio Holanda, logo em seguida substituído por J. Ciro Saraiva.

O editorial dos Associados insistia no mito da informação imparcial. O lema dos noticiosos da TV Ceará seria *informar o máximo, sem comentar nem tomar partido*. Diógenes e Saraiva constituíam a equipe *entrosada e de alto sentido profissional, de que não restam dúvidas*.

Ao insistir em mascarar o papel de transmissão de ideologias e instrumento de poder que cabe à imprensa, os Associados diziam *deixar ao público o julgamento e a interpretação das notícias*, razão de terem ganho a simpatia e a confiança dos telespectadores que se habituaram a encontrar nos dois noticiosos de vídeo a *informação exata, sem distorção nem sensacionalismo vulgar*.

Pouco tempo depois, o *Correio do Ceará na TV* passou a se chamar *Repórter Real* (companhia de transporte aéreo, absorvida pela Varig), num procedimento que poderia indicar, tal como a vinculação do *Repórter Cruzeiro* à *loja líder em confecção*, um laço mais forte que a simples chancela, ao assumir o patrocinador a própria identidade, no título, do programa sob sua responsabilidade.

A televisão já percebia o poder de fogo que detinha e já tinha consciência de que divulgava à noite a notícia que os jornais trariam no dia seguinte. Importante ressaltar que os grandes jornais de Fortaleza, *O Povo* e *Correio do Ceará*, eram vespertinos, sendo os de maior tiragem e vendagem. Ficava implícita a força desse hábito, que só seria revertido na virada para os anos 1970, quando todos os jornais passaram a ser matutinos, por conta dos departamentos industriais.

Narcélio Limaverde apresentava o *Repórter Cruzeiro*, no seu estilo da *coisa dita a sério, mas sem ênfase desnecessária*. Cândido Colares e Aderson Braz, juntos no *Repórter Real*, contavam com filmes recebidos, diariamente, do Rio, de São Paulo e de Recife, bem como noticiário internacional distribuído pelas embaixadas. Edson Martins, profissional do rádio que a tevê requisitou, fazia aos domingos a *Telesemana Unitário*, onde se encaixava então o *Panorama Pan-Americano*, série de filmes distribuídos pelo United States Information Service (USIS), que desempenhou um papel tão decisivo no Brasil pré-1964 e, segundo alguns, na articulação do golpe. *Atualidades artísticas*, apresentado por Paulo Limaverde, dava ênfase ao enfoque local. O campo coberto pelo jovem narrador,



de muito futuro no vídeo, constituía um caleidoscópio de informações e novidades de cinema, teatro, literatura, artes plásticas e música.

Uma análise dos *slogans* diz bem dos telejornais. O *Repórter Cruzeiro* traz *hoje a notícia que você lerá amanhã*. O *Repórter Real* seria *realmente o máximo em informação*. Pouco tempo depois (julho de 1961), ele voltaria a ser o *Correio do Ceará na TV*, por questões comerciais.

Uma dissecação da estrutura do segundo noticiário mostra a complexidade e a articulação de vários segmentos e enfoques na montagem de um vasto painel noticioso. *As últimas de Fortaleza, Informes do interior, Acontece no Brasil, O mundo em face, A legislação em ação, A última notícia* eram, por assim dizer, seções do telejornal associado, onde o sentido ético seria a *mola-mestra*.

Em abril de 1961, é anunciado como próxima atração um noticioso-relâmpago, de tempo não superior a dois minutos, com três emissões diárias. Seriam *notícias de última hora, curtas e diretas*. Depois batizado como *Noticiário relâmpago*, da Casa das Máquinas, *o maior crediário do Ceará*, iria ao ar às 18h58min, com nova edição às 19h40min e última apresentação às 21h22min, inclusive aos domingos, com Paulo Limaverde.

O *Noticiário Relâmpago* forçou uma reorganização do pessoal, ficando Aldenor Maia com as *Atualidades Artísticas*, de que foram atração B. de Paiva, Jorge Amado, Raimundo Girão, Artur Eduardo Benevides, Renato Braga, Caio Porfírio Carneiro, João Clímaco Bezerra, até passar, isso já em 1963, para a apresentação de Assis Santos.

Outubro de 1961 vai significar um fato novo para a vida dos telejornais, a contratação de Teobaldo Landim e Egídio Serpa para reforço da equipe.

Dava para pressentir que viriam mudanças. No final do mês, J. Ciro Saraiva é confirmado como o novo diretor do Departamento de Telejornais da emissora. Luciano Diógenes continuaria no *Correio do Ceará* e responsável pelo *Atualidades*

Artísticas, mantendo assim seus vínculos com a tevê. A registrar o trabalho de Leocácio Ferreira e Paulo Sales no departamento de cinema, com reportagens que muitas vezes não iam ao ar no mesmo dia por conta da complexidade de revelação de filmes, secagem e seleção do material a ser aproveitado.

Parece não ser tão importante acompanhar o vaivém dos apresentadores, mas sim traçar uma linha de evolução do telejornal cearense como linguagem, recursos e criatividade. Mesmo assim, é necessário lembrar que, em fevereiro de 1962, Cândido Colares passou a ser o homem do *Repórter Cruzeiro*. Aderson Braz e Paulo Limaverde, no *Correio do Ceará na TV*, até a volta de Orlando Santos. Édson Martins, na *Telesemana Unitário*.

A posse de Virgílio Távora, no Governo do Estado, e de Murilo Borges, na Prefeitura de Fortaleza, foi reportagem exibida no mesmo dia pela tevê, o que na época era mostrado como fato digno de registro, pelo esforço que deverá ter sido feito para tornar possível esse desempenho. Foi quando Polion Lemos passou a integrar a equipe, dando maior mobilidade às reportagens, cobrindo, por exemplo, em janeiro de 1963, o Congresso de Jornalistas em Canindé e preparando as lentes e câmeras para a cobertura do carnaval.

A grande penetração e o prestígio da revista *O Cruzeiro* dava respaldo a David Nasser para que o seu *Diário de um repórter* fosse lido diariamente no canal 2 por João Ramos, que para isso decorava toda a crônica, segundo jornais da época.

Uma reportagem internacional que marcou época foi a cerimônia de exéquias do papa João XXIII, cuja morte levou a tevê a modificar a programação naquele dia, como faziam as rádios em instantes de luto tocando música erudita.

Dois programas jornalísticos marcaram 1963: *Primeiro Time*, onde Lúcio Brasileiro falava de política, sociedade e esporte (depois substituído por *Spot Light*, com o mesmo jornalista) e *Eles fazem a cidade*, realização de Gonzaga Vasconcelos, com Tarcísio Tavares, Lúcio Brasileiro e Lustosa da Costa, que

manteve, por mais de dois anos, até janeiro de 1964, às quintas-feiras, o *Política quase sempre*.

Na coleta de material para os telejornais, a partir de fevereiro de 1964, Clesivaldo Sousa. Teobaldo Landim continuava na redação e J. Ciro Saraiva imprimindo marca pessoal em sua passagem pela direção desse departamento.

Abril de 1964 vai trazer de volta ao vídeo o associado Narcélio Limaverde, que cumpriu temporada como contratado da Rádio Dragão do Mar. Ele assumiu o *Correio do Ceará na TV*, ao lado de Orlando Santos. Outra novidade foi a estreia de *Perfil da cidade*, programa da Norton, que iria juntar Giácomo Mastroiani, Lúcio Brasileiro e Maria da Glória Martins, vindo a contar, posteriormente, com a participação de Lustosa da Costa, que, como funcionário público federal, cumpriu temporada em Brasília.

Junho de 1964 marca a substituição de Leocácio Ferreira por Polion Lemos, que logo partiu para o Rio com Augusto Borges para a cobertura de *Miss Brasil*, concurso vencido pela paranaense Ângela Vasconcelos.

Nos planos ambiciosos que foram traçados, uma reportagem semanal de Polion Lemos, com narração de J. Ciro Saraiva. Seria qualquer coisa como: *As reportagens de Fulano de Tal*, que depois evoluiu para a *Penúltima reportagem*, ideia de Narcélio Limaverde e Polion Lemos, a qual ficou à espera de horário e nunca foi ao ar.

Vale a pena relembrar o *esforço de reportagem* para a cobertura da visita de Castello Branco, Presidente da República, a Fortaleza. Ou os exercícios do CPOR, em Baturité. Bem como as emoções de uma vaquejada em Mossoró. Ou as pompas da festa que Sobral fez para Dom José Tupinambá da Frota, seu bispo-conde. Para não deixar de falar na entrevista com um ex-motorista de caminhão que se tinha transformado num dos homens mais ricos do Cariri. Muitas dessas reportagens, como a da festa de São Francisco de Canindé ou a que registrou a

descontração de um domingo em Fortaleza, ou ainda sobre a sordidez da Casa de Detenção, foram realizadas para o programa *Sempre aos domingos*, de Ary Sherlock, com apresentação de Narcélio Limaverde e a participação de Polion Lemos na sequência *Um fato em foco*.

Clesivaldo Sousa, aprovado em concurso para o Banco do Brasil, deixou o departamento de telejornais. As cinco edições diárias contavam com as seguintes fontes, segundo o *Unitário* da época: Rádio Nacional, de Brasília; Rádio Nacional, do Rio; Rádio Tupi, do Rio; Rádio Inconfidência, de Minas Gerais; Rádio Clube de Pernambuco; Rádio Globo, do Rio; e Rádio Excelsior, da Bahia.

Nos planos, a contratação de um fotógrafo para a feitura de *slides* das personalidades enfocadas, um *quem-é-quem* dos que eram notícia na cidade.

Já naquela época os jornais seriam fartamente ilustrados com filmes e *slides*, obtidos, muitas vezes, graças ao recorte de revistas e outras publicações, para não dar ao noticioso o caráter estático, de prevalência da figura do apresentador. Contratado para o telejornal, Lindberg Pirajá desligou-se, *incontinenti*, optando pelo teleteatro. Francisco Félix, até então rádio-escuta, foi o novo escolhido por J. Ciro Saraiva para compor a equipe.

Alcion Lemos, o fotógrafo contratado pelo departamento, também se iniciava como telegrafista. Em novembro de 1964, já subiu para mil o número de *slides* de personalidades do Ceará, Brasil e mundo nos arquivos da TV Ceará. Número que deveria ser duplicado até o final do ano, conforme recomendação expressa de J. Ciro Saraiva.

Na pauta, a cobertura da reunião da Sudene e da Aliança para o Progresso em Fortaleza. Orlando Santos apresentava o *Noticiário relâmpago*, de segunda a sábado, sendo substituído aos domingos por Baman Vieira.

Terminava 1964 deixando um saldo favorável. O departamento de telejornalismo, à frente Paulo Limaverde, era considerado modelo de organização.

Já poderia dispensar parte do sintomático apoio da filмотeca do USIS em Fortaleza (depredado no período anterior ao golpe, acusado de espionagem a favor dos norte-americanos), que cedia, para exibição pelo canal 2, o *Panorama pan-americano*, documentário com acontecimentos políticos, administrativos e diplomáticos das três Américas, e o *Telegrama Britânico*, bem como concertos do lar, desenhos animados, filmes educativos (Disney dando conselhos de saúde e higiene) e culturais. Já se podia falar num terceiro momento dos telejornais associados.

Uma palestra semanal do governador vinha substituindo, de modo definitivo, o programa político de Lustosa da Costa, desde janeiro de 1964. Em *Política quase sempre*, o editor da *Resenha política*, do *Unitário* e dos programas *Estas são confidenciais* e *Crônicas do Ceará*, lidas ao microfone da PRE-9, entrevistava fora de quadro (em *off*) a partir de perguntas feitas pelo telefone, por telespectadores.

Pontes Neto, JK, Waldemar Alcântara, Luís Campos, Luciano Magalhães, Parsifal Barroso, Tenório Cavalcante, Edgar Linhares, José Colombo de Sousa, Temístocles de Castro e Silva, Martins Filho e Armando Falcão (*nada a declarar*) foram alguns nomes que Lustosa levou à tevê.

O ano de 1965 vai encontrar uma grande expectativa por mais uma *feira do século*. Essa era a chegada a Fortaleza das linhas de transmissão de Paulo Afonso, que mereceu uma cobertura externa do canal 2 e uma fala extemporânea do governador Virgílio Távora, o qual fez menção no palanque, ao lado de Castello Branco, aos esforços de João Goulart, de quem tinha sido ministro da Viação, o que provocou visível mal-estar.

Lúcio Brasileiro pontificava ainda no *Spot light*. E *Sempre aos domingos* continuava com reportagens de Polion Lemos.

Maio vai trazer um fato novo, de significativo alcance. O lançamento do *Telejornal Correio do Ceará*, que iria ao ar de segunda a sábado, às 21h50min, com supervisão de Guilherme Neto. Uma leitura, mesmo superficial, já diz da

evidência de dissensões internas que iriam perdurar até a substituição de J. Ciro Saraiva da direção do departamento de telejornalismo, em março de 1966.

O *Telejornal* como que criou uma duplicidade de ordens dentro da emissora e foi ao ar com uma grande equipe e ampla divulgação. João Ramos ficaria com a parte internacional, Lúcio Brasileiro com enfoques socioeconômicos, Lustosa da Costa com a política partidária, enquanto a Augusto Borges caberia o panorama policial. Esportes seriam da alçada de Wilson Machado, noticiário nacional de Gonzaga Vasconcelos, política administrativa de Aderson Braz. Juarez Temóteo assinaria comentário, enquanto Polion Lemos seria responsável pelas reportagens fotográficas.

A qualidade do novo telejornal é comentada. *A Tribuna do Rádio e TV* chama a atenção *para a variação de notícias, numa seqüência bem-concatenada.*

O cinema de Cascavel teria mudado o horário da exibição do filme para não ser prejudicado pelo sucesso do telejornal, que ganharia o patrocínio da *Crasa*, a partir de 22 de junho, incorporando ao título a razão do seu patrocinador. Isso depois de um jantar na *Baiuka*, restaurante na já então efervescente Beira-Mar.

Enquanto isso, o *Noticiário relâmpago*, então redigido por Francisco Félix, passava a ter apenas duas edições diárias, apresentadas por Narcélio Limaverde. Cândido Colares era o *Repórter Cruzeiro* e a redação dos telejornais competia a Teobaldo Landim e Francisco Félix, sob o comando de J. Ciro Saraiva.

O *Telejornal Crasa* passou a ser coordenado por Gonzaga Vasconcelos. E estariam todos enquadrados nos parâmetros de isenção e honestidade, tônica das empresas associadas, onde, segundo declarações de Eduardo Campos, *existe ambiente para um autêntico diálogo, com liberdade de opinião e de ação democrática.*

O *Telejornal Crasa* foi escolhido pela coluna *Rádio e TV*, do jornal *Unitário*, como o melhor programa de televisão local em 1965. Já Narcélio Limaverde era o

melhor apresentador e passava também a redigir o *Noticiário relâmpago*, a partir de janeiro de 1966.

Foi numa edição do *Repórter Cruzeiro* (21 de janeiro) que uma notícia não tão surpreendente foi dada: a confirmação da chegada do equipamento de videoteipe. Essa era uma novela que se vinha arrastando há bastante tempo. A novidade chegou a ser prometida para as festas do quarto aniversário da TV Ceará e entrou num compasso de espera e adiamento, com fundos e negativos reflexos para a programação da emissora em 1965. O final do *Contador de histórias*, a junção de *Videorama* e *TV de romance* numa única atração (*Teatro de novelas*), o aumento dos enlatados e a redução da equipe são fatores que justificam uma míope euforia pela chegada do equipamento de videoteipe. Afinal de contas, era prometida a geração de programas locais para exibição nacional, o que nunca veio a ocorrer.

Narcélio Limaverde passou a ser o locutor exclusivo do programa do Governo. Mas a novidade de fevereiro de 1966 foi a estreia de *Telex-consumidor*, programa de Francisco Félix, apresentado por um nome que brilhava nos palcos e nos vídeos da TV Ceará: Aderbal Júnior.

A escolha de Aderson Braz para dirigir o departamento de telejornalismo foi justificada pela necessidade de *dinamizá-lo e transformá-lo na mais segura e eficiente fonte de informação ao público*. Dia seguinte, J. Ciro Saraiva estrearia no *Correio do Ceará*, na elaboração de grandes reportagens.

Confirmado como chefe de reportagem, Narcélio Limaverde manteve Francisco Félix na equipe, como redator. Com a colaboração de Rodrigues Lopes no noticiário político, Wilson Ibiapina também passou a integrar a equipe de rádio e tevê dos Associados.

O *Repórter Cruzeiro* era considerado o noticiário padrão da televisão do Ceará. Cada edição contava com uma média de 50 slides. J. Ciro Saraiva teria sabido imprimir um ritmo de telejornal, onde a palavra reforçava a imagem e se

complementavam num todo, longe de ser rádio com imagem. Essa lição teria ficado.

Em relação ao telejornalismo, o videoteipe passaria a ter papel importante, pela mobilidade que dava às reportagens externas, pela simplificação da edição, em termos, visto que o sistema helicoidal adquirido para Fortaleza só possibilitava a edição no dedo. Foi um avanço. Muito tempo depois se soube que algumas imagens do carnaval de rua daquele ano, exibidas pelo *Repórter Cruzeiro*, tinham sido geradas pelo novo equipamento, sem que tivesse sido revelado naquele instante o tipo de reportagem que estava sendo exibida.

Outro grande instante do telejornalismo do canal 2 foi *Dimensão total*, com chancela da *Metas Comunicação*, inaugurando o horário do almoço, com um tratamento mais leve, o qual entrou no ar em 1971. Mas essa é outra história.



O ESPORTE COMO ESPETÁCULO

Os outros faziam a festa, mas a TV Ceará se responsabilizaria por divulgá-la. Isso ela o fez com cuidado e permanência.

Partindo-se do estereótipo de que esporte vende jornal, nada mais lógico do que transplantar esse raciocínio para o campo da reportagem de tevê.

A legislação posterior proibiu, para não prejudicar as rendas, a transmissão direta de espetáculos para a mesma cidade. Os jogadores, bem mais profissionais, passaram a exigir o direito de arena, afinal de contas, eles são os astros do espetáculo. Mas a verdade é que a TV Ceará se preparou, cuidadosamente, para ter um desempenho competente nesse campo.

A primeira providência foi a estruturação de um departamento de esportes, que já partia da experiência e tradição da velha PRE-9. Era mais fácil se trabalhar quando já se tinha um suporte aprovado na prática.

A adequação desse pessoal à linguagem de tevê seria mais simples, uma questão de treinamento e de vivência. Por isso, Wilson Machado foi estagiar na TV Rádio Clube, de Recife. A ele caberia a chefia da equipe. Na esteira da necessidade de reciclagem, Aliatar Bezerra tomou o mesmo rumo.

Mesmo antes de a estação ser inaugurada, em círculo fechado, a equipe testou, a partir do Presidente Vargas, o equipamento e se exercitou para o grande dia. A transmissão de Ceará X Gentilândia transcorreu sem maiores problemas ou dificuldades, só os necessários ajustes, comuns a todas as estreias.

A equipe se revezava na apresentação diária de *Esportes na TV*. Wilson Machado era o titular às segundas e quintas. Nas terças e sábados, o comando ficava com José Eudes. Carlos Alberto Farias apresentava o programa às quartas e sextas. A resenha esportiva dos domingos contava com os três, era o grande dia do futebol, o esporte que empolga este País.

E se sucederam América X Calouros, Ferroviário X América, num levantamento que se confunde com a própria tabela do Campeonato Cearense e dos jogos realizados aos domingos.

O primeiro grande clássico transmitido foi Fortaleza X Ferroviário. A frieza da transmissão talvez chocasse os ouvidos mais acostumados à verdadeira cascata de palavras dos locutores de rádio. O veterano Mozart Marinho, também da PRE-9, foi requisitado para narrar os prélios, nos primeiros tempos.

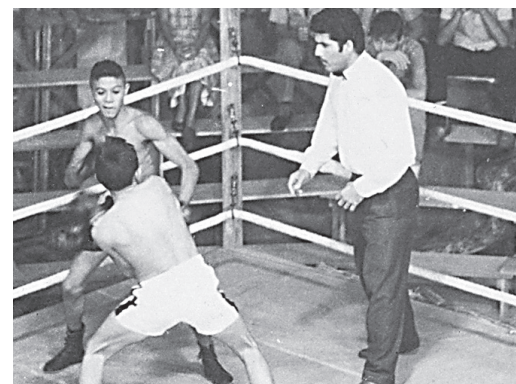
A disputa das finais da Taça Brasil de 1960 entre Fortaleza e Palmeiras motivou a primeira grande modificação na programação de quinta-feira, 22 de dezembro, e a realização da primeira transmissão esportiva noturna. O Palmeiras foi campeão, mas essa externa do PV foi um feito que se sobrepôs à derrota do tricolor cearense.

O Torneio Início do Campeonato de 1961, em 26 de março, teve narração de João Ramos e comentários de José Eudes. A festa estava começando.

Em abril de 1961, era anunciada a primeira novidade, a estreia em maio do programa *Punhos de campeão*, com patrocínio da Água Mineral Verdes Mares. A equipe de cenografia, comandada por Rinauro Moreira, transformaria o estúdio B num verdadeiro ringue, de acordo com todas as normas técnicas do *box*. Ao trazer o espectador para dentro de casa, o canal 2 evitaria os transtornos de mais transmissões externas e reforçava os laços com a comunidade. Afinal, não custa nada lembrar que os estúdios da Estância Castelo se tinham transformado na mais nova atração turística da cidade. Não seria difícil contar com 700 espectadores, mesmo cobrando Cr\$ 1.000,00 pelo ingresso.

A transmissão de *Punhos de campeão* seria feito a partir da experiência bem-sucedida da primeira transmissão do carnaval de rua, realizada pela TV Ceará.

Wilson Machado, João Ramos, Augusto Borges e Narcélio Limaverde fariam a cobertura. Dia 2 de maio, a estreia, com *Morcego versus Timoschenko*.



Punhos de campeão foi substituído depois pelo *Telecatch Montilla*, a luta menos técnica, de maior apelo popular, onde os envolvidos desempenhavam papéis, assumiam estereótipos, numa proposta caricatural, de grande sucesso de público no Brasil da década de 1960.

O quadro se desenrola sem maiores novidades. A equipe veste as cores associadas, a cidade aplaude seus craques, as pessoas continuam a levar seus radinhos para os estádios, o prestígio de Wilson Machado continuava a lhe render bons dividendos políticos, tendo passado da vereança para a Assembleia Legislativa, nas eleições de 1966.

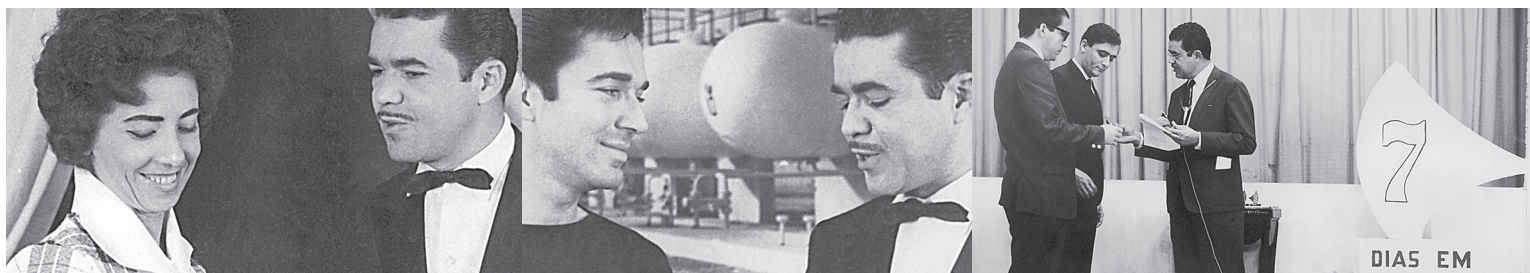
Em janeiro de 1963, a Seleção Cearense de Futebol foi campeã do Norte/Nordeste, ensejando que a tevê lhe prestasse uma homenagem que apelava para o comércio no sentido de arrecadar brindes. Faltavam ainda três, quando do fechamento da edição de *Unitário* do dia 12. José Monteiro passou a integrar a equipe de *Esportes na TV* em fevereiro daquele ano.

A contratação do fotógrafo Alcion Lemos levou à complementação do arquivo de *slides* de personalidades ligadas ao esporte. Isso em 1964, o que veio enriquecer sobremaneira os noticiários esportivos, em termos de imagem.

Anúncio publicado em outubro de 1964, pelos jornais associados, dizia da sequência a ser cumprida pelo departamento esportivo em suas transmissões de rádio e tevê. Segunda era dia do *Jogo de ontem*. Terça e sexta, dos *Destaques do esporte*. Quarta, a vez da *Marcha do campeonato*. Na quinta, *Os melhores da semana*. Sábado era o dia reservado aos *Destaques do amadorismo*. O horário de *Esporte na TV* era 18h12min, de segunda a sexta, e 17h15min aos sábados. Em termos de pessoal, a estreia de João Gualberto, a participação de Olavo Carioca, os comentários sobre arbitragem de Alzir Brillhante, além de Saraiva Neto, Luiz Irapuan e Carlos Alberto Moreira.



Em maio de 1965, *Esportes* passou a ser também uma sequência do *Telejornal Crasa*, tendo como titular Wilson Machado. Até sair do ar, em 1980, o esporte teve seu lugar de destaque na TV Ceará.



SETE DIAS EM DESTAQUE

Nas noites de sábado, a tevê assumia um ar de festa de gala. Com o patrocínio da Ceará Gás Butano, João Ramos, fora de quadro, definia o espírito da promoção.

A jangada é o símbolo da audácia, da força e do valor da gente cearense. Esse símbolo, a TV Ceará canal 2 usa para reconhecer o mérito dos que são homenageados em Sete Dias em Destaque.

A televisão ampliava seu campo de ação, interferindo de maneira mais direta na comunidade, que se fazia representar, nos próprios estúdios, num instante que não dispensava mãos frias, nervosismo, alguns escorregões no discurso preparado em casa que seria proferido depois de o homenageado receber de João Ramos o troféu *Jangada de Prata*.

Quanto vestido novo, terno tirado do baú, cabelos armados de laquê, gravatas apertadas! O instante era solene. João Ramos procurava deixar o convidado à vontade, mas era difícil, diante de uma luz tão intensa, da recomendação de olhar para a câmera, de procurar se posicionar em relação ao microfone. Mas valia

apenas o reconhecimento junto aos vizinhos, amigos, colegas de trabalho. O *ter estado na tevê* dava *status*, realçava o homenageado, elevava-o a uma categoria especial.

A própria comissão encarregada de outorgar o troféu dizia muito da importância que ele tinha no âmbito associado. Eduardo Campos, o superintendente acolitado por Guilherme Neto, o diretor artístico, e com a participação de Rômulo Siqueira, o diretor comercial. Da decisão irrecorrível desse júri saíam os destaques de todas as semanas.

A desautorizar a força da Jangada, a generosidade com que ela foi distribuída. Sete homenageados por semana, 52 semanas por ano, cinco anos e meio de programa no ar, dizem da pulverização do prêmio. Num instante de irreverência captado pela câmera do fotógrafo de *Unitário*, Haroldo Serra e B. de Paiva chegaram a posar com uma bandeja repleta de jangadinhas, ganhas por conta da performance da Comédia Cearense, à época.

No âmbito interno, a premiação não poupou o próprio João Ramos. Foram também agraciados: Ary Sherlock, Neide Maia, Renato Aragão, Jane Azeredo, Emiliano Queiroz, Rinauro Moreira, Marcus Miranda, Maria Nilva, as bailarinas de *Na ponta dos pés*. Um caminho que a tevê encontrou de chamar a atenção e valorizar o próprio produto cultural que veiculava e vendia.

Voltando-se para a comunidade, a Jangada não perdeu um instante sequer para reforçar os laços com políticos, empresários, intelectuais, militares. E com direito de começar tudo de novo, no sábado seguinte.



AS ATRAÇÕES MUSICAIS

A partir da escolha de nomes inexpressivos, como os de Gilvan Chaves e Carmen Déa, para o *show* inaugural da TV Ceará, tudo levava a crer que não repetiria a emissora da Estância a exibição de grandes nomes contratados pela velha PRE-9. Em noites memoráveis no edifício Pajeú, apresentaram-se Xavier Cugat, Josephine Baker, Augustin Lara, Vicente Celestino e Orlando Silva, num desfile de astros que começou com Francisco Alves, o *Rei da voz*, em 1938.

Mas a tevê conseguiu apresentar nomes significativos, alguns contratados pela própria estação, outros, a grande maioria, através de Augusto Borges e Irapuan Lima, ativos empresários que propiciavam brilho às festas dos clubes, às noites do *San Pedro Roof* e alarido ao auditório de seus programas de rádio.

Janeiro de 1961 trazia à taba curumim os índios tabajaras.

Em março, um discutível *show* internacional. *A renomada cantora internacional Sarita Antunez, cuja interpretação de 'La violetera' é das mais aplaudidas*, Jorge Maidana, com repertório calcado em famosas canções mexicanas, e o virtuose da harpa Pepe Velasquez. Uma trupe, decididamente, circense.

Luís Vieira teve apresentações regulares, contratado que fora pelas máquinas de costura *Vigorelli* para cumprir um périplo semanal por São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza, com muito papo e canções um pouco sobre o lirismo.

A festa de primeiro aniversário, no Maguary, com patrocínio da *Casa Parente*, *Ceará Gás Butano* e *Ângelo Figueiredo*, teve Orlando Silva, Ivon Cury, Márcia de Windson e Zaíra Pimentel cantando num cenário do decorador Aldo Mesquita. *Uma noite que ficará em sua lembrança*, diziam os jornais.

Cauby Peixoto, numa gentileza do *Supermercado Sino*, e Murilo de Alencar, exibindo-se no *Música de todo o mundo*, fecharam a temporada de 1961.



o ano de 1962 ainda vai encontrar Luís Vieira em cartaz. Fevereiro traz Sônia Mamede e Trio Nagô e o rouxinol luso Natércia Lins, *bonita e simpática, com boa voz*.

Numa contratação de impacto da *Linholene (parece linho, mas é linholene)*, Ângela Maria deveria cumprir agenda de exibições semanais em Fortaleza, às quintas-feiras. A estreia da *Sapot* foi marcada por um coquetel e teve ampla cobertura da imprensa.

Sílvio Caldas tinha o prestígio comercial da *Westinghouse*. E veio na mesma semana das Irmãs Acyoman, *graciosas artistas da TV Jornal do Comércio*, com apresentações combinadas para o *Tony's*, um bar da Praia de Iracema, e para o *San Pedro Roof*.

Gilvan Chaves em nova temporada. Elizabeth Gasper era apresentada como cantora e vedete. O 1º de maio teve Vanja Orico, com chancela das lojas *A Pernambucana*. Osmar Navarro se exibiu dia 15.

A novidade seria a substituição de Ângela Maria por Hebe Camargo (ainda morena) para um mês de apresentações. Por trás de tudo, *Linholene*. Depois de Hebe, foi a vez de duas quintas-feiras de Carminha Mascarenhas, logo substituída por Ivon Cury, sua peruca e seu *Retrato de Maria*.

Segundo Irapuan Lima, Bienvenido Granda seria o *bigode que canta* e cantou dia 11 de agosto. *Perfume de gardênia* era o carro-chefe de seu repertório de boleros.

Em situação mais prosaica, vai voltar Luís Vieira para lançar a carne bovina *Swift (isso é danado de bom...)*.

Anunciou-se um famoso cantor americano que dançaria e cantaria, é claro, o *twist*: Cy Manifold.

A orquestra Casino de Sevilla animou o baile de aniversário do clube Líbano, com o apoio dos *Armazéns do Povo*.

Na pauta: Catulo de Paula e Morgana. Mas o grande momento de novembro foi a festa no Náutico, do segundo aniversário da TV Ceará, com Tobias Troisi e sua maravilhosa orquestra francesa, Demetrius (*o astro dos brotos*), Carlos José (*um dos mais festejados bossa-nova*), Ana Carol e a gozadíssima dupla Jararaca e Ratinho. Com direito a distribuição de flâmulas comemorativas do evento.

No início de dezembro, Cauby Peixoto fez involuntário *fortait*, por conta de atraso de avião, mas cantou dia seguinte, para alegria de seus fãs. Norma Suely se apresentou trazida por Augusto Borges. Foram anunciados Carlos Galhardo e Moreira da Silva. Estava encerrada a temporada de 1962.

Marco Antônio, intérprete de *Ave nem ninho*, foi a primeira atração de 1963.

Book e Eliana Pitman, anunciada como *twist girl*, vieram em seguida para *show* na 1ª Exposição da Indústria e Comércio do Ceará e esticaram até a TV Ceará. Dilu Melo e sua harpa paraguaia vieram por conta dos cigarros MAK, quando, através da *Manufatura Araken*, o Ceará ainda fabricava cigarros. E o internacional Trio Guarany também deleitou os fãs de guarânias.

Outra atração *internacional* foi Carmen Porto, cantora e bailarina portuguesa. Os jornais não falavam do gênero do repertório, nem se ela cantava enquanto dançava, como Almira, por exemplo, *partner* de Jackson do Pandeiro nas apresentações de junho de 1963 – mesmo mês do *show* de Núbia Lafayette.

Augusto Borges anunciou um 1º Festival da Música Popular Brasileira, esperando contar com apoio da Universidade do Ceará, do Governo do Estado e da Prefeitura de Fortaleza. Ambiciosa, a promoção previa a vinda de Orlando Silva, Carlos Galhardo, Manezinho Araújo, Velhinhos Transviados, Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Aracy de Almeida, Dalva de Oliveira, Sônia Delfino, Alcides Gerardi, Pixinguinha, Moreira da Silva, Elizeth Cardoso, Isaurinha Garcia, Jorge Veiga, Jamelão e Ataulfo Alves. Previsto para se realizar em setembro, no Theatro José de Alencar, o festival não aconteceu.

Em compensação, o *Show Vigorelli* trouxe a Fortaleza Edith Veiga e Salomé Paraíso.

Mãe de *miss*, Nora Nei, a reboque de Vera Lúcia, Miss Guanabara 1963, cantou no Líbano dia 30 de agosto. Já o Centro Quixadaense trazia de Belém do Pará a orquestra de Alberto Mota.

Em outubro, a vez de Orlando Dias cantar no *Roof* do San Pedro Hotel.

O aniversário da TV Ceará teve Nelson Gonçalves, Gilvan Chaves, Elza Laranjeira, July Joe e Alda Perdigão, além dos conjuntos Alegrias Espanholas e Music Hall.

Já 1964 começou com um baile a bordo do transatlântico Rosa da Fonseca, promovido pela primeira dama Luíza Távora, com o *show* de Orlando Silva. Seria, na opinião dela, *o mais caro, o mais distinto e o mais selecionado do ano*. O *Cantor das multidões* também se exibiu na tevê.

Em seguida foi a vez de Ivon Cury. Maio trouxe Zé Trindade no horário de Ayla Maria, de luto pelo falecimento de um familiar do marido, o radialista Armando Vasconcelos.

Marinês e sua gente deram o toque nordestino à importação de estrelas. Adilson Ramos veio em julho. Mesmo mês em que Ivon Cury repetiu a dose.

Altemar Dutra entoou seus bolerões em agosto, coincidindo sua estada na cidade com a apresentação de Waldick Soriano e Luiz Gonzaga, o *Rei do Baião*.

Augusto Borges investiu em José Vasconcelos, um humorista de muito sucesso, e Irapuan Lima contra-atacou com uma atração circense: Bill Boom.

Alcides Gerardi, um cearense de sucesso, visitou a terra pelas mãos de Augusto Borges. E não faltou um grupo de dubladores e imitadores do Maranhão, os Alucinados.

Carlos Alberto e Cauby Peixoto deram sequência ao calendário de atrações musicais. Miltoninho brilhou em outubro. Novembro foi a vez de Elza Soares. A festa de aniversário daquele ano foi comemorada com a chamada *Prata de casa*.

E Zé Trindade fechou o ano com seu humor machista de chanchadas.

o ano de 1965 começou sob o signo da Jovem Guarda. Pela primeira vez, as atrações estão sintonizadas com o movimento musical vigente. Até então o desfile se fazia em termos de sucesso popular, conveniência de importação, sem maiores compromissos com a ambiência ou efervescência cultural do momento. Não veio ninguém da Bossa Nova, por exemplo, nem qualquer representante da chamada música de protesto ao regime militar de abril. Mas Wanderléia marcou época na cidade, a partir de janeiro, e sempre como iniciativa de Irapuan Lima. Em março, foi a vez de Roberto Carlos, já reizinho, parando na contramão, dando beijos *splash-splash* e mandando tudo o mais para o inferno.

Os Cantores de Ébano vieram em abril. Wanderléia e Orlando Dias também.

Em junho, Rosana Toledo. Mês seguinte, Roberto Carlos e Wanderléia arrasam no 1º Festival da Juventude, no Ginásio do Sesc, e também no Náutico e na TV Ceará.

Paul Winter Sextet e Nelson Gonçalves vieram em seguida. Altemar Dutra teria sido o vencedor de um concurso da *Gazeta de Notícias*. J. Macêdo traria um grande nome da música brasileira. Cogitava-se Elis Regina ou Nara Leão – deu Altemar, que cantou no *Perfil da cidade*. Carlos Galhardo, o cantor que dispensava adjetivos, cantou em outubro. Novembro iria juntar Wanderléia e Rosemary no *TV Juventude*.

Astros e estrelas continuam a vir; no entanto, não se exibem mais na TV Ceará. Irapuan Lima ainda resistia com seu horário de tevê e algumas atrações de menor porte. Os tempos, decididamente, mudavam.



O BOM HUMOR DA TV CEARÁ

Alguém já falou que fazer rir é coisa séria. A TV Ceará tomou essa afirmação ao pé da letra e reservou parte significativa da programação aos humorísticos. Da equipe de seis realizadores formados pelo CPET, logo reduzida a cinco, dois deles, Augusto Borges e Renato Aragão, tinham forte compromisso com o riso. E foram exatamente eles os dois escalados para ocupar esse espaço na festa de inauguração.

Dia 28 de novembro de 1960 foi ao ar *Lua-de-mel atrapalhada*. Em sete cenários armados no estúdio A, desenvolveu-se a trama *movimentada e hilariante, moderna e leve*, segundo *Unitário*. Era a estreia de Augusto Borges e contava com a participação de Danúbio Bezerra, Karla Peixoto, Ângela Maria, Wilson Aguiar, Edésio Amorim, Sílvio de Castro, Edmilson Queiroz e Wilson Machado. Era a semente do *TV de Comédia*, semanal e envolvendo todos os realizadores num rodízio que significava novas experiências e enriquecimento de linguagem para todos.

Na quarta-feira, 30, seria a estreia daquele que foi, sem favor, uma das maiores revelações da TV Ceará ao humor brasileiro: Renato Aragão. *Jovem calado, de fala mansa e uma capacidade de trabalho fora do comum*, a revelação do 3º CPET, já era citado como um *dos valores mais positivos da televisão brasileira*. Parecia exagero; o tempo provou que não era. Renato Aragão tinha até experiências esporádicas em teatro. Fruto da tevê, ele conseguiu desenvolver um tipo de humor fundamente arraigado às potencialidades e à linguagem do novo veículo. A mímica, os cacoetes e as máscaras dele encontraram no vídeo o caminho ideal para a expressão de uma mensagem de forte impacto e fácil leitura visuais.

Renato Aragão foi autor e realizador da *Comédia da cidade*, que depois se transformou no *Vídeo alegre*. O primeiro programa teve Wilson Aguiar, Karla

Peixoto, Ísis Martins, Neide Maia, Edmilson Queiroz, Edésio Amorim e João Holanda.

Era preciso *começar a semana com bom humor*. Para isso, Augusto Borges contava com o *Isto é show*, aos domingos, 25 minutos de humorismo e músicas alegres, num patrocínio da loja Irmãos Carvalho. Escrevendo quadros, adaptando Max Nunes para o elenco de Estância, Augusto Borges deu piques de audiência às noites maçantes do domingo.

O talento e a capacidade de trabalho de Renato Aragão foram canalizados também para *Aí vem o circo*, onde o estúdio se transformava em picadeiro, tendo como mestre de cerimônias MacDowell Holanda. A influência era tal que os ingressos passaram a ser limitados e deveriam ser retirados no patrocinador, a Importadora do Nordeste.

Outro programa realizado por Renato Aragão foi o *Risos e melodias*, estrelado pelo elenco do canal 2, com o realizador nos bastidores.

Já em dezembro de 1960, veio o reconhecimento através de uma jangada de *Sete dias em destaque*, ainda que uma homenagem comprometida porque feita pela própria emissora, diretamente interessada no sucesso de sua programação.

Renato estava bem consciente dos caminhos que trilhava. Mistura tropical de Buster Keaton, Carlitos e Jacques Tati, ele incorporava uma molecagem cearense e um jeito de chanchada ao desempenho. O caminho inteiramente pessoal vai justificar, posteriormente, o sucesso nacional que alcançou.

TV de Comédia tinha forte suporte de texto e foi dinamizado e enriquecido com a participação de vários realizadores. Augusto Borges assinou *Padrinho em apuros*, João Ramos adaptou Feydeau (*A falecida*), Ary Sherlock criou *E a prima chegou*. *Aconteceu de madrugada*, de Eduardo Campos, *A primadona*, de José Maria Monteiro, e *O bom ladrão*, de Péricles Leal e Graça Melo, foram textos adaptados para a linguagem de tevê que asseguraram o êxito do programa.

Rinauro Moreira nos deu um *Calado, grau 33*. E Renato Aragão, com seu humor leve, saboroso, sadio e ingênuo, foi o realizador de *Felicidade por uma noite*, *Eletricista por um fio* e *A cobrança*.

No *Vídeo alegre*, números musicais, paródias, revelações como a de Américo Picanço, participações definitivas de Wilson Aguiar e a confirmação do talento de Antônio Mendes, o Toinho.

Nas festas de primeiro aniversário da TV Ceará, as reprises dos primeiros programas de Renato Aragão. A justificativa era o número irrisório de receptores de tevê em novembro de 1960. A estação se preocupava com a valorização do *humor plástico* do produtor, realizador e intérprete do *Vídeo alegre*, agora com mais tarimba, experiência mais apurada, perfeito domínio do veículo e amadurecimento do gênero de humor que era seu forte.

Em 1962, a confirmação definitiva do talento de Renato Aragão. *Vídeo alegre* era considerado *simples, ingênuo, mas adoravelmente divertido, limpo e quase sempre bem humano*, segundo os jornais associados. O programa contava com uma forte retaguarda onde pontificavam, quase de maneira fixa, Maria Luíza, Rinauro Moreira, Américo Picanço e Antônio Mendes. Wilson Aguiar partiu para tentar o Rio, em dezembro de 1962, não antes de *Vídeo alegre* comemorar, com novo festival de reprises, os dois anos ou 104 apresentações na telinha da TV Ceará.

Nas reprises, os melhores momentos do humor de Renato, Raimundo Nonato e Ísis Martins dançando *twist*, além dos episódios *O rei do gatilho* e *Política, quase, quase*, sátira ao programa de Lustosa da Costa.

O ano de 1963 vai encontrar o País mergulhado no debate presidencialismo X parlamentarismo e às voltas com um plebiscito. Renato Aragão disse não, num programa que tratava o assunto de forma caricatural.

É dessa época o bordão *mas olha aí, Frederico*, criado para reforçar o caráter da personagem vivida por Antônio Mendes, que sempre ia na onda do impagável Didi.

Março registra a estreia do segundo grande momento do humor na TV Ceará: o programa *Dois na berlinda*, com o episódio *A virgem, a beata e o sacristão*, de Alvina Gameiro, escritora piauiense radicada no Ceará, com realização de Hildeberto Torres, e Marcus Miranda e Maria Luíza encarnando Praxedinho e Anicetinha.

O humor na tevê registrou altos índices de audiência com os dois programas no ar. A diferença básica é que Marcus Miranda e Maria Luíza eram atores vivendo uma situação de humor. O sucesso se baseou na urdidura da trama, na criação de situações, na elaboração de personagens muito calcadas no imaginário popular. A resposta não se fez esperar. Total empatia.

Ninguém sabia ainda, nem o próprio Renato, talvez, mas *Vídeo alegre* vivia seus últimos instantes no acanhado vídeo da TV Ceará, que foi quem possibilitou que esse monstro sagrado do humorismo brasileiro botasse as unhas de fora.

Um alegre plano de morte, Macumba no amor, Frank Sinatra dos pobres (onde Toinho falava Inglês) *Namoro de gente rica* (onde Renato lutava com uma bicicleta e contracenava com Marcus Miranda) foram instantes criativos de *Vídeo alegre*.

A registrar a metamorfose da *ingênu*a Íris Brenno, das telenovelas, vivendo uma matuta grossa num *Vídeo alegre*, a performance de outro tipo de Renato, o 49, e a parceria com César Coelho no episódio *Tia Júlia não se engana*.

Segundo a crítica da época, a maneira moderna e gozativa de escrever do jornalista e cronista César Coelho se aliava à experiência de fazer rir de Renato Aragão. Um casamento que tinha tudo para dar certo, mas durou pouco.

Enquanto isso, *Dois na berlinda* se firmava no gosto popular. Mesmo com a operação de Maria Luiza, a série foi ao ar. Anicetinha voltou no que seria o último programa da dupla. *Dois na berlinda* tinha tido realizações de Hildeberto Torres, Ary Sherlock e Augusto Borges. No elenco de apoio, Karla Peixoto, Rinauro Moreira, Ângela Maria e outros.

A TV Ceará reconsiderou a decisão intempestiva de retirar do ar um programa no auge do sucesso e prosseguiram as aventuras, cheias de tramas, o romance arrebatado entre o sacristão e a funcionária pública, *um ingênuo casal provinciano*, segundo a própria emissora.

Dois na berlinda, que era apresentado aos sábados às 21h34min, ganhou novo horário, entrando no ar às 20h57min do mesmo dia. Na retomada do programa, a estreia de Assis Santos como comediante. Os três meses em cartaz do programa, completados em 17 de julho, foi a nova data estipulada para que ele saísse do ar. Alvina Gameiro, criadora da série, recebeu todas as homenagens a que tinha direito: *jangadinha* do *Sete dias em destaque*, lembrança do patrocinador, agradeceu à equipe no que seria a última exibição do programa. E foi marcada a estreia de novo casal, com texto do próprio Miranda.

A nova etapa de *Dois na berlinda* foi marcada por um texto de B. de Paiva, com adaptação de Marcus Miranda, realização de Guilherme Neto adotando o pseudônimo de João da Silva. O novo casal era constituído por Abdon e Violeta. Teria de lutar bastante para ocupar na preferência popular o lugar reservado a Praxedinho e Anicetinha.

Em 9 de julho, o episódio de Marcus Miranda, *Quem chora não mama*, lançava novo casal: Bené e Linda. Total falta de planejamento por parte da emissora e da adequação da programação às tendências de aprovação.

Doze de julho é o dia da viagem de Renato Aragão ao Rio. *Vídeo alegre* continuaria, alguns programas ficaram prontos, o que significa redigidos, decupados, com providências tomadas para futura realização.

Apesar do ritmo ágil anotado por Selma Lobo, Bené e Linda saíram do ar três semanas depois. Voltariam Anicetinha e Praxedinho, com novas histórias de Alvina Gameiro, num novo dia (quinta-feira) e num novo horário (19h51min).

O *Correio do Ceará*, de agosto de 1963, anunciava que Renato Aragão estava se submetendo a testes para produzir programas na TV Tupi para a rede nacional associada. A notícia foi depois retificada: ele apenas submeteu alguns de seus roteiros à apreciação de Almeida Castro, diretor artístico.

Na volta, ele apresentou suas despedidas como novo contratado da TV Tupi. O contrato foi vultoso, envolvia salário de 300 mil. Com direito a ponto de exclamação no texto jornalístico.

Os últimos programas de Renato foram curtidos avidamente, apesar da promessa de que *Vídeo alegre* viria em *kinescópio* para a TV Ceará. Ele viajaria dia 6 de setembro, mas na véspera ganhou festa de Maria Luíza e Rinauro Moreira, com presenças de Karla Peixoto, Américo Picanço, Toinho, Ísis Martins, registrada para sempre numa foto amarelecida pelo tempo.

Augusto Borges fez o primeiro *Vídeo alegre* depois da viagem de Renato, com Ivone Mary e Nonato Freire. Joseoly Moreira também chegou a escrever para o programa. Mas a TV Ceará tinha novo sucesso de humor: *Dois na berlinda*. Renato foi ser a estrela nacional que o Brasil passou a aplaudir. E estreava no *A E I O Urca*, ao lado de Wanda Moreno, em novembro. Wilson Aguiar, nesse mesmo tempo, trabalhava com Chico Anyisio. O humor cearense tomava conta do País.

Em 1964, *Dois na berlinda* sai da zona de turbulência. A emissora se convenceu da necessidade de investir no programa, principalmente depois da viagem de

Renato Aragão. As notícias são óbvias, falam em grande sucesso, agradando em cheio, excelentes desempenhos.

Como novidades, a regularidade de Francisco Arruda, vivendo o vigário, a estreia de Antonieta Fernandes (que depois assinaria Noronha), um dos maiores talentos histriônicos cearenses, e a participação de dona Maria José, de marcante e meteórica passagem pelos vídeos.

No final do ano, nova promessa de Alvina Gameiro, a pedidos de Miranda e Maria Luíza, de criar nova dupla, *nos mesmos moldes* de Praxedinho e Anicetinha.

Em 1965, a viagem de Marcus Miranda para os festejos do 4º centenário do Rio serviu de pretexto para o episódio *Amigas leais*. Praxedinho volta ao território mítico de Pinoia a 22 de fevereiro, desfazendo, no programa, rumores de sua morte. E a tempo de participar de *Um baile de máscaras*, episódio pré-carnavalesco.

Em junho, vem a notícia da substituição de *Dois na berlinda* por programa realizado por Gonzaga Vasconcelos, o que efetivamente aconteceu em meados do mês com a estreia de *Pensão do bom sossego*, recebido como um *bom tema* que deveria tirar melhor partido das situações envolvendo hóspedes e criados. Todo mundo apostava numa afinação, com o tempo.

A partir daí as informações são contraditórias, as pistas confundem, as pessoas esqueceram. Os jornais fazem menção a uma *Praça do bom humor*, bem como a um humorístico *Show risos*.

O importante é recuperar, com *Vídeo alegre* e *Dois na berlinda*, dois grandes momentos do bom humor da televisão cearense.



HISTÓRIAS QUE SÓ A TV OUSAVA APRESENTAR

O *Contador de histórias* foi um dos pontos altos da programação da TV Ceará. A convicta rejeição do termo *grande teatro* se fundamentava numa visão do que seria televisão, ideia que empolgava todo o grupo envolvido nesse projeto pioneiro.

O material de divulgação da própria estação falava em ousadia e chegava ao cúmulo de dizer que parte do material levado ao ar teria sido, prudentemente, rejeitado pelo cinema. Ainda segundo o texto associado, o programa patrocinado por J. Macêdo seguiria uma linha de apresentação de histórias com mensagem de forte conteúdo humano e social. Na segmentação do público, as noites de sábado teriam uma audiência inteligente e certa. A novidade do veículo poderia permitir essa concorrência frontal com as outras opções dos finais de semana.

Cada história em cartaz teria um planejamento de um mês e ensaios a partir de segunda-feira. No sábado, um narrador onipresente, no contraluz, Sheerazade dos tempos tecnológicos, prometia contar mais uma história.

Cronologicamente, o primeiro episódio do *Contador de histórias* teria sido *A fúria dos justos*, de Eduardo Campos, realização de Péricles Leal. Foi ao ar no domingo, 27 de novembro de 1960, segundo dia das festas inaugurais. A importância desse episódio, que seria reprisado em dezembro do ano seguinte, estaria no fato de, retomado quando do advento do *videoteipe*, com o título de *Os deserdados*, ter sido o espetáculo que representou o Brasil, na categoria teleteatro, no prêmio Ondas, de Barcelona, tendo obtido uma significativa colocação entre programas de tevê de todas as partes do mundo.

O *Contador* deu sequência com *Elegia para uma velha*, de Péricles Leal; com o forte drama racial de Steinbeck centrado em *O vigilante*; com *O prisioneiro*, de Eduardo Campos; e *A longa viagem de volta*, de Eugene O'Neil;

ao desenvolvimento de uma proposta de *seriedade de propósitos, sem concessões ao mau gosto e dirigida ao público mais exigente.*

A programação de 1960 se encerrava com *A pantera*, de Browning Norton, numa realização que envolvia Danúbio Bezerra, galã carioca de passagem meteórica pela TV Ceará, Ary Sherlock, Emiliano Queiroz, Wilson Machado, Augusto Borges, Edésio Amorim, Dora Barros, Laura Santos e João Ramos.

Numa apressada retrospectiva, em fevereiro de 1961, foi reforçado o alto investimento que representava o programa e o faturamento em termos de audiência e, principalmente, de prestígio que a tevê pretendia obter. E citados outros autores e títulos: Graham Greene, com *Bons mestres, bons discípulos*, fazia contraponto a Gianfrancesco Guarnieri, com *Oceano Guiomar*, ambientado no Morro do Salgueiro. Eduardo Campos, com dramas sertanejos (*A morte prepara o laço, O valentão*), equilibrava o francesismo de Guy de Maupassant com o seu *Passagem para o Havre*, uma adaptação do conto *Bola de sebo*. Estava definido um caminho que com *O lobo do mar*, de Jack London, resvalava para o grandiloquente da superprodução.

Se no teatro se torna estéril a avaliação de um espetáculo a partir da análise de um texto, na televisão a simples enumeração de títulos e autores indica uma linha que foi seguida, mas nunca forneceria elementos para um aprofundamento das propostas estéticas. Mesmo a consulta dos *scripts*, que não mais existem, seria uma pista segura. Se o teatro pressupõe uma magia que se estabelece entre o público e os atores, num clima de interação e participação que beira a cerimônia, a televisão se perfaz em clima, enquadramentos, iluminação, *nuances*, sutilezas, e isso nunca mais poderá ser revivido, porque aconteceu num momento determinado e não é passível, no caso cearense em questão, de reprodutibilidade técnica. A matéria, por demais controversa, presta-se a variadas interpretações, mas é o fio da trama que este texto pretende captar.



Anunciava-se então Poe, Sorayan, Melville, Caldwell, D. H. Lawrence, mas nada disso tinha mais importância que o convite para que *O lobo do mar* participasse das festas de primeiro aniversário da TV Rádio Clube, em Recife.

O *Lobo* ganhou registro de *Radiolândia*, *TV Programas*, *Revista da Televisão*, títulos de publicações especializadas, de circulação nacional, da época. O convite seria *uma prova de maturidade, árduo labor* e imediatamente era elevado à categoria de notícia da semana.

O que depois se reduziu à remessa pelo malote de uma fita, quando da entrada em funcionamento do *videoteipe*, ganhava aqui a dimensão de uma epopeia, reproduzindo o caráter épico e aventureiro do programa. A equipe viajaria pela Real (extinta companhia aérea), o programa seria exibido no dia 4 de junho, e no dia seguinte estariam todos de volta pelo Lóide Aéreo. O cenógrafo Rinauro Moreira foi antes, estudar as condições de montagem dos vários *sets* em que transcorriam a saga de Lobo Larsen, vivido por João Ramos. Até os câmeras Waterloo Assis e Aldailo Silva compuseram a equipe. Péricles Leal contava com Aderson Maia como assistente de estúdio.

O sucesso levou ao equívoco dos grandes épicos, definitivamente incluídos no roteiro, intercalados por histórias mais intimistas.

Nessa esteira, *Beau geste*, o clássico de aventuras de P. C. Wren, com quase 40 personagens, nove cenários, onde se destacava o Forte de Zonderneuf, da Legião Estrangeira, com sete metros de altura, incluindo a torre de vigia, é um exemplo perfeito e acabado. Rinauro Moreira, assessorado na parte de pintura por João de Deus, tinha condições de se soltar.

A baleeira de Moby Dick não poderia se assemelhar ao foqueiro do *Lobo do mar*. Teria de ser comprida, com alto passadiço, elevada ponte de comando.

Falava-se em esmero nas montagens, verdade da interpretação, fidelidade às imagens e cada espetáculo apresentado superava os anteriores, numa retórica também grandiloquente.

À *meia luz*, de Patrick Hamilton, e *Carmen*, de Prosper Merimée, não ofuscam a megalomania vigente. Estava na hora de enveredar pela mitologia grega.

Em *A lenda de Perseu*, de John Kingsley, Péricles Leal tentava lançar mão de truques cinematográficos para fazer a personagem voar, sem grandes resultados.

O exagero levava a considerá-lo *o mais belo espetáculo apresentado até agora*, confundindo qualidade com pirotecnia.

Novo delírio com *O gavião do mar*, a famosa saga do nobre de Cornish que se torna o terror da cristandade, anunciado como um clássico do gênero aventuras. *Empolgante, cheio de emoção e realizado com apuro de uma equipe que hoje em dia é reconhecidamente das primeiras da tevê brasileira*. O Gavião eclipsava *A viúva negra*, de Patrick Quentin, *Horas de desespero*, de J. Hales, e *O último rebelde*, de Gerald Green.

Macbeth, de Shakespeare, com *pesadas indumentárias, sombrias paredes de pedra dos seus castelos, hábitos primitivos e instintos bárbaros de suas figuras* teria sido então o maior espetáculo já apresentado pela TV Ceará.

Novo convite para apresentação em Recife, dessa vez abrindo o 1º Festival de Teatro do Norte. *Montagem fabulosa, guarda-roupa soberbo, interpretação primorosa*. A necessidade do adjetivo disfarça a dificuldade de aprofundar questões ou buscar a essência dos espetáculos.

Dumas não poderia ficar de fora e o gênero capa-e-espada teria sido mais uma vitoriosa incursão da TV Ceará. O imprevisto das situações, o heroísmo das personagens, a beleza das princesas, um ar de mistério, a brutalidade dos senhores feudais, em suma, todos os ingredientes do folhetim pontificavam na tevê. *O arqueiro heróico* documentava uma época, como *Contador de histórias* marcava a

viagem de Péricles Leal para implantar a TV Marajoara, em Belém, e antecipava o Ciclo José de Alencar, desenvolvido a partir de agosto, uma tentativa de salto de qualidade.

Lucíola, realização de João Ramos, abriu o novo ciclo. Um espetáculo polêmico, *a um passo de escabrosidade*, na linguagem do *Unitário* da época. Toda a cidade se chocou com a desenvoltura de Jane Azeredo na cena do festim, de pudico corpete e *short* até os joelhos, como documentou a foto de Leocácio Ferreira aos olhos moralistas da cidade. Graças à mesa de cortes, ela teria dançado nua, exorcizando todos os nossos demônios pequeno-burgueses: um choque.

O tronco do ipê, talvez o mais plástico romance de Alencar, *Diva* e *O gaúcho* fecharam o ciclo, sem o mesmo impacto de *Lucíola*, mas um novo caminho se esboçava.

O *Contador* ainda apostou na linha dos superespetáculos. *Teseu* tinha cenários magníficos, como a fachada do tempo de Poseidon, a montanha de pedra, o monstro de pele de urso, um conjunto de pinheiros, o portal do palácio de Cercion e a caverna do Minotauro, pintados por Moura e por J. Fernandes. Em relação a *Perseu*, que recorreu a truques cinematográficos, *Teseu* era apresentado como *puro espetáculo de tevê, um veículo de divulgação artística diferente, independente e fiel a seus princípios*. Em relação a Ponson du Terrail, também encenado pelo *Contador de histórias*, o exagero vai em transformá-lo, de autor de folhetins que era, em *luminar da literatura internacional. Um nome de mulher*, de Theodore Storn, teve realização de Ary Sherlock. Mas estava na hora de festejar o primeiro aniversário.

Fortaleza contaria então com seis mil televisores, segundo estimativas associadas, o que equivaleria a um público de 30 mil telespectadores. Eduardo Campos, Péricles Leal (na cidade para as festas), Steinbeck e O'Neill na pauta dos programas a serem reprisados.

Em 1962, o *Contador de histórias* continuou a ocupar talvez o lugar mais destacado da programação da TV Ceará, mas não ganhou o mesmo espaço no noticiário nos comentários da imprensa. Isso talvez indique que tinha sido ajustado à sua dimensão de programa competente e correto, mas sem os exageros de uma fase que talvez tenha sido importante para sua afirmação e amadurecimento.

Medo, de Péricles Leal, *Contrabando ao pôr do sol*, de Eduardo Campos, e *Tudo isso e o céu também* foram títulos exibidos. O novato Hildeberto Torres compareceu com *O dragão vermelho*, um sucesso depois reprisado. Interessante ressaltar a formação de tevê do realizador Hildeberto. Ex-suíte, depois encarregado do setor de textos, ele desenvolveu um conjunto de trabalhos para o novo veículo, onde cumpre ressaltar, por sua desvinculação anterior do teatro ou do rádio (chegou a ser cantor), a elaboração a partir do domínio da linguagem e dos recursos expressivos da tevê, o que de certa forma se aplica a Gonzaga Vasconcelos. Seria como que uma segunda geração de realizadores de tevê.

A taça de ouro, de Steinbeck; *Os homens querem paz*, de Péricles Leal (apresentada anteriormente na TV Tupi); e *Espectros*, de Ibsen, foram espetáculos que reforçavam o discurso oficial da TV Ceará, contrário à utilização da expressão *grande teatro* e se propondo a não fazer teatro televisionado.

Na Semana Santa, a vida de Madalena dentro do espetáculo *O preço da paz*, de Alphonsine Bonaparte, com direito a reprise no sábado de aleluia.

A estranha parábola do amor, de Eduardo Campos; *Rita*, de Jorge Medauar; e *O poder da imprensa* foram espetáculos que prepararam o grande acontecimento daquele ano no que se refere ao *Contador de histórias*: o Festival do Autor Cearense.

Preconceitos elitistas faziam com que parte de nossos escritores rejeitasse o novo veículo – como antes rejeitaram o rádio –, considerado imprestável para o desenvolvimento de propostas estéticas consistentes. Encerrada na chamada

torre de marfim, a intelectualidade cearense não queria baixar o nível. A contribuir para esse afastamento, não se pode perder de vista o fato de o superintendente da estação ser um escritor (presidente da Academia Cearense de Letras), teatrólogo, folclorista, o que poderia concorrer para acirrar competições e aguçar rivalidades em termos pessoais. Mas são meras conjeturas de uma compreensão à distância de um fenômeno que merece uma reflexão mais detida.

João Ramos adaptou *O preso*, de Moreira Campos. O conto *Cárcere verde*, de Braga Montenegro, deu *Açucena, a desejada*, com roteiro de Augusto Borges e realização de Ary Sherlock. Um depoimento de Raimundo Girão sobre Matias Beck foi adaptado e realizado por Hildeberto Torres. *Come gato*, de Caio Porfírio Carneiro, foi depois considerado por Guilherme Neto como tendo sido um dos seus melhores trabalhos para o *Contador de histórias*. O autor cearense, pelo menos em tese, ganhava novo e estratégico espaço.

A trajetória do *Contador* prosseguia com Gide (*A sinfonia pastoral*), Hilton Marques (*Os amargos peregrinos da paz*), Aldemar Paiva Gonzaga (*O sol veio depois*) e Eduardo Campos (*A homenagem*). *Mateus Falcone*, de Prosper Merimée, teve realização de João Ramos.

O *Festival de reprises* de segundo aniversário contou com a participação popular para a escolha dos espetáculos a serem reapresentados. *Lucíola*, de Alencar, onde brilhava Jane, *atriz consciente, de reconhecível temperamento artístico e inconfundível força criadora*, iniciou o ciclo. O espetáculo seguinte foi *O lobo do mar*, um trunfo da estação a ser exibido em grandes momentos. *Passagem para o Havre*, que tinha Emiliano Queiroz como um irascível militar prussiano, também foi selecionado. Fechando a mostra, *Come gato*, o drama social de Caio Porfírio Carneiro.

Dezembro, com seu eterno clima de festa, foi tempo de Gorki (*Paixões caretas*), do *Manto sagrado*, de Hildeberto Torres, e de *Um cântico de natal*, de Dickens, numa adaptação e realização de Gonzaga Vasconcelos.

O ano de 1963 vai ter início com Dostoievski e suas *Noites brancas*, um espetáculo com a assinatura de Augusto Borges. *Os velhos*, de Coelho Neto, vem em seguida, com realização de Guilherme Neto. Janeiro vai ter ainda um trabalho de Ary Sherlock, *Os cegos*, e *Ressurreição*, história e realização de João Ramos. Fevereiro vai deslocar o *Contador de histórias* para as segundas-feiras. As noites de sábado, passado o impacto inicial do programa, eram suficientemente sedutoras para que se ficasse em casa, na expectativa de uma atração de tevê.

Esse remanejamento implicou também uma reacomodação das novelas e na estreia aos domingos de *Caminhos da vida*, na linha do teleteatro.

Sob o céu de Paris, de Hildeberto Torres, e *Rastros de lama*, de Gonzaga Vasconcelos, inauguraram o novo horário.

Março vai ser o mês de *O delator*, de Augusto Borges, da farsa *O acidente*, realização de Guilherme Neto, de *O estranho caso da mulher sem cura*, de Alvina Gameiro, e de *Chá e simpatia*, de Robert Anderson, com realização de João Ramos.

Avatar, de Hildeberto, inicia abril, que teve ainda *Tormenta de solidão*, texto de Gonzaga Vasconcelos. Em seguida veio *A ilha do farol*, de Apio Campos, realizado por Augusto. O requinte de *Carlota Ângela*, de Camilo Castelo Branco, esteve a cargo de Guilherme. Já *Vestidos velhos*, de Henri James, coube a Ary.

O revezamento dos realizadores mostra o cumprimento de um cronograma de trabalho e a coesão de uma equipe amadurecida, profissional, mas não perdia o encanto da descoberta, o viço criativo, a alegria de viver televisão.

A dama de espadas teve realização de João Ramos. Hildeberto Torres tomou como ponto de partida uma música de Aleardo Freitas para compor o seu *Apanhador*

de papel. Machado de Assis pontificou pelas mãos de Gonzaga Vasconcelos. O título em questão foi *Casa velha*.

Um novo autor estreou em junho, o cearense Carlos Paiva, parceiro de Augusto Borges no episódio *Neste país de Pelés*. *Teresa Raquin*, de Émile Zola, veio comprovar o empenho criativo de Guilherme Neto.

Crime mais-que-perfeito, de Luís Lopes Coelho, em realização de Ary, inaugura julho, que teve em seguida *Villacuera*, de Waldir Sarulbi, com o toque de Augusto Borges. Gonzaga Vasconcelos transpôs para a linguagem televisiva *A história da felicidade*, de Alvina Gameiro.

Mais Eduardo Campos, dessa vez *O anjo*, trabalho de Ary Sherlock. *Ivete* esteve atribuída a João Ramos. *Isabella*, a dos olhos bonitos, foi assinada por Ary Sherlock. *Os bem-aventurados* foi outro trabalho elogiado de Hildeberto Torres.

O programa, considerado ainda uma das maiores atrações da TV Ceará, prosseguia com Péricles Leal (*Paz de madrugada*); Robert Stevenson (*O gênio da garrafa*), numa realização de Ary; Eduardo Campos (*O tocador de bombo*), trabalho de Hildeberto; e lançou Dora Barros, como autora de *Vingança*, uma adaptação e realização de Guilherme Neto.

Novembro trouxe Rachel de Queiroz e seu *O padrezinho santo*, com Miranda vivendo o papel título, numa realização de Ary Sherlock.

Outra estreia como autor foi a de Emiliano Queiroz. São seus os episódios *São Paulo*, *Curra 23 horas*, *Amarga ironia* e *Maria, a branca*. Ele assinava com o pseudônimo E. Guimarães.

O dragão vermelho, de Hildeberto, mereceu reapresentação, ao lado da estreia de *Quando a vida é vazia*, história e realização de Guilherme Neto, e de *O fantasma de Canterville*, que, com a marca de Ary, encerrou a série em 1963.

Março de 1964 vai significar o primeiro susto no público de *Contador de histórias*. Depois de *Férias de Natal*, novo trabalho de Emiliano Queiroz, de

Os excepcionais, realização de Hildeberto Torres, e da transposição para a tevê da montagem teatral de *A barragem*, de Guilherme Neto, feita por Hildeberto, a notícia de que o programa sairia do ar, veiculada dia 20.

Em seu lugar deveria aparecer, por ironia, o *Grande Teatro da TV Ceará*. Ela, que sempre se rebelara contra esse rótulo e, ao compartimentar atribuições e limites para rádio, cinema e teatro, estava contribuindo para dar um estatuto definitivo à tevê, parecia ter caído no próprio laço que amarrara.

O *Contador* voltou, com o mesmo nome, no dia 12 de maio. Tivemos, então, um *Caso de consciência*, realização de Gonzaga, *Ventura maldita*, trabalho de Augusto, e *Falta um minuto para o amor*, texto de B. de Paiva, com realização de Ary Sherlock.

Quase ministro, de Machado de Assis, teve realização de João Ramos. O conto *Joaninha-pé-torto*, de Eduardo Campos, ganhou elogios na transposição de Guilherme Neto. *Traição* foi outra realização de Augusto, reunindo João Ramos e Karla Peixoto.

Julho vai trazer *Espectros*, de Ibsen, na realização de Ary. *O amargo desejo de morte*, pretexto para mais uma performance de Dora Barros. A volta de *O apanhador de papel*, com possibilidade de ser filmada por Polion Lemos e exibida nacionalmente. *Mimi Pinson*, de Musset, teve assinatura de Augusto Borges.

Quasímodo e Esmeralda, realização de Hildeberto Torres a partir de Victor Hugo, vai significar novo alento para o *Contador de histórias*.

Com a embalagem de um cenário de um milhão de cruzeiros, que reconstituía o pórtico gótico da Notre Dame de Paris, num trabalho de Rinauro e João de Deus, *Quasímodo e Esmeralda* restaurava o apogeu das produções suntuosas. O *Contador* era então apresentado como *esforço maior do elenco da TV Ceará em favor da arte e da cultura de nossa terra*. As justificativas continuavam. O *Contador* não teria perdido nada com o novo horário – mas sim com a interrupção

abrupta em março – e concluíam incisivas: *quem sabe que nossa tevê não é uma estação repetidora continuará a prestigiar o programa.*

Em setembro, *Janelas fechadas*, de F. Rodrigues, e a modificação de linha, com a ênfase deslocada para comédias leves e divertidas em vez dos dramas e tragédias que dominavam até então. Dentro do novo esquema, *Uma noiva para dois*, de William Alcântara, com realização de Gonzaga, lançando Jório Nerthal como galã, contracenando com Íris Brenno – embora tenha sido Cleide Holanda sua heroína mais frequente.

Novos títulos: *Uma lágrima de amor*, *O largo*, *A cobaia* (Hildeberto), *O grande amigo*. Os nomes são pouco significativos ou ficaram omissos nos registros da época. *Dois irmãos, uma boneca*, de Lindberg Pirajá e Ary Sherlock, misturava excepcionais e crime numa história que foge à linha defendida pouco antes.

Micróbio do amor retomava a leveza e acrescentava Bastos Tigre ao rol dos autores encenados pelo *Contador*.

Outubro vai trazer a reprise de *Quasímodo e Esmeralda*, com a desenvoltura de Jane Azeredo e a deformação de João Ramos. *Cartas de amor* teve realização de Ary Sherlock. *A fonte do desespero*, de Eduardo Campos, foi um trabalho de Gonzaga Vasconcelos.

Na edição do dia 20 de outubro, os Associados desmentiam a extinção do *Contador*: *o grande teleteatro seria uma grande lacuna, que a direção da TV Ceará não tem qualquer interesse ou motivo para abrir, pelo menos por enquanto*, dizia Guilherme Neto, deixando espaço para decisão posterior revogatória por parte da direção da empresa.

Novembro encontrou Hildeberto Torres cheio de dúvidas sobre a oportunidade e conveniência de levar aos vídeos o *Réquiem para uma nação*, com tema sobre finados e rotunda preta. Acabou não indo ao ar.

Na névoa do passado vai trazer de volta Augusto Borges. Ele, o lobisomem, mostrava um Ary autor, com realização de Guilherme. Ary repetia a dose na semana seguinte com *A mãe d'água do Cotó*, realização de Gonzaga.

A grande novidade ficava para a festa de aniversário, *O impossível fim*, uma proposta inovadora para a época. Partindo de uma marcação para dois personagens, os cinco realizadores da TV Ceará criaram cinco histórias. João Ramos contracenou com Íris Brenno; Gonzaga Vasconcelos com Cleide Holanda; Ary Sherlock com Dora Barros; Jório Nerthal com Lourdes Martins; e Marcos Holanda com Gracinha Soares. O resultado final foi dos mais satisfatórios, segundo a crítica. Passada a festa e a ressaca, dezembro vai colocar em cartaz *O baile de máscaras*, adaptação e realização de Hildeberto. *Uma voz dentro da noite*, de Ary, teve realização de Augusto. O episódio do dia 30 de dezembro (*O furacão descalço*) não foi ao ar porque Gonzaga Vasconcelos acidentou-se ao cair de uma altura de três metros, lesionando os calcanhares. A realização seria assinada por Ary Sherlock.

Em janeiro de 1965, o *Contador* apresentou *O matador*, de Oduvaldo Viana Filho, com realização de Hildeberto Torres, episódio muito elogiado.

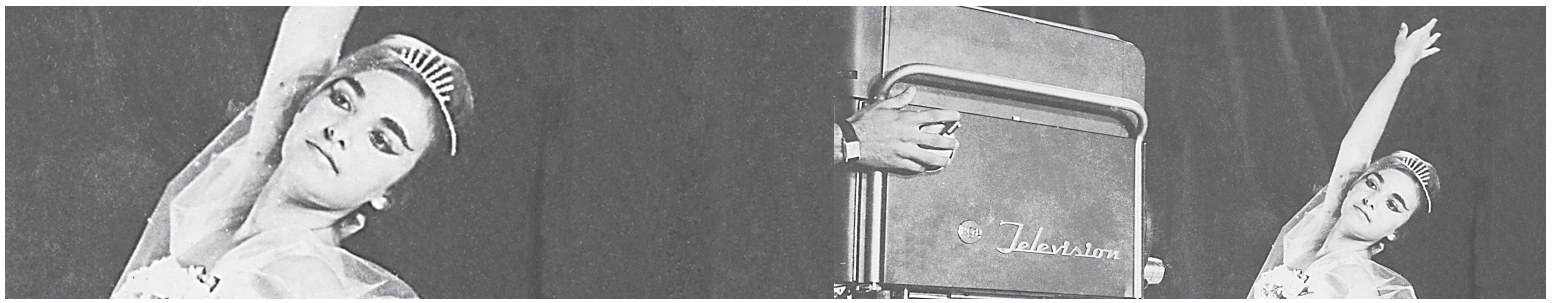
Outro texto enviado pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) foi *O viramundo*, de Monah Delacy, realizado por Augusto Borges.

Dia 23, a notícia de que o programa deixaria de ir ao ar em fevereiro. A despedida vinha num tom lacrimoso: *depois de 4 anos de exibição, deixará de ir ao ar o programa 'Contador de histórias', que tão belos espetáculos nos ofereceu, sempre com o elenco magistral de seus atores*. São anunciados dois programas ao vivo, um musical e um teleteatro, que não aconteceu.

A partir de outubro, entrou-se numa fase de anúncios e desmentidos, adiantamentos e surpresas, mas o *Contador* voltava com a *Dona da Serra Vermelha*, de Péricles Leal, devendo cumprir exibições semanais até a inauguração do videoteipe, previsto para as festas de quinto aniversário, em novembro.

O episódio foi ao ar dia 18, com João Ramos vivendo o cangaceiro Boa Morte e Lourdes Martins merecendo reprimendas por ter feito uma sertaneja com as unhas irrepreensivelmente pintadas, além de fortemente maquilada. A atriz convidada para viver *Maria*, de Hildeberto, que seria o episódio seguinte, fez *fortait* e o programa, evidentemente, não pôde ir ao ar. *A flor do mal*, de Eduardo Campos, foi ao ar numa realização de Hildeberto, com João Ramos e Dora Barros nos papéis principais. A anunciada reapresentação de *Paixões caretas* foi posteriormente cancelada.

A TV Ceará vivia em função da inauguração do videoteipe, uma realidade onde não se encaixaria o sonho do *Contador de histórias*, que, apesar de marchas e contramarchas, equívocos, sublitteratice e mania de grandeza, conseguiu grandes instantes criativos, manteve um elenco de muita determinação, deu vez e voz ao talento local e se inscreveu como um dos grandes momentos do então canal 2.



NA PONTA DOS PÉS

Os anos 1970 viriam trazer uma soltura do corpo, uma necessidade de movimento, novas formas de expressão.

Muito antes do modismo das academias de danças, o espírito empreendedor de Regina Passos colocava semanalmente no vídeo da TV Ceará quinze minutos de programa que implicavam uma semana de ensaios intensivos.

A estreia se deu na Concha Acústica, ante o olhar deslumbrado de uma cidade que descobria, com a tevê, que a dedicação e o sonho, muitas vezes, são mais fortes que a impossibilidade de ocupar um espaço e, na ponta dos pés, reinventar o mundo.

Selecionadas as músicas, feitas as marcações, o desenvolvimento dos passos, a fluidez da dança, o ensaio geral possibilitava um contato com o estúdio, uma familiarização com a angulação das câmeras. Por trás de tudo, em termos de tevê, a presença do realizador Ary Sherlock.

Nada disso contribuiu para uma proposta de dança a partir de referenciais nordestinos, nenhuma bailarina alçou voos maiores e obteve um estrelato nacional, mas o programa existiu, como produção local, com todas as dificuldades e gratificações e *passava pelo ar como uma nuvem de sonho*, dizia o *Unitário* naquele mesmo período.

Pouca gente sabe que Ana Maria Loureiro Maia, Denise de Castro, Elizabeth Ferreira, Elzenir Graça, Eumir Ferreira, Freda Vischi, Inês Silva Serra, Isolda Silveira e Maria Irene Lage um dia saíram de uma caixinha de música e encantaram a cidade com a morte e ressurreição de cisnes, valsas e *pas-de-deux*, num episódio quente, cheio de fios, num ritmo nervoso que atropelava o tempo e não permitia maiores improvisações.

Quem se lembra que Maria Luíza de Sousa, Marlise Cavalcante, Nadja Leite, Nívea Mesquita, Regina Cláudia Passos, Rejane Rodrigues Freund, Rosemarie Matos, Solange Cartaxo, Sônia Sabóia de Castro e Teresa Cristina Passos, um dia, com sapatilhas e *tous-tous* de tule, povoaram sonhos adolescentes, encantaram mulheres desencantadas, foram invejadas por meninas boquiabertas?

E assim tivemos Strauss, Chopin, Tchaikowsky, Delibes, Rossini, Offenbach, num clima de final de ano de academia. As fantasias dos coreógrafos se materializavam no *Can-can*, ganhavam forma na *Boutique enchantée* e alçavam voo nas valsas.

Aquarela do Brasil era um dissonante acorde verde-amarelo, acompanhado por congadas, batuques africanos, rituais indígenas. Mas era, decididamente, nosso modelo de *soirées*, bailes de máscaras, *souvenirs*, como *background* um disco meio arranhado. O cúmulo do moderninho ficava por conta da proposta de Peter Gunn, de Mancini, tema de um enlatado que a tevê exibia. Mas *o bom gosto, o sentido profissional e a inventiva fazem desse programa um dos pontos altos do vídeo*, dizia, de novo, o velho jornal, que não perdia a oportunidade para destacar *a equipe jovem, coesa e disciplinada* ou o *idealismo* de Regina Passos.



OS CAMINHOS DA TELENOVELA

As propostas seguiam trilhas próprias – *TV de romance* e *Videorama* –, o que não impedia se confundissem, afastassem-se na perseguição de um modelo idealizado, que subvertessem as regras.

O importante era transpor para a tevê o sucesso do rádio. A primeira bossa do canal 2 foi ter optado por produções compactas, com um mês de duração, e apresentadas em dias alternados.

TV de romance ia ao ar às segundas, quartas e sextas. *Videorama* era a atração das noites de terças e quintas. Sábado estava reservado ao *Contador de histórias*.

TV de romance se propunha a exhibir, pelo menos em sua primeira fase, o que há de melhor na literatura mundial, em versões feitas especialmente para a tevê. A definição se tornava mais precisa quando se anunciavam obras marcantes da literatura inglesa do século XIX. A escolha do período se justificava, segundo os Associados, além da qualidade intrínseca dos textos, pela vasta base de imagens.

Numa leitura superficial, a apropriação de temas bastante distanciados da nossa realidade se prestaria a reconstituições de época, bem a gosto de fantasias açucaradas de leitoras da *Biblioteca das Moças*. Mas não era tão simples assim.

Num contraponto, de certa forma realista, *Videorama* se propunha a ser uma série de telenovelas nacionais. Aqui seriam tratadas questões da terra, dramas psicológicos, vidas de marginalizados. Isso tudo, é claro, encaixado na filosofia de atuação do conglomerado e de acordo com os padrões vigentes nos anos 1960.

Videorama seria a novela despojada, de produção mais barata, menos pirotécnica e talvez mais essencial.

Na prática, as coisas nem sempre se comportaram assim. Mas é inegável que emoções, escapismo, lazer e hábito fizeram desses folhetins eletrônicos a maior contribuição brasileira à história da tevê.

Poeira vermelha, Videorama de Guilherme Neto, desencadeou o processo a 1º de dezembro de 1960. O patrocínio era de Siqueira Gurgel. No elenco: João Ramos, Lourdes Martins, Emiliano Queiroz, Laura Santos e Tarcísio Correia.

Dia seguinte era a vez de *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, com realização de Péricles Leal e patrocínio da Manufatura Araken de Cigarros.

O espetáculo inaugural de *TV de romance* tinha no elenco Danúbio Bezerra, Cleide Holanda, João Ramos, Glice Sales, Wilson Machado, Dora Bastos, Maria José Braz e Paulo Oliveira.

Poeira vermelha refletia o drama da terra e do homem ligado à terra. O vento que soprava nas charnecas inglesas, do *TV de romance*, alimentava sonhos de amor.

Veio *Horas amargas*, de Guilherme Neto, atração de *Videorama*, descrita como uma *jornada de intriga e complexos, extraindo, do seio de uma família preconceituosa, alguns soberbos tipos humanos*, além de *Orgulho e preconceito*, de Jane Austin, adaptação e realização de Ary Sherlock, que chegava ao requinte de assinar os figurinos. Eram as primeiras telenovelas de 1961.

Fevereiro traria *O destino desce de elevador*, em *Videorama*. Péricles Leal usou o recurso de prender três homens num elevador e desenvolveu três histórias interligadas. Cara a cara com a morte, teriam *um happy end, mas não necessariamente um fim feliz*.

Jane Eyre, o cartaz de *TV de romance*, seria, segundo *Unitário*, *de certa forma, revolucionário, por enfocar a vitória da inteligência de uma mulher*. O romance de Charlotte Brontë foi adaptado e o espetáculo realizado por Guilherme Neto.

Em março, enquanto *Videorama* apresentava *Engenho das almas*, uma *violenta saga do esplendor do nordeste açucareiro*, mais uma história de Péricles Leal, *TV de romance*, com realização de João Ramos, anunciava *A casa das sete torres*, de Nathaniel Hawthorne.

Curioso que o planejamento rígido de oito capítulos para *Videorama* e doze para *TV de romance* aproxima esses espetáculos das minisséries, colocando-os numa vanguarda, apesar de toda a alienação, em relação às quilométricas novelas de rádio, fórmula seguida pela tevê brasileira como um todo.

Estava sendo testada na prática, com sucesso, a organização proposta pelo CPET, do qual Péricles Leal, além de um dos maiores entusiastas, era dos pioneiros.

Num trabalho que é essencialmente de equipe, destacavam-se os realizadores, responsáveis pelo espetáculo, da elaboração do *script* ou adaptação, à escolha do elenco, passando pelos ensaios, croquis de cenário, decupagem, inventário de contrarregra, discussão com o suíte. Eram espetáculos realmente assinados. Os primeiros e heróicos tempos levavam a essa concentração de tarefas, cujo modelo era o do *realisateur* francês e onde a palavra *produtor* ficava mais adequada ao financiador de espetáculos teatrais e cinematográficos.

Augusto Borges assinaria o *TV de romance* de abril. *O triste noivado de Adan Bede*, de autoria de George Elliot, na verdade Mary Ann Evans, outra inglesa do século XIX.

Videorama iria insistir em Péricles Leal. *A perigosa aventura* contava a saga de um marinheiro Guima e seu sonho atribulado de voltar à terra firme, envolvido que foi por intriga fantástica.

Maior vai ser a vez de *Ivanhoé*, de Walter Scott, uma *história de amor e de aventura da época das cavalarias*. Nos estúdios da Estância, a reconstituição de

um feudo saxônico, castelos, florestas, com figurinos de época, armas, lanças, escudos, cotas de malhas e realização de Guilherme Neto.

Caminhos sem fim, de Péricles Leal, contava uma história de caminhoneiros, ajudantes, garçonetes e colocava a ação numa estrada.

Nesse período, deveria ter estreado um novo seriado, chamado *TV de Juventude*, posteriormente nome de um programa musical, com a adaptação de Hildeberto Torres para *Polyana*, de Eleanor Porter. Tempos depois, *Polyana* ocupou o espaço de *TV de romance*. Mas essa é uma história para depois.

Fiel à sua ideia de *distrair fazendo pensar*, a TV Ceará programou o clássico de Dickens, *Oliver Twist*, para o *TV de romance*. Atores mirins (Eduardo Augusto Campos e Ricardo Pontes) apaixonariam a cidade e da Estância eram prometidos, além de *imagens dolorosas e de grande beleza humana*, todos os ingredientes para um sucesso, com realização de Ary Sherlock.

Posto avançado, o *Videorama* de Péricles Leal, tratava de paixões desesperadas na selva amazônica. Personagens: um guia de passado suspeito, um médico obcecado pela luta contra a malária e uma mulher insatisfeita.

Julho trouxe *A canção de Bernadette*, de Franz Werfel, para *TV de romance* e *Sangue na terra*, uma história de cangaço e da impossibilidade de se retroceder e se desligar de um bando rebelde, história de Péricles Leal.

Agosto encontrou a estação sob a direção de Guilherme Neto. Era o mês de *A bem-amada*, de Thomas Hardy, no *TV de romance*, e da *Jornada da agonia*, de Péricles Leal, já em Belém, no *Videorama*.

Setembro teve acessos e tosse de *A dama das camélias* e o vigor de *Luzia Homem*. Outubro fez o contraponto entre *A letra escarlata*, de Nathaniel Hawthorne, e *O solar*, adaptação e realização de Guilherme Neto. Em novembro foi anunciada, para o mês seguinte, a *reprise* de *Poeira Vermelha*, a primeira atração de *Videorama*. Enquanto isso, eram exibidos *Shirley*, de Charlotte Brontë,

no *TV de romance*, e *Rosa e o mar*, a primeira novela de Hildeberto Torres, no *Videorama*.

O ano de 1961 seria encerrado com a estreia, em *TV de romance*, do romance *Ana Karenina*, de Tolstói, com adaptação e realização de João Ramos. A registrar, a utilização de recursos cinematográficos. Uma composição da RFFSA partiu de Parangaba com a equipe. João Ramos dirigiu as filmagens de Leocácio Ferreira. A montagem da heroína, colhida pelo trem, foi obtida a partir da montagem da edição, com tomadas do estúdio.

Já 1962 trouxe a subversão das novelas com prazo estipulado. *A toutinegra do moinho*, de Emile Richebourg, cartaz de *TV de romance*, prolongou-se por quatro meses, na esteira de um grande sucesso de público. A realização era de Ary Sherlock.

Enquanto isso, *Videorama* exibia *A vela e o temporal*, de Alvina Gameiro, espetáculo de Gonzaga Vasconcelos; *Confissão*, novela de Guilherme Neto; *A selva*, história de amor e aventuras de Gonzaga Vasconcelos. Outros títulos foram *O homem só*, também de Guilherme Neto, e *Inocência*, que lançava mão do sucesso de Íris Brenno, vivendo o papel título.

Esgotando a opção por romancistas ingleses do século XIX, *TV de romance* foi beber em fontes brasileiras. *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, foi uma delas. Mas *Bel ami*, *Rebeca* (Daphne du Maurier), *Eugénie Grandet* (Balzac) e *A estalagem da Jamaica*, novas atrações, mercadorias simbólicas de boa circulação entre o público do início dos anos 1960, relativizavam a importância da criação nacional.

Videorama optou por *O cabeleira*, de Franklin Távora; *Além do sétimo véu*, de Hilton Marques; e *O chão da gente*, no desenvolvimento de sua proposta de retocado realismo.

Nas festas de segundo aniversário, as reprises de *Rosa e o mar*, cartaz de *Videorama* de novembro, e *Oliver Twist*, exibido, novamente, pelo *TV de romance* de dezembro de 1962.

Selma Lobo reclamava da remontagem do texto de Dickens: *garotos irritantes e que não sabem dizer o texto*.

O homem sem paisagem, de Péricles Leal, ocupou o espaço de *Videorama* de dezembro. O tempo passava, a cidade continuava ligada nas emoções das telenovelas.

Fevereiro de 1963 veio trazer algumas modificações. Com o deslocamento do *Contador de histórias* para as segundas-feiras, *TV de romance* seria apresentado às terças, quintas e aos sábados. *Videorama* ocuparia o horário nas noites de quartas e sextas-feiras.

Novelas estreiam: *Poliana*, na adaptação de Hildeberto Torres, com Maria Nilva vivendo o papel título. *Terra caída*, em *Videorama*. Guilherme Neto recebeu elogios: *técnica, arte e bom gosto*, pelo texto e realização de *Vento, amor e saudade*, cartaz de *Videorama*. *Quando as nuvens passam*, de Ary Sherlock, contava com Karla Peixoto vivendo *uma cigana tentadora e abrasadora*. A novela de Ary, incluída na pauta de *Videorama*, tinha tema musical composto por ele mesmo em parceria com o Trio Jangadeiro (...o amor no coração dos ciganos / tem gosto ardente / do som de castanholas / batidas ao luar).

A morgadinha dos canaviais, de Júlio Dinis, apresentada pelo *TV de romance*, tinha novo par romântico: Cleide Holanda e Paulo Vieira. *A entregadora de pão*, de Xavier de Montepiu, foi realizada por Ary Sherlock, também no *TV de romance*. A atração seguinte seria *Mansfield Park*.

Dora Barros escreveu *Paula*, adaptada e realizada por Gonzaga Vasconcelos para *Videorama*, e a autora viveu o papel título. *Aquela cabocla bonita* explorou a brejeirice nordestina; *O contrabandista*, de Hildeberto Torres, contrapunha um

novo rico (Antônio Mendes) a um homem de classe média (Gonzaga Vasconcelos), ficando o destaque do elenco feminino por conta de Asta Maria.

A irmã branca, de F. Marion, realização de Gonzaga Vasconcelos, foi outro título de *TV de romance*, que teve em *Vitória*, de Knut Hamsun, e em *A mão e a luva*, de Machado de Assis, em realização de Guilherme Neto, seus últimos espetáculos de 1963.

As fontes são falhas em relação a um levantamento dos trabalhos desenvolvidos em 1964. Em relação a *Videorama*, o ano começou com a reprise de *Horas amargas*, de Guilherme Neto. *Os dois sargentos*, realização de Gonzaga Vasconcelos, era o cartaz de *TV de romance*.

Alencar foi retomado em *Senhora*. *Videorama* apostou em *O grande erro*. Depois veio *Maraponga* e *TV de romance* optou por *Uma canção, dois amores*.

Elogios foram dados à *Governanta*, cartaz de *Videorama*, substituída por *Marcados pelo destino*, realização de João Ramos. *A maldição do serrote verde* veio lançar um novo autor cearense: Lindberg Pirajá.

No território do *TV de romance*, *Denise* deu lugar a *O sétimo céu* e, depois, a *Quem não tem pecado*.

Eduardo Campos teve o seu *Chão dos mortos* adaptado para *Videorama*. O novo cartaz seria *Os herdeiros do velho Garcia*.

Anjo com máscara de demônio, realização de Gonzaga Vasconcelos para *TV de romance*, antecipou *Juanita*, o último espetáculo daquele ano.

A história de *As duas órfãs*, realização de Ary Sherlock, tinha todos os ingredientes para agradar, de acordo com os padrões de comportamento e a expectativa do gosto popular do período.

Videorama apresentou *Corações em agonia* e *O mistério do casarão*.

O feminino antecipado da *Casa de boneca*, de Ibsen, foi levado à tela da TV Ceará por *TV de romance. Decadência de uma geração*, em *Videorama*, alternava-se com o drama de *Nora*.

Outro grande momento da telenovela cearense foi a realização de Augusto Borges, *O pobrezinho de Assis*, com Ary Sherlock vivendo o papel título. Aproveitando-se do carisma de São Francisco, esse espetáculo de *TV de romance* esticou ao máximo o desprendimento, o lirismo e a força do nosso santo de Canindé.

Harry Moreira, também cearense, estreou com o texto de *Maldição do destino*, em realização de Guilherme Neto.

Videorama e *TV de romance* chegavam ao final, a partir de 24 de agosto de 1965. A TV Ceará exibiria apenas uma novela, com capítulos diários, e com o título genérico de *Teatro de Novelas*.

A expectativa em torno do videoteipe apressava o desfecho melancólico da produção local.

A estreia da nova atração se deu com *O Conde de Monte Cristo*, de Hildeberto Torres, com Jório Nerthal vivendo o papel de Edmond Dantés.

Na sequência veio *Duas gerações, duas mulheres*, de Margarida Sabóia de Carvalho, também realização de Hildeberto. *Os miseráveis*, de Victor Hugo, teve realização de Gonzaga Vasconcelos. Dezembro vai ser a vez de *O preço de uma ilusão*. O elenco da Estância vivia a angustiante contagem regressiva para a desativação da carpintaria, dispensa do pessoal e a adoção pela cidade de novos ídolos.

Arrastão, de Hildeberto Torres, com Aderbal Júnior, palmeiras, praia e muito sol, marcou o início de 1966. *A rediviva*, de Paul Hiss, teve adaptação e realização de João Ramos. *O médico e o monstro* juntou João Ramos e Jório Nerthal, numa

autêntica guerra das estrelas. A realização foi de Gonzaga Vasconcelos, que retomou, a partir de 21 de março, um antigo sucesso, *Cavalgada de esperanças*.

No dia 4 de abril de 1966, estreava *A inimiga*. Estava encerrado o ciclo cearense das telenovelas, um caminho longo, conflituoso, mas valeu a pena. Nossos ídolos nunca mais foram os mesmos.



O MISTÉRIO NA TV

Era preciso oferecer emoções fortes, com o suspense de um *thriller* e o sangue frio de uma dissecação da alma humana, sua baixeza, suas taras.

O telespectador seria como que uma testemunha ocular, outras vezes um cúmplice ou um detetive privilegiado assistindo de camarote à atração da TV Ceará que estreou em janeiro de 1961, aos domingos: *TV de Mistério*.

A abrangência da proposta de programação da nova emissora tinha reservado espaço para atender aos aficionados da literatura gótica, do *film noir*, do magazine de mistério.

A série prometia *ação, intriga e suspense*. E transitou, sem cerimônia, de Dashiell Hammet a Eduardo Campos, de Agatha Christie a Wilkie Collins, deixando algumas pistas, muitos álibis e a certeza de que o crime, algumas vezes, compensava.

TV de Mistério englobaria tudo o que envolve intriga: *o crime insolúvel, o sobrenatural, a investigação, o suspense, o horror*. Uma salada que aproveita todas as vertentes de um gênero literário, ainda hoje em busca de uma respeitabilidade, acossado por classificações apressadas e críticas preconceituosas, que o rotulam, muitas vezes, de subliteratura.

O primeiro espetáculo foi *Preciso matá-la, querida*, de John Collier. O caso de um pacato médico de província que, tendo casado com uma prostituta, comete o chamado crime perfeito.

O assassinato do velho Thomas, escrito por Eduardo Campos especialmente para a tevê, fez o autor cearense enveredar por um novo gênero, com uma história de suspense e investigação.

Uma história de mistério, assim pode ser sintetizada *O estranho leito*, de Wilkie Collins, impregnada de forte clima de suspeição e terror.

Steve O'Donnel assinou *O crime do chantagista*, em que um profissional do crime atrai suas próprias vítimas, fazendo-as cúmplices do álibi que ele urde.

Na linha clássica da história policial, *O problema da cela nº 13*, de Van Dussen, levava uma aventura à dimensão do fantástico.

Em seguida, provocando arrepios e furtivas lágrimas, *Alguém precisa pagar*, de George e Gertrude Bass. A história de um pai procurando os responsáveis pela morte do filho, viciado em drogas, que comete uma injustiça ao matar o principal suspeito. Realização de Ary Sherlock.

Quem matou Anne?, de G. B. Gilford, tratava de um crime desvendado a partir de deduções feitas numa investigação criteriosa.

O revezamento da equipe de realizadores, tônica da emissora, contribuía para acrescentar novas experiências, sugestões, todo um código de gestos, sutilezas que são peculiares ao gênero policial.

TV de Mistério deu oportunidade para Eduardo Campos desenvolver novo trabalho: *As 300 moedas*, um policial com forte dose de horror, além do imprevisto e do suspense, que sempre estavam presentes nesses espetáculos das noites de domingo.


A trama urdida por Dashiell Hammet em *Duas facas afiadas* envolvia um cadáver dentro de uma cela de polícia de uma pequena cidade. Todo o talento do autor de *O falcão maltês* estaria de volta em *A casa da rua Turk*, aparentemente respeitável, que ao receber a visita de um detetive, para inspeção de rotina, transformava-se no palco violento e mórbido de uma história de crime.

Em *Um problema de xadrez*, Agatha Christie acionava Hércule Poirot e, num golpe de mestre, montava as peças de uma história de ação, intriga e violência.

O mistério da *Sra. Dickinson*, de Nicholas Cater, realização de Guilherme Neto, *A casa dos rouxinóis*, de Agatha Christie, e *Sindicato da violência*, de Franz Kane, na realização de João Ramos e ambientação nas docas de New York, foram novos títulos de *TV de Mistério*.

Amargo desejo mostrava um novo texto de Eduardo Campos. *Profissão: matar*, de William Logan, teve realização de Péricles Leal. *A Sra. Schultz está morta* foi outro espetáculo de sucesso de *TV de Mistério*.

O elenco da TV Ceará se revezava na interpretação de papéis com um código tão peculiar, mais contido, longe da exuberância que era marca registrada de Antônio Mendes, por exemplo. O contraste entre nosso tipo caboclo e a fleugma das personagens das histórias levadas ao vídeo criava um outro plano ou nível da leitura, onde a cumplicidade do telespectador assimilava as disparidades e consumia o espetáculo. Também era assim nas histórias de época, principalmente se transpostas para a Europa (Ibsen), o oriente de *O dragão vermelho* (*Contador de histórias*) ou o Sul dos Estados Unidos, de Steinbeck.



Por uma canção e seis pence trouxe a venerada Agatha Christie de volta. *Perversidade*, de Steve Phillips, foi confiada a João Ramos, da mesma forma que *Flores para os vivos*.

O laço, considerado pela *Folha do rádio e TV* o melhor espetáculo de agosto de 1961, abordava a homossexualidade, desapontando aqueles que temiam *uma palavra, um gesto que denunciasse ou chocasse*. Todos puderam respirar aliviados ao final, *o momento tão indesejado não surgira*, segundo a revista especializada.

A vida por um fio, *Decisão fatal*, *A última resposta*, *É crime sujar a neve* eram títulos de estantes especializadas em romances policiais e episódios de *TV de Mistério*. Dezembro de 1961 trouxe a reprise dos primeiros espetáculos da série.

O ano de 1962 vai recrutar Hildeberto, que compareceu com *Pelo amor de Liz*, *Diamba* (um violinista envolvido com drogas) e *Delírio* (que tratava do alcoolismo em um programa com pouquíssimas falas). João Ramos assinou *Ester*; Ary, *Petrouska, a vingativa*; e Gonzaga, *Ambição. Duelo*, de Joy Folb, foi programa de Augusto, *O crime não compensa* trouxe de volta João Ramos.

O programa não completou dois anos. Ninguém soube por que ele saiu do ar. Ainda não vivíamos a ditadura das pesquisas de audiência. Autores e personagens envolvidos nas tramas bem que poderiam ter dado uma pista.



O MUSICAL CEARENSE

A velha PRE-9 contava, à época da inauguração do canal 2, com um elenco milionário de radioteatro, os melhores locutores do Estado, apresentadores experientes, cantores e cantoras que, acompanhados pela orquestra de Mozart Brandão ou pelo regional de Moreira Filho, levavam o auditório ao delírio.

A chegada da tevê vai reformular atitudes, impor novos hábitos e aos poucos esvaziar o tradicional palco/auditório do edifício Pajeú.

Os musicais cearenses são, de certo modo, uma luta desse pessoal para ocupar espaço no novo veículo e uma forma de os Associados pagarem a folha elevada de seu *cast*, envolvendo-os em novos projetos, com público cativo, patrocinadores garantidos e a possibilidade de diversificar e dar ritmo à programação.

Música de todo o mundo foi um desses programas. Envolveva os chamados artistas da Ceará Rádio Clube. Na exibição de 8 de dezembro de 1960, tomaram parte: Giacomo Ginnari, Luis Irapuan, Teresinha Nogueira, Salette Dias e o regional de Moreira Filho.

A música e a palavra foi, inicialmente, uma proposta mais elitista de envolver o *Madrigal da Universidade*, em sua melhor fase.

Na apresentação seguinte de *Música de todo o mundo*, Maria Guilhermina, João Bob, Lourdes Martins, Ísis Martins e Moreira Filho – que já no domingo seguinte se tornava titular do *Música depois das 8*, programa dominical, numa faixa considerada nobre e onde se manteve durante pouco tempo.

Sala de concertos, do dia 30 de dezembro, teve recital de piano de Gerardo Parente. Sábado, 31, foi a vez de *Rosa Maria canta*.

Música depois das 8, de 15 de janeiro de 1961, ainda vai encontrar Moreira Filho e seu conjunto. Dia 5 de março, a apresentação de Ayla Maria, nesse mesmo horário.

Marilena Romero deu *show* no *Música de todo mundo* do dia 9 de março. Nova estreia: *A música de Ivanildo*, às segundas-feiras, com o conjunto do *band-leader* militar (*o sax de ouro*) que tanto agradou à cidade no início daquela década.

O roteiro de Ayla Maria, na sua apresentação de 2 de abril, compreendia: *Linda flor*, *Devaneio* (Djalma Ferreira), *Poema do adeus* (Luis Antônio), *Serenata* (Schubert), e *Encantamento* (Othon Russo e Nazareno de Brito). Nova apresentação de Rosa Maria no dia 6. O sucesso de Ayla fez com que ela passasse a ser a grande atração das noites de domingo, com patrocínio de *Carvalho Borges* e acompanhamento de Moreira Filho e seu conjunto.

Cantando boleros açucarados, versões que estavam nas paradas e canções de gosto bem popular, Ayla sedimentava uma carreira muito bem-planejada. *Música, doce música* tinha Teresinha Vieira, cantora lírica e mulher de Péricles Leal, acompanhada pela pianista Nísia Diogo Maia.

Os jornais chamavam a atenção para o fato de Ayla *não repetir músicas e todo domingo se apresentar com uma nova e distinta toilette*. As colunas de fofocas especulavam sobre quais seriam seus *hobbies*: bichos de pelúcia e estatuetas japonesas.

O ano de 1962 vai trazer de volta Guilherme Neto com *Um seresteiro dentro da noite* e a exibição de Fernanda Menezes em *Um astro por semana*.

O programa de Ayla já se chamava *Quando canta uma estrela*. Rosa Maria era *Uma Rosa que canta*.

Lourdes e Ísis Martins integravam o elenco de atrizes do canal 2. Foram presenças constantes e marcantes nas realizações da casa; Luís Irapuan também fazia pontas em telenovelas e nos programas de Renato Aragão. O pessoal tratava de dar vazão a um talento múltiplo se encaixando em outros projetos.

Convidada por Lúcio Brasileiro, Ivonilde Rodrigues cantou em *Eles fazem a cidade*: foi a estreia dela na tevê.

Ayla gravou *Chariot*, na Mocambo, cumpriria temporada de um mês em Belém e teria sido convidada para apresentação em Brasília.

Nas festas de aniversário da TV Ceará, a chamada *prata da casa* era convocada: Nozinho Silva, Luís Irapuan, Rosa Maria, Trio Jangadeiro, Lourdes Martins, Arnaldo Leite e Ísis Martins.

O programa *Uma estrela por semana* levou Lourdes Martins e, depois, Marilena Romero para exibições bem-cuidadas, com direito a cenário, roteiro, realizador e o acompanhamento de Moreira Filho e seu conjunto.

Ivanildo, que já havia gravado o elepê *Do coração do Ceará*, lançou *As duas faces da bossa*. Ayla, na TV Jornal do Comércio, participou do programa *Terra da Luz*. Agora chama-se *Ayla Maria, uma estrela*, seu espaço aos domingos na TV Ceará.

Na primeira semana de 1964, *O astro da semana* foi Arnaldo Leite.

Novidades no programa de Ayla, ela fazia reportagens focalizando suas gravações. Em março, ela cantou com traje típico da região de Coimbra, em homenagem à colônia portuguesa. Na semana seguinte, o programa seria dedicado às crianças.

Nozinho Silva foi *O astro da semana*. Iracema de Alencar, cantora, compositora e declaradora, estaria, segundo reportagem de jornal, à disposição de clubes, rádio e da tevê para *shows*. *Uma estrela por semana* focalizou Socorro Coelho.

Mais *prata da casa* na festa do 4º aniversário: Ísis Martins, Albanisa Maria, Nozinho Silva e Francisco Costa.

Ayla, que havia gravado com Ivanildo o elepê *Vôo musical*, assinava coluna em *Gazeta de Notícias* (jornal que seria extinto em 1972)

Em 1965, Lourdes Martins ganhou programa semanal de 15 minutos: *Canções e amor*. Cartaz das segundas-feiras, *Gente nova* tinha apresentação de Gonzaga

Vasconcelos e coordenação da agência Publicinorte. Neide Maia, com a categoria de sempre, comandava a *Música e simpatia*, atração das noites de sexta.

Em agosto, vários cantores se desligaram da organização. Ísis Martins, a partir de então, pertencia apenas ao teleteatro. Em setembro, Moreira Filho voltou a ter programa só dele, aos sábados.

Em janeiro de 1966 se cogitava a transferência de Ivanildo para Natal, por conta de sua carreira militar. Arnaldo Leite e Ayla Maria foram destaques do ano que passou.

Em maio, cogitava-se a volta, em breve, da programação ao vivo da TV Ceará, em que teríamos *shows com os artistas da terra*.

Esses *shows* não aconteceram, mas a TV Ceará teve participação decisiva quando da eclosão, no início dos anos 1970, do movimento musical que revelou um novo canto da terra.

A geração que amplificou para o País um canto torto, agreste e nordestino, foi testada no auditório da Estância. Os programas *Porque hoje é sábado* e *Gente que a gente gosta*, de Gonzaga Vasconcelos, e *Show do Mercantil*, de Augusto Borges, patrocinado por uma rede de supermercados, treinaram na direção musical, deram uma noção de indústria cultural e desinibiram Jorge Melo, Belchior, Ednardo, Fagner, PT (Pretextato Melo), esse pessoal que o Ceará exportou *e voltou em capas de revistas coloridas*.

Dos *shows* para os amigos às noites no Anísio, dos primeiros festivais promovidos pela Tupi ao sonho do disco enfim realizado, uma referência ao canal 2 se faz obrigatória. As palmas do auditório não ecoaram em vão.



A JUVENTUDE NA TV

A festa ainda não havia arrombado, mas Wanderléia já inaugurara, em 1964, uma série de apresentações sistemáticas em Fortaleza. Passou a atração quase permanente do empresário Irapuan Lima e chegou a se apresentar, com o título de Rainha da Juventude, como convidada do programa de Ayla Maria.

Roberto Carlos já ameaçava tomar conta das paradas com um acento brasileiro no *rock* mais agressivo. Isso antes do *Quero que vá tudo pro inferno*, o sucesso que o lançaria de vez.

A cidade já estava sintonizada com qualquer coisa da nova que havia no ar, em relação à juventude. Era muito mais uma revolução comportamental, uma diluição da carga pesada do *rock*, o impacto de um regime autoritário vigente a partir de abril.

O futuro *Rei da Juventude* veio também em, 1964, trazido por Irapuan, talvez inspecionar o novo nariz de Wanderléia, grife de um cirurgião plástico cearense.

Tarcísio Tavares teve a sensibilidade de detectar as mudanças. Primeiro Elvis e depois os Beatles eram o *background* de um tempo novo. O vendaval dos anos 1960 ganhava consistência. A industrialização do País tinha criado, além da euforia do consumo, a própria televisão, que viria a ser reutilizada nesse circuito. Eram mudanças, de certa forma, tímidas, e necessitavam de uma chancela. A expressão *Jovem Guarda*, de Lênin, quem diria, ganhava uma outra conotação.

Foi quando o Náutico proibiu o acesso dos cabeludos às suas festas, conforme decisão do presidente Ary Araripe. Quem na época usasse *longos cabelos caídos ao pescoço, calças apertadas, aparentemente sujas, sapatos sem meias, camisas soltas e longas costeletas, dando a impressão de autêntico e moderno marginal*, que se cuidasse. Seria caso de polícia, segundo os padrões de cobrança da cidade.

Nesse mesmo tempo (1965), o Juizado de Menores proibiu a exibição de menores de biquínis em programas de auditório e circos.

A estreia de *TV Juventude* se inseriu nesse quadro, no eco do 1º Festival de Juventude, no ginásio do Sesc (Praça São Sebastião), onde o *Rei Roberto* e a *Ternurinha Wanderléa* davam força ao coro da rebeldia, assimilado, no instante seguinte, pelo lançamento de sapatilhas, calças, camisas, enfim, o que o sistema lucra com suas estratégias mercadológicas.

Roberto Carlos pôde se exibir no Náutico, apesar da recente proibição de acesso aos cabeludos nas dependências do clube. A condição de artista criava um estatuto pessoal e a *Jovem Guarda* não era, decididamente, um caso de polícia.

O programa *TV Juventude*, apresentado por Paulo Limaverde, tinha coordenação de Mário Monteiro e chancela da Publicinorte. *Tem agradado às toneladas à brotolândia*, segundo o noticiário dos jornais.

Em novembro, nova apresentação de Wanderléia e Rosemary em *TV Juventude*. Mas o programa teve seu mérito em dar evidência e mitificar artistas e personagens da vida da cidade, a que a criatividade da equipe conferia uma certa aura. Não se falava em outra coisa.

Na época, as lojas *Ocapana* e *Abarama* ditavam a moda jovem. Suas vitrines eram renovadas ao doce sabor das novidades e criaram um estilo. Um movimento que teve um sólido reforço no apoio suburbano ao estridente *iê-iê-iê*, açucarado por baladas românticas. Em março de 1966, o primeiro teste público: uma exibição em Carlito Pamplona de toda a trupe do *TV Juventude*.

Paulo Limaverde se vestia de cangaceiro. Outra vez os jornais falavam em *boa organização, apresentação, leitura de notícias sociais, promoções de Tarcísio Tavares, seleção de Mário Monteiro, boa vontade de Guilherme Neto, criação de tipos populares e renovação constante de valores*, o que era uma síntese da

proposta, uma parte do programa e uma crítica comprometida com o elogio. Mas valeu assim mesmo. A cidade não mais era a mesma.

Gustavinho Silva e Toy Albuquerque cantavam em Inglês, Guto Benevides atacava de bossa nova, até que um dia cantou o *hit* de Roberto (*Quero que tudo vá para o inferno*), com um prosaico diabo a ameaçá-lo com um garfo.

Marco Aurélio era o rei da dublagem. Reforçava-se o folclore em torno de Elias Fortes. Essa gente arrombava, todos os finais de semana, as tertúlias (festas dançantes) do Maguary (clube que ficava à Rua Barão do Rio Branco, próximo à Avenida 13 de Maio).

O instante maior aconteceu quando de uma exibição nas *Lojas Couto* nº 5, esquina de Major Facundo com Pedro Pereira. O circo estava armado. A expectativa gerada em torno de Mariozinho Monteiro (*o Mariozinho das moças*) fez com que ele tivesse de ficar confinado dentro da loja até que o público se dispersasse. Em outras oportunidades, ele foi rasgado, apupado, numa verdadeira histeria canalizada para o nada.

Numa visão bem maniqueísta, outros jovens empunhavam o grito das canções de protesto e queriam derrubar a ditadura militar.

Mas *TV Juventude* fez a festa. Nunca a alegria esteve tão presente no vídeo cearense. Nunca mais Mariozinho Monteiro, Paulo Limaverde, Toinho, The Bichos, Ceará Bossa, Dublador Coelhozinho, os Simples, as Simples (moças de boas famílias que cantavam mascaradas) seriam ídolos de uma juventude que passou.

Mais uma vez tinha razão Selma Lobo, quando vaticinava, na estreia do programa: *teremos surf e hully-gully à beça*. Mais que isso, tivemos uma ruptura de classe média aliada a um encantamento suburbano. *Uma brasa, mora?*, no jargão da eterna *Jovem Guarda*. Um desfile de astros e candidatos ao estrelato, emoldurados por garotas *papo firme*, numa farra televisiva, dionisíaca, chacriniana. Talvez o instante mais solto da TV Ceará.



O PRAZER DE FAZER TV

Era preciso viver intensamente cada momento e isso a equipe do canal 2 soube fazer, transformando num *show* permanente o próprio ofício. Trabalhar era estar no ar, com direito aos aplausos e percalços de uma atividade nova.

Maria José Braz, ex-aluna do CPET, ficou pouco tempo à frente do programa *De mulher para mulher*.

Glice Sales propôs um relacionamento mais pessoal com as crianças do *Brincando e aprendendo* e foi depois substituída por um esquema de auditório improvisado, com patrocínio do Supermercado Sino e comando de Wilson Machado e Rita Angélica.

Quando as brincadeiras ficaram sem graça (dezembro de 1961), Renato Aragão teria sido convidado para reformulá-lo. As crianças pediam coisas novas e ninguém melhor que o *Didi* para sugerir essa nova fase do programa infantil.

A trajetória do *Show fim de semana* é significativa da escola que foi a TV Ceará. Os programas eram testados, as reformulações eram feitas, quando necessário, e todos saíam ganhando.

Esse programa de Ary Sherlock tinha, no início, uma parte cantada (a velha questão do espaço para o *cast* associado proveniente do rádio) e uma parte declamada, com monólogos e diálogos célebres. Não funcionou a contento.

A nova estrutura adotada foi a síntese das revistas musicais, o ritmo ágil da multiplicação dos papéis, a coreografia do próprio Ary, toda uma inventiva que ficou mais próxima de uma linguagem visual e mostrou a necessidade de uma permanente renovação.

A legenda da foto de *Provas finais* vai nos mostrar Ary, Karla, Emiliano, Maria Luíza, Ilclemar Nunes e Salete Távora na apoteose de um programa. Era um ponto

de partida para o desenvolvimento de uma linguagem de quem quer dominar o veículo.

Nova reformulação foi feita em abril de 1962. Depois o programa saiu do ar.

Noite cearense, realização de Augusto Borges, entrou com a responsabilidade de substituir o pioneiro *Isto é show*. A opção feita foi no sentido de mostrar o lado curioso do entrevistado, a atividade que não constituía o papel mais forte que ele desempenhava no contexto social. A fórmula não era nova, mas ganhou sotaque local a partir de sua estreia, em março de 1962.

Ary Sherlock estruturou o seu *Sempre aos domingos*, contando com a segurança de Narcélio Limaverde, o charme de Cleide Holanda e as reportagens de Polion Lemos, isso em maio de 1964.

Os programas de prêmios sempre tiveram apelo fácil e audiência garantida. Ao estimular a competitividade, mexer com o sonho do inacessível prêmio ou jogar com o lance da sorte, misturam gincanas com quermesses e cultura de almanaque, num modelo testado e aprovado pela tevê dos grandes centros.

Aqui, Augusto Borges passou a deter o patrocínio de Ironte (fábrica de produtos de alumínio), numa série de programas que significavam a retomada do anterior, com algumas modificações.

Sabatina Ironte, num âmbito bem colegial, ganhou maior amplitude ao se transformar em *Ironte é o limite*. Mesmo assim, nas férias escolares, entrou no ar o *Passatempo Ironte*, que aprovou e ficou. *Hum milhão Ironte* passou a ser um programa mais ambicioso, que tinha Marizete Batista como assistente.

Guilherme Neto substituiu Hildeberto Torres na realização da *Chave da sorte*, que estreou em maio de 1964, com patrocínio da Casa Parente e apresentação de Augusto Borges e Salete Dias. Destacou-se na *Chave* o colunista Lúcio Brasileiro, respondendo sobre futebol. Ele abandonou o programa, irritado com os boatos de que recebia previamente as perguntas. Neide Maia, competente locutora de

cabine, anunciadora e eventual teleatriz (estreou na *Comédia da cidade*, de Renato Aragão), passou a dividir com Aderson Braz a apresentação do programa, a partir de janeiro de 1965.

Já o *Romcy gira a sorte*, show da Publicinorte, no ar a partir de janeiro de 1965, tinha o comando de Matos Dourado e a participação de Lourdes Martins. Com o respaldo de uma forte promoção de vendas, o programa levaria sorteados que tentariam formar, no estúdio, o nome Romcy (rede de supermercados e lojas de departamento), através de cubos giratórios. Mais uma estratégia de venda de carnês que tanto ajudou no sucesso desse grupo empresarial. Regina Elizabeth, filha de Matos Dourado, passou a participar do programa, em abril daquele mesmo ano. Essa atração das noites de segunda-feira na tevê ficou em cartaz até julho de 1965.

Sucessos Romcy, que foi ao ar em novembro, tinha apresentação de Narcélio Limaverde. Dentro da sequência *Estrada do sucesso*, foi feita uma tardia escolha para apresentadores de tevê. No júri, Guilherme Neto, Tarcísio Tavares e Antônio Romcy, com direito a torcida por Jorge Washington e Socorro Cláudia, os mais fortes candidatos. O programa saiu do ar em março de 1966.

Jório Nerthal apresentou o *Atrações Casa Inglesa*, a partir de julho de 1965.

Preнове's Club, com apresentação de Mac Dowell Holanda e, depois, definitivamente, de Augusto Borges, tinha a participação do colunista social José Calazans Pires, o Bayard.

Com patrocínio da Brahma, Augusto circulava entre as mesas de uma pretensa reunião social, dando margem a que a cidade satisfizesse seu desejo de aparecer na tevê. Na linha do *Clube dos artistas* ou *Almoço com as estrelas*, programas nacionais, *Preнове's* foi mantido na programação da TV Ceará até a entrada em funcionamento do videoteipe.

De dezembro de 1962 a abril de 1963, foi possível rastrear uma série chamada *Caminhos da vida*, um pacote de programas de realizadores associados de vários estados, que ganharam forma graças ao talento e empenho da equipe local. Encaixado na programação dominical, substituiu *TV de Mistério*.

Os pioneiros *Histórias das coisas* e *Este mundo curioso*, de João Ramos e Augusto Borges, respectivamente, foram cedendo espaço na programação à invasão dos enlatados.

O teatrinho do bom companheiro, de Matos Dourado, em parceria com sua mulher, a professora dona Didi, foi novo esforço para consolidar um horário infantil na emissora.

Na linha dos grandes espetáculos, *A grande noite da paixão*, de Dom Hélder Câmara, montada inicialmente no Maracanã e aqui realizada por Guilherme Neto e apresentada na Semana Santa de 1962. Com direito a reparos da *TV Revista* por conta da falta de entrosamento entre o elenco e o coro do Seminário.

Ele armou tenda entre nós foi realização de Ary Sherlock, na então inacabada Catedral de Fortaleza, para o Natal de 1963.

A tevê abria espaço para palestras semanais. Além das indefectíveis prestações de contas de governantes, era exibido o *Encontro Semanal de Pais e Mestres*, onde pontificava o doutor Edílson Brasil Soares, diretor do Colégio 7 de Setembro.

Ao professor Roberto de Carvalho Rocha, do Colégio Christus, cabia o trato de *Problemas da nossa cidade*. Também o Movimento Familiar Cristão ocupou espaço, bem como os políticos, a partir de 1962, exibindo-se no horário eleitoral gratuito.

Em 1964, Roberto Leão dava aulas de inglês pela tevê no *Let's learn English*.

A TV Ceará dava pleno respaldo às promoções associadas. Concursos de Miss Ceará ensejavam uma série de programas onde as candidatas eram apresentadas, motivando torcidas, envolvendo clubes, acirrando bairrismos (Sobral e Crato

deram Misses Ceará) e ampliando o alcance e repercussões da promoção. Também o Miss Suburbana, posteriormente, passou a contar com o seu horário na tevê. Para não deixar de falar no Rainha do Algodão, concurso que empolgava as colônias interioranas, numa época em que esses contingentes ainda não tinham passado a se estabelecer, de maneira mais marcante, na capital.

A força associada podia ser medida pelo impacto de suas promoções (departamento chefiado por Stênio Azevedo), como a construção da Maternidade Escola de Fortaleza, depois Assis Chateaubriand, o auxílio às vítimas das cheias de 1960, o ouro para o bem do Brasil e tantas outras que marcaram época e motivaram uma cidade que começava a se definir como metrópole.

A crônica afetiva inclui o folclore e a camaradagem reforçada no almoço improvisado ou na saudável boêmia do Ponhon's Bar ou do Poeira Vermelha.

Nessa amostragem caleidoscópica, a reafirmação da descoberta da tevê e do prazer de fazê-la, o mais intimamente possível, associada à própria vida.



UM PONTO FINAL

Ao apoiar, com toda a grande imprensa brasileira, o movimento militar de 1964, os Diários Associados não poderiam imaginar que seriam substituídos por um grupo que representava um modelo mais moderno de capitalismo, a Rede Globo de Televisão.

Os grupos multinacionais passaram a interferir, de maneira mais incisiva, no mercado brasileiro. E a televisão, por tudo o que representa como vitrine e reprodutor de discursos ideológicos, não poderia ficar fora dessa investida.

A grande campanha encetada pelos Associados contra a presença de capitais estrangeiros na comunicação brasileira vai significar a capitulação final. Estava perdida a guerra.

Vicejando à sombra dos favorecimentos dos governos populistas, os Associados não tiveram seu esforço de porta-voz conservador devidamente reconhecido pelos novos donos do poder.

Do ponto de vista gerencial, a centralização da produção no eixo Rio/São Paulo foi uma cartada decisiva, em termos de sobrevivência. O videoteipe para as estações regionais entraria dentro de um esquema de diluição de custos e maior funcionalidade operacional.

Dentro dessa perspectiva, tornava-se inócuo todo e qualquer discurso de defesa da pluralidade de culturas e das diversidades regionais. Nada disso fazia sentido diante da questão mais grave do lucro.

Esses avanços tecnológicos, inevitavelmente, seriam implantados. Dizer o contrário seria insistir num quixotismo artesanal, sem muito espaço na selvageria capitalista. O que não se lutou foi pela reserva de espaços para a programação local, para a questão social do emprego e contra a castração de uma criatividade.

Como pano de fundo, uma acirrada questão sucessória desencadeada com a morte do *velho capitão* Chateaubriand, em 1968.

Desativada a carpintaria, dispensado o elenco, a TV Ceará entraria num compasso de repetidora, rotina quebrada com o significativo feito, pouco explorado na época, da conquista de um prêmio internacional (Ondas, Barcelona) pelo espetáculo *Os desertados*, de Hildeberto Torres, a partir de texto de Eduardo Campos.

O resto reflete a incapacidade administrativa, os novos tempos que vivia o País, numa contagem regressiva, apesar da euforia das cores, para o desfecho final e previsível de 1980, quando a TV Ceará saiu definitivamente do ar.





DEPOIMENTOS

Ary Sherlock

Nós trabalhávamos para os Diários e Rádios Associados e inauguramos a TV Ceará em 26 de novembro de 1960. É evidente que isso era uma grande família, maravilhosa, os trabalhos intensos que a gente fazia, como o chefe dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, que eu ainda cheguei a conhecer, apesar de ele estar dodói. Ele dizia: tudo que aqui se faz se faz com amor. Então, a gente tinha essa identificação de amor.

Tinha os programas humorísticos do Renato Aragão, do Américo Picanço... Era com muita seriedade, era muito bem planejado, planejamento fantástico antes de a gente fazer qualquer peça, fazer para gravar. Tinha que mandar para um departamento, e também pediam os cenários. A gente pedia os chamados guarda-roupas. A gente fez antes o CPET com um paraibano que eu julgo o papa da televisão no Brasil, Péricles Leal. Então, de repente eram as coisas muito bem-repetidas, cortadas e planejadas. O nosso engenheiro, o doutor Armando, falava que não podia ter nada brilhoso para não ficar preto na gravação, e a Regina Picanço desobedecia quando as bailarinas iam tudo com diademas brilhosas.

A gente fazia essa grande família. Como a gente teve experiências muito ruins a respeito de direitos autorais, nós fazíamos sempre, por questão de economia, adaptações de romances com mais de 60 anos para não pagar direitos autorais. No Videorama, era tudo feito por nós mesmos, na nossa realidade, eram os autores nossos que faziam também, por questão de custo. No Contador de histórias, tudo a gente adaptou, muita coisa boa, eram os gregos, Shakespeare, a gente adaptou quase tudo. Adaptamos Macbeth, adaptamos mil coisas de Shakespeare.

Essas coisas se somavam aos cenários, que eram confeccionados pelo Rinauro Moreira – o cara estava casado com uma grande atriz, que era Maria Luiza. E

também nós tínhamos grandes estrelas: foi a Cleide Holanda, foi Karla Peixoto, foi Jane Azeredo. Depois saiu porque era menor de idade. Se faziam os truques, de a câmera pegar embaixo, pegar em cima, como se ela tivesse tirando a roupa, e lá embaixo aparecer a roupa caindo no pé. É lógico que ela não estava nua, em momento nenhum, mas dava a impressão para o telespectador de que ela estava nua. Como ela tinha essa idade, o Juizado de Menores foi lá e embargou a coisa...

Bem, tivemos Glice Sales, que era uma grande atriz e também deixou logo, por uma questão de o noivo não gostar que ela trabalhasse. Eu sempre fazia revistas musicais durante o fim de semana, no horário de 9 horas, e era patrocinado pela Casa Parente, isso já se foi. Aliás, mudou totalmente não só a nossa vida, como também a de Fortaleza, que era tão provinciana. Eu cheguei aqui em 1952, Fortaleza tinha 300 mil habitantes, a gente conhecia todo mundo, onde morava. Tinha o “quarteirão do sucesso”, onde todo mundo roda em torno do Cine Diogo – muito depois é que foi inaugurado o Cine São Luiz. Nesse tempo só tinha os arcabouços e já estava em cima, mas ainda não acabavam.

Aí começou a televisão a se influenciar na arte do povo, apesar de poucas pessoas terem aparelho nesse tempo. Aliás, no Brasil inteiro tinha a história de televisinhos. De repente, as revistas davam conselhos de televisinhos, como ser bons televisinhos, participar, levar alguma coisa, um refrigerante, uma coisa para ajudar na casa que você estava assistindo a televisão. Agora, a respeito dos interiores, algo muito raro era quando tinha a televisão. Nos lugarejos próximos, todo mundo ia para o lugarejo que ia ter televisão, que o prefeito ia promover. Às vezes colocava até na praça para o público assistir. Hoje você vai ao menor casebre e tem televisão.

A gente fazia isso numa irmandade muito grande, um amor fraternal. Era muito bem-planejado. Fazia-se o Contador de histórias com essas grandes figuras, com obras magníficas que hoje não se fazem mais. Eu também tinha essa coisa

enorme de fazer as caracterizações diferentes, fazíamos muita festa de época e não tínhamos postiços, cabeleireira, peruca, barba, tudo era improvisado. Então, nós atores tínhamos todos cabelos longos e barbas às vezes, barba era uma coisa que a gente usava muito para cortar os cabelinhos com a tesoura, colocava cola de breu e pregava. Era assim, o cabelo era mais difícil. Então, geralmente a gente tinha cabelos longos, o que nos fazia ser reconhecidos nos ônibus em que a gente viajava para a televisão, que era lá na Estância.

Foi há muito tempo que se fez isso. Vendendo ação para isso, para aquilo, promovendo. O pessoal saía com imagem de TV em cima de caminhões na rua. Tinha talvez umas 300 televisões paradas pela cidade de Fortaleza. Hoje são milhares, não é? Hoje, por exemplo... Você de primeiro ia para Canoa Quebrada, chegava lá era cheio de nativos, alugavam as casinhas para a gente passar o final de semana. Hoje a gente chega por aí, Canoa Quebrada, Jericoacoara, estão lá, tudo que é de garotos nativos, de brinco na orelha, tudo igual na televisão, sabe? Não tem mais aquela natividade que a gente encontrava antigamente. Isso no Brasil inteiro aconteceu. A televisão globalizou a coisa. Não só pela Globo, mas pela globalização em si.

A gente fazia essas coisas com muito amor, com muito carinho, serenidade... O pessoal acreditava. Eu lembro quando eu fazia uma novela chamada O pobrezinho de Assis, que eu fazia São Francisco. Eu era jovem. Hoje em dia eu faço a vida de São Francisco, mas eu faço o papa, já estou velho [risos]. Naquele tempo, eu fazia o próprio São Francisco, com adaptação que eu mesmo fazia de vários autores. Então, eu estava recordando o texto para apresentar no pátio da televisão, para entrar na novela que estava se aproximando, quando chegou uma senhora, com o filho nos braços. Ela joga a criança aos meus pés e diz: “Cure meu filho, meu santo”. Já imaginou o impasse que eu vivi? Minha indecisão, que eu não sou São

Francisco... Eu não iria tirar a ilusão da mulher, então eu abençoei a criança, ela achou que melhorou e foi embora.

A avaliação que eu faço da TV Ceará é muito positiva. A televisão e o teatro tinham em comum a continuidade emocional. Era o que a gente aprendia no CPET: o que tinha em comum entre o teatro e a televisão era essa continuidade emocional, que você ia no crescente até chorar mesmo. O teatro faz isso, e a televisão fazia. Hoje não, você para seis vezes a gravação, pinga glicerina no olho, faz essa coisa toda.

Aconteciam coisas engraçadas do outro lado, o povo acreditando na televisão. Chegou uma senhora, dona de um bingo. “Ivonildo e seu Conjunto” era famoso, tocava no Maguari, todo domingo tinha essa apresentação na televisão. E um dia chega uma senhora, com uma criança também no braço. “Eu quero falar com o Ivanildo”. “Mas ele agora está dentro do estúdio, ele vai já entrar no ar, já está quase na hora”. “Mas eu quero falar com o Ivanildo”. “Quem é a senhora?” “Diga a ele que sou eu, e esse aqui é filho dele. Sim, de Ivonildo e seu conjunto!”

Conforme eu falei, no CPET muitas vezes a gente fazia, aprendia-se a improvisar. Quando de fato se esquecia, até retornar a memória, a gente aprendia a improvisar dentro do contexto. Se era uma época de 1800, a gente improvisava o diálogo dentro do estilo daquela época. Eu não podia colocar um gíria em 1800. Lógico que houve improvisação. Uma vez... Era branco e preto ainda. Então, a variante era cinza, branco e preto. Por exemplo: no cinema, a gente usava o vermelho para dar preto sem irradiar. A gente tentava acertar muito, principalmente na área de maquiagem, que nós não tínhamos os recursos que hoje se tem, de plástica. Mas aí tudo a gente usava da maneira que podia. Eu fiz um homem com o olho vazando, usava o vermelho e o azul com contorno preto para dar a impressão de ferimento. Pegava-se algodão, filamento de algodão, passava na cola e pregava. A gente obrava milagre, mas se saía muito bem.

A gente estreou com A fúria dos justos, no dia 26 de novembro. Eu fazia o aleijadinho Gideão. Estreou com a Dora Barros, depois foi a Karla Peixoto. Uma cantora lírica, que era esposa do Péricles Leal, disse: “Eu não sabia que o Ceará tinha disso”. Isso envaidece. Eu fui fazer para o Congresso Internacional de Televisão de Barcelona. Nós fomos indicados para o terceiro lugar, mundialmente. Eu fui indicado como o melhor ator do mundo. Isso me envaideceu, não tanto pessoalmente, mas de uma maneira quase telúrica. Eu senti que aquela indicação era de um filho de Sobral, de um filho do Ceará, de um filho do Brasil. Essas coisas todas me marcaram profundamente.

Meu modo de vida foi também muito afetado. Eu morava na Beira-Mar. Eu não podia ir na janela, porque se eu fosse juntava gente embaixo. Era uma coisa muito interessante. No começo é bom, mas depois a popularidade... Aí foi que eu comecei a ter pena do Marlon Brando, quando diziam que assaltavam, rasgavam...

Digamos algo que poderia se suceder em qualquer situação, porque era ao vivo: numa floresta vinha o Emiliano Queiroz, que era um galã, e eu também, um galãzinho. A gente vinha conversando numa floresta – antes tinham pintado tudo para fazer a floresta, voltando aquele negócio de cinza, preto e branco. A gente cortava aqueles arvoredos ali, onde era a estação, e montava uma floresta. E eu tinha um diálogo com o Emiliano que eu dizia: “Mas que belo alazão!” Mas esse belo alazão entrou com o Rinauro sentado em cima, o alazão era um pangaré. Ele não teve tempo de alugar um cavalo. Quando eu vejo o belo alazão, aquele pangaré, me deu quase uma crise de riso. Eu segurei. Mas o chão estava liso da pintura que tinha sido feita, o pangaré era tão magro e o Rinauro tão pesado que ele arriou, ele começou a abrir as pernas até quase encostar no chão e o Rinauro ficar em pé. Eu e o Emiliano corremos para dentro da floresta para rir lá dentro, quebrando totalmente a cena que nós tínhamos ensaiado. Mas era a maneira de se fazer os improvisos. Outra vez, eu fazia um judeu, pai de Rebeca, que era a moça

que era feita pela Cleide Holanda e era a paixão do Emiliano Queiroz. Então veio o bobo do rei, feito pelo Marcus Miranda. Ele veio e chegou na caverna – a caverna era aquele cenário todo feito de papel de saco de cimento, areia jogada em cima, papel picotado, para dar impressão de rocha. O nome da minha filha era Rebeca. Ele de costa para a câmera, eu de frente para a câmera, ele chamava. De dentro da caverna, eu vinha dizia: “Às suas ordens”. “Eu vim aqui a mandado para saber como vai a sua filha Rabeca”. Quando ele falou “rabeca”, aí eu enlouqueci, eu corri lá para dentro da caverna. Ele cheio de guiso, como estava de costa para a câmera, ele ria que os sinos faziam ti-ti-ti-ti-ti-ti. Tilitavam.

E aí, essa época, tinha essas coisas que apareciam, mas no mais não tinha esses improvisos todos. Por exemplo: às vezes a câmera terminava uma cena, eu fazia uma versão do Orfeu no inferno, e ele ia buscar Eurídice. Eu adaptei para o Orfeu ser um pistonista, que o Almir Teles fazia. Eu fazia o diabo, que pulava e vinha de dentro do inferno. Terminava e tinha uma placa que dizia “FIM”. Quando o diabo era dominado pelo Orfeu, a câmera vinha lentamente e aproximava até onde eu estava morto. Eu pensei que a câmera já tinha saído do ar, aí o diabo depois de morto levantou.

Nesse tempo que inauguravam, 26 de novembro de 1960, eu fui convidado de Guilherme Neto, que foi um dos nossos grandes diretores. Eu era a única pessoa que não era dos Diários Associados e fui fazer o curso de CPET. Ele achava que eu era inteligente. Fiz o curso e parece-me que eu fui um dos primeiros classificados. Fui admitido. Ficaram Ary Sherlock, João Ramos, Augusto Borges, Lustosa da Costa, Guilherme Neto... Porque depois entrou o Hildeberto Torres, depois vieram vários, como o Gonzaga Vasconcelos, muita gente mais. Aí eu já estava saindo, porque, no início da televisão, o Gonzaga ainda não estava.

Ah, sim, eu estava falando sobre o Renato Aragão, que ficou na parte humorística. A prova dele foi muito interessante, porque ele prendia o povo e amordaçava com

um grande esparadrapo e umas coisas assim que aconteciam também na vida real. Péricles Leal viu nele o tino humorístico. Ficou na parte cômica. No começo, ele estreou na TV de comédia, realizado por mim. E depois ele foi fazer o Vídeo alegre, onde ele criou o personagem que até hoje existe, chamado Didi.

Eu era um homem do teatro, estava no teatro experimental, depois no Teatro Jangada, depois no Teatro de Brinquedo. Depois vem uma temporada que eu passei no Piauí, já estava integrado a outro tipo de teatro. Fazia eu e Emiliano Queiroz, que, nesse tempo, antes de a TV ser inaugurada, ele foi experimentar a vida no Sul, fez aqui um tempo e depois foi embora de novo. Mas nesse tempo a Ceará Rádio Clube tinha anunciado um teste para três vagas de radioator. Então eu ficava. Pelo gosto de nosso diretor, Marcus Miranda, ninguém ia. Na Igreja do Rosário, fizemos a promessa de raspar a cabeça se passássemos. Passamos e não raspamos.

A gente foi classificado primeiro, segundo e terceiro lugar: eu, Emiliano Queiroz e Emílio Rocha. Nesse mesmo tempo, nesse mesmo teste, um garoto de 13 anos sobressaiu-se, que foi batizado como Aderbal Júnior, hoje batizado como Aderbal Freire Filho, um dos maiores diretores do Rio de Janeiro de teatro. Depois eu entrei na Ceará Rádio Clube, também na Ceará Rádio Novela, depois também na Dragão do Mar Rádio Novela. Foi quando veio a televisão. Porque, antes de eu fazer algumas novelas interessantíssimas, o pessoal conhecia a gente pela voz. Depois, passaram a reconhecer a gente pela figura. Essa coisa da televisão me marcou profundamente. Aliás, com tanta experiência, com tantos autores diferentes... Dentro das interpretações da gente, a gente foi fazendo aquele caldeirão de coisas. A experiência foi muito válida, porque no teatro a gente passa anos para fazer um tipo. Na televisão, de repente você faz em um ano 40 tipos.

Ary Sherlock foi um homem de sete instrumentos da TV Ceará: ator, realizador, até dançou e deve ter cantado. Passou pelo Piauí e deixou suas marcas. Trabalhou muito tempo na TV Educativa (hoje TVC). Comemorou seus 80 anos no palco, esbanjando vitalidade e experiência. É alguém a quem o tempo fez bem e tem muito mais para contar.

Maria Luiza Moreira

O início da televisão aqui no Ceará foi uma euforia para nós, para os meus colegas todos, porque era uma novidade. A gente ficou muito alegre, muito feliz porque a gente ia fazer uma coisa nova. Nós nunca tínhamos feito TV. Veio a pessoa do Sul, foi o Péricles Leal, para dar um curso e umas orientações. A gente pegou rapidamente, também os nossos diretores, que era o Guilherme Neto, o Ary Sherlock, o Augusto Borges, ele, o Péricles Leal, o Gonzaga Vasconcelos, o Hildeberto Torres, posso até estar me esquecendo de alguém... Eles escreviam, e a gente fazia as histórias.

Agora, o mais importante que achei, que me deu aquela euforia, é que a nossa televisão era ao vivo, era como se fosse no teatro. Você não tinha videoteipe, não tinha as coisas que tem hoje, que o artista trabalha com uma manutenção muito grande por trás dele. A coisa vem toda já preparada; se ele erra, apaga, faz tudo de novo. Não, no nosso tempo nós fazíamos com muito amor, com muita garra, com muito carinho, porque a gente fazia ao vivo, a gente tinha que decorar tudo. Nós fazíamos duas novelas por dia: era o TV de romance e o Videorama. Quando terminava uma novela, a gente fazia um tipo, um personagem de um intervalo comercial, e aí tinha o Videorama, que já era uma novela mais regional. A gente tinha que mudar completamente o tipo que a gente fazia, porque a gente fazia

outro personagem. E já tinha que estar com as roupas todas no estúdio, porque não dava tempo, era um corre-corre. A gente trocava de roupa ali mesmo, no estúdio.

A gente tinha muito amor àquilo, a gente entrava madrugada adentro decorando papel, o script. Era um negócio de amor, garra, vocação, era tudo de bom, inclusive porque nós ali éramos uma família. Eu costumo dizer que o Guilherme Neto era o papai, a Neide Maia era a mamãe e nós éramos os filhos deles, porque eles estavam sempre do nosso lado, a gente era sempre muito unido, era uma coisa lindíssima.

Tivemos muitos momentos interessantes, muitos mesmo. A gente não tinha muita prática de, por exemplo, fazer quedas. Eu fazia um papel que eu tinha que cair lá de cima de um morro. Eu me jogava lá de cima para baixo, machucava. Eu só não, todas as pessoas que precisavam fazer esse tipo de cena. A gente fazia com tanto amor que aquilo saía, a gente ia num pronto-socorro, fazia um curativo qualquer, se ajeitava por ali. Tinha uma cena engraçada que aconteceu, eu não sei se alguém já falou sobre isso, foi sobre uma história que Augusto fez no Fim de semana, um programa sério. O Augusto era o porteiro do céu, nós éramos as pessoas que morriam e íamos para o céu. A primeira pessoa que ia aparecer era o Américo Picanço. Quando ele bateu na porta, estava todo mundo de camisolão, o Augusto de camisolão, o Américo Picanço... Quando ele bateu na porta que o Augusto abriu, o Augusto começou a rir, o Américo começou a rir, deu uma crise de riso neles dois, não se controlaram, até que tiraram o Américo de cena. Essa crise de riso contaminou todo mundo.

A história virou uma comédia, e que depois as pessoas que estavam em casa assistindo vieram na televisão rapidamente saber o que tinha acontecido. Ficaram sabendo, mas já tinha passado, porque, como eu disse, aquilo tudo era ao vivo, não podia fugir daquilo.

Essas coisas que aconteceram, era o seguinte: se você decorava um papel – que era muita coisa para decorar –, se na hora você esquecia, você tinha que dizer

qualquer coisa, você não podia ficar era sem dizer nada. Inclusive você tinha que dar uma deixa para o outro falar, você tinha que dar uma deixa para o suíte cortar lá em cima e você podia até dizer muita coisa sobre a história com as suas palavras, mas tinha que ter a deixa, não esquecer sempre de dar a deixa.

E teve uma, essa todo mundo conta: teve uma história que o Rinauro entrava montado num cavalo e, quando ele entrou, o cavalo abriu as quatro patas e caiu no chão, ficou lá e não saía, não saía e não saía. Foi preciso cortar a cena e botar um comercial para tirar esse cavalo de dentro do estúdio. Outra coisa interessante que aconteceu também foi em um Contador de histórias em que o João Ramos dava um tiro na Jane Azeredo. Quando ele deu o tiro, o revólver não detonou e ela caiu morta. Aí o Péricles botou o comercial e desceu furioso: “Como é que você, sem tiro sem nada, você cai morta, menina? Você tá maluca?” Ela disse: “Não, senhor, eu não estou maluca”. “Você não podia cair morta!” “Podia. Tanto podia que eu caí”. “E você morreu de quê?” Ela disse: “De susto do revólver”.

Eu passei ali também uma situação meio complicada. Os meus filhos estudavam num determinado colégio, e tinha uma novela que eu tinha um beijo com Emiliano. Mas, naquele tempo, o beijo não era como hoje, era um selinho assim fingido, a gente caía mais para um lado do que mesmo beijava. Os meus filhos chegaram no colégio e os coleguinhas deles começaram a dizer coisa com eles. A gente era muito criticado por causa das cenas que tinha na televisão – imagine as cenas de hoje, como são! Isso me deixou muito triste, ver meus filhos chorando porque no colégio os coleguinhas deles estavam dizendo que a mãe deles estava namorando Emiliano. Enfim, essas coisas que mexem com a gente. Isso naquela época. Imagine hoje, tudo é tão diferente.

Eu tive dois impactos violentos na televisão. O primeiro foi da inauguração, dos primeiros trabalhos, dos momentos. Como eu disse, eu nunca tinha feito televisão, era uma coisa nova, para mim era uma experiência nova e eu me apaixonei

perdidamente, gostei demais. Entre rádio, teatro, tudo que eu trabalhei – trabalhei até em circo –, foi o veículo que mais me apaixonou, foi a televisão. Eu passava dia e noite decorando meus papéis, eu era requisitada para todas as novelas, eu ganhei todas as jangadinhas todos os anos – porque tinha uma jangadinha que eles davam fim de ano para quem trabalhasse mais, e eu sempre ganhei, todos os anos. Aquilo foi muito bom, eu gostava, eu aprendi a gostar. Eu, que nem gostava muito de teatro, eu trabalhava porque me casei com artista e precisava ajudá-lo... Já pela televisão eu me apaixonei perdidamente, achava aquilo tão surreal, sei lá.

Naquela época eu achava aquilo o máximo, embora a gente fosse muito criticado, as pessoas que trabalhavam. A maioria das mulheres casadas não queria trabalhar na televisão porque falavam muito de artista de televisão. Mas eu nunca liguei para isso, porque eu nunca liguei para o que o povo falasse de mim, o que falasse ou deixasse de falar. Primeiro eu fazia meu trabalho, o que eu gostava. No começo, todo mundo queria fazer, mas, se não deu certo, saiu, foram embora e ficamos só nós. Nós que ficamos éramos uma família, a gente tinha muita amizade uns com os outros, não tinha essas encrencas, não tinha essas coisas que eu vejo hoje na televisão, não tinha nada disso. A pessoa dava a mão à outra, um ajudava o outro, é impressionante, a coisa é tão diferente de como a gente era...

Tudo isso se enraizou em mim. Quando chegou a hora dizer: “Vai acabar tudo, porque chegou o videoteipe e a TV vai acabar aqui no Ceará”, e todo mundo vai para Telecentro, vai para Tupi ou não vai para canto nenhum, foi meu maior impacto, foi ali. Mas o Rinauro foi requisitado para ir para o Telecentro e nós fomos para o Rio de Janeiro. Eu não aceitava, não aceitei trabalhar em outra [risos]... Eu fiquei tão traumatizada que eu não aceitava trabalhar em outra estação de televisão que não fosse a TV Ceará. Eu não quis ficar, não quis ficar e convenci o Rinauro de voltar para cá. Foi muito bom, porque quando chegou aqui eu fui inaugurar a TV Educativa, e ele foi para o canal 10.

A minha relação com a televisão é uma relação de amor e ódio [risos]. Porque houve aquela ruptura quando a gente parou de fazer as novelas, e depois veio, como eu falei, a TV Educativa, que o Ary me convidou para fazer parte. Eu fiz parte da inauguração de duas estações de televisão no Ceará, eu faço questão de frisar isso porque isso nunca foi dito. Eu fiz parte da inauguração da TV Ceará, canal 2, e fiz parte da TV Educativa, canal 5, que eu não sei hoje como é que ela se chama, já mudou de nome, agora é TV Ceará [risos]. Já era gravado, não era muito moderna ainda, mas a gente já fazia gravação. A gravação não voltava, se a gente errasse tinha que voltar tudo, ela não emendava, tinha que voltar tudo a fita. Então, a gente continuou fazendo uma televisão sem errar, sem poder errar, por quê? Porque a gente ia dar trabalho a toda uma equipe que ia ter que pegar aquela cena, voltar aquela fita todinha – eu digo fita porque eu nem sei o nome –, começar tudo de novo.

Essa televisão de hoje, se eu fosse trabalhar nela, eu seria uma grande atriz [risos]. Modéstia à parte. Porque ela já vem toda preparadinha, o artista não precisa dar aquilo que a gente dava. A técnica faz tudo por ele: até a lágrima é falsa, bota um produto que a pessoa chora. No meu tempo a gente tinha que chorar de verdade, dar na cara de verdade. Tinha uma novela lá que eu dava na cara do Renato. Eu “descoisei” até o tímpano do ouvido dele porque eu queria que desse em mim de verdade, nas cenas a gente dava de verdade mesmo, o negócio era para valer. Hoje ela é muito técnica, muito bonita, muito linda. Aí vai dizer: “Ah, ela tá despeitada porque ela não trabalha mais na televisão”. Pode até ser que seja, não sei [risos]. Mas eu gostava mais da televisão que nós fazíamos. Embora fosse até ignorância de minha parte dizer que a televisão de hoje não é uma grande televisão. As novelas de hoje são maravilhosas, muito bem feitas.

Eu assisto novela, eu continuo assistindo novela. Mas não é como a nossa, a nossa era muito melhor [risos]. Nós darmos a vida, tudo, era tudo natural,

espontâneo. Errou, emenda, ajeita, artista tem que ser artista de verdade, tem que ser ator, atriz e até artista, porque artista é o que cria. Ele tinha que ser tudo isso, porque, se ele errasse, ele tinha que dar um jeito de fazer a coisa muito bem feitinha para que a pessoa que estivesse em casa não percebesse o erro, e isso a gente fazia muito bem, modéstia à parte. Não era eu só, não, eu e todos os meus colegas fazíamos isso, éramos acostumados. Mas eu não posso dizer que hoje as novelas não são lindas e maravilhosas, vão filmar na Itália, vão filmar no Japão, vão filmar não sei onde, tem dinheiro para tudo. No nosso tempo, não tinha dinheiro para nada, até a nossa roupa era nós que comprávamos, a maioria das roupas, sapato e cabelo.

Maria Luiza viveu a TV Ceará com muita intensidade. Foi atriz, com versatilidade para fazer papéis românticos e personagens de novelas mais telúricas. Casada com Rinauro Moreira, acompanhava a montagem dos cenários. Saiu de cena, mas continua inteira, nos álbuns, nas lembranças e na importância do que fez na tevê (e na vida).

Maria Antonieta de Albuquerque Noronha

O trabalho na TV Ceará foi muito importante. Trabalhei com vários atores. Estava iniciando a minha carreira fazendo a Escola de Teatro. Eu tinha um programa certo, que era Os dois na berlinda, com Marcus Miranda, que não se encontra mais entre nós. Na época, tinha uma repercussão muito grande, porque não existia ainda a TV Globo, as outras estações de televisão. Então, a gente era o mito naquela época, igual aos que são hoje lá do Sul, certo? Trabalhei com Ary Sherlock. Foram pessoas muito importantes que passaram na minha vida. Trabalhei até quando [a TV Ceará] foi extinta.

Eu não estive lá desde o início. Eu vim depois, já com uns três ou quatro anos que a estação tinha sido inaugurada. Foi quando o Marcus Miranda fez o programa dele de humor, que indiscutivelmente se destacava mais do que o programa Vídeo alegre, do Renato Aragão. E tinha fofqueiras, tinha famílias, existiam religiões da cidadezinha, era uma cidadezinha. Tinha uma dimensão muito grande dentro da TV canal 2. Diante desses meus trabalhos, eu já fui chamada para fazer uma novela com o Ary. Embora pequenos papéis, se tornavam grandes porque eu fazia com amor, dava tudo de mim para representar bem.

Os bastidores eram aquela coisa: as estrelas, os coadjuvantes, os figurantes... Entre nós ali surgia uma piada, a gente ria da Elis Breno, Cleide Holanda, grandes atrizes. Surgiam muitos boatos: “Antonietta está namorando o fulano de tal”, “Antonietta é uma pessoa extrovertida, ela é uma pessoa muito carismática”. Não podia conversar com qualquer pessoa que fosse homem que já estava namorando, e não existia nem isso, né?

Na nossa época, a TV Ceará teve muita importância. Ao todo, eu tenho 45 [anos de profissão]; se eu estivesse ainda na ativa, seriam 47 anos, mas faz praticamente dois anos que eu deixei de fazer. Eu só tenho uma pena: santo de casa não obra milagres. Eu tive a felicidade de hoje ainda ser divulgada com os meus trabalhos, a minha pessoa, ter uma história. Na época, o nosso trabalho, o nosso talento foi muito bem divulgado. Mas tinha que crescer, não ia viver só de comédia cearense, TV Ceará, tinha que mudar. Em compensação, aqueles que fizeram realmente trabalhos dignos ficaram na história. A gente guarda grande recordação, porque uma cidade sem recursos, sem ajuda de ninguém, a não ser da própria estação, tínhamos atores maravilhosos, talentosíssimos... Quando eram as novelas, era uma coisa belíssima: os cenários, as histórias, os figurinos, era uma coisa deslumbrante! A gente guardou na memória e ficou na memória da gente, certo? E nos entristece, porque para você conseguir estar lá em cima tem que sair

de seu torrão natal. Eu tive convites para a Globo, tive convites para ir morar em Recife, mas não! O meu terreno é aqui, o meu torrão, eu tive que fazer arte aqui. Eu não estava preocupada se eu ia ou não ganhar dinheiro. O que eu fiz marcou muito, deixa saudade das pessoas – hoje, uns morreram, outros ainda estão vivos, mas estou eu aqui representando todos na história da televisão, do cinema e do teatro de Fortaleza.

A gente não podia sair na rua, porque o pessoal era pedindo autógrafo. Era propriamente uma estrela, né? Bem local, da cidade mesmo. Depois a gente ficou triste, quando a Globo entrou e a TV Ceará foi extinta...

É isso, foi muito bom e traz muitas lembranças, mas quando a gente chega um determinado tempo, a gente teve que dizer: “Chegou a hora de parar”. Para não cair: “Coitadinha... Tão dando papel a ela porque ela precisa trabalhar, para não ficar tristonha, para não adoecer, não morrer”. Eu não quis isso! Eu estou vivendo agora a minha vida: de ir para onde eu quero, sair para onde eu quero, sabe? Ficaram só na lembrança as coisas maravilhosas...

Antonieta Noronha desabrochou na televisão sua veia cômica. Inesquecíveis, para quem mais tempo de vida, seus instantes de comédia com Marcus Miranda. Fez teatro e deu nome a uma sala de espetáculos da Prefeitura de Fortaleza. É outra pessoa de bem com a vida, como todos os que acreditam e gostam daquilo que fazem.

Polion Lemos de Sousa

Eu vou completar este ano 50 anos de jornalismo e eu tive uma vida de duas fases mais ou menos: eu comecei em jornal e depois eu passei para a televisão. Eu não sou cearense, sou paraibano, mas eu me criei, a minha infância e os meus

estudos, tudo foi aqui no Ceará. Meu pai e minha mãe mudaram para Fortaleza, então aqui eu tive os meus estudos. E, dentro de toda essa vida, eu gostei muito da vida de fotógrafo, eu comecei com fotografia. A fotografia me dava uma curiosidade muito grande e eu passei uma temporada da minha vida em um estúdio fotográfico. Passei a conhecer muitos jornalistas, muitos repórteres. Eles eram correspondentes dos jornais de São Paulo, jornal Estado de S. Paulo, Rodolfo Espíndola, do Jornal do Brasil, Egídio Serpa, A Última Hora, Edmundo Maia.

Eu era um grande colaborador de dois jornais aqui em Fortaleza: Correio do Ceará e Unitário, que era do Diário dos Associados, com a televisão Tupi, canal 2, que era a televisão deles. No começo só tinha o jornal e a rádio, até era a Rádio Clube, e o Unitário e o Correio do Ceará. Em 1960 eu fui convidado por João Guilherme da Silva Neto, meu companheiro, diretor do Diário dos Associados de Televisão e Rádio, para pertencer justamente ao grupo da Rede Tupi. Por volta de 1961 – a televisão do Ceará nasceu em 1960, novembro de 1960 –, em mais ou menos 1961, eu já pertencendo mesmo ao Diário dos Associados, que os dois jornais eram do Diário dos Associados, Correio do Ceará e Unitário, aí me convidaram para fazer jornalismo, na época, esportivo, e fazer uma direção de cinema, reportagem. Naquela época era filme, não é essa tecnologia que temos hoje, que é muito avançada.

Eu aceitei, criei meu laboratório, aceitei e vim para a televisão, canal 2, e passei a conhecer esse grupo que, na história, foi uma escola muito forte, muito grande, porque dali foi que nasceu todo esse jornalismo no Ceará e criaram-se outros jornais. E um sai, vai trabalhar no outro [jornal], leva fulano, traz beltrano, e essa comunicação, esse entrelace de repórteres foi uma coisa que a escola deles, a maior escola deles mesmo foi o Diários Associados. Quem trabalhou nos Diários Associados e ainda hoje vive aí trabalhando com comunicação sabe que a maior

escola de jornalismo, rádio, jornal e televisão foi a dos Diários Associados. De lá partiu toda a história da comunicação no Estado.

Eu, quando passei para a televisão, passei a conhecer mais gente, pessoas, vivi de entrelaçar e unir esses conhecimentos. Isso foi uma formação muito grande para mim, uma diferença muito grande. Porque não é livros, ninguém tinha livros para ler sobre televisão, sobre rádio, coisa nenhuma, não. Nem a faculdade de jornalismo existia no Ceará! Depois foi até criado um incentivo de Dorian Sampaio, jornalistas famosos, Cid Carvalho, Adísia Sá, que foi uma das maiores fundadoras dessa comunicação no Ceará, Guilherme Neto, tantos outros amigos. Na época, um momento muito grande que a pessoa tinha na vida era trabalhar em televisão. Televisão era a roupa nova, todo mundo fazia conversa para vir para a televisão. E nós, então, éramos muito conhecidos, o pessoal via a gente como se a gente fosse os astros da televisão!

Naquele tempo – eu estou falando de 40 anos atrás –, nós éramos as estrelas da televisão. A gente vivia nas ruas fazendo matéria com repórteres, que era uma matéria feita com muito trabalho, diferente do de hoje. Hoje a tecnologia facilita tudo. Antigamente você tinha que saber, conhecer mais técnica, porque você tinha que aplicar aquilo tecnicamente, senão você não fazia nada. Matéria era filme, o filme tinha que ser revelado, como se fosse uma fotografia. Depois você tinha que montar aquele filme, você tinha que criar o texto do repórter e jogar em cima do celulóide dos filmes para poder você fazer uma história: 30 segundos, um minuto, dois minutos, era assim que eu fazia. Era filme, e a gente tinha pouco filme para ser usado na notícia durante o dia. O filme era importado, não tinha isso para vender aqui na capital, não. A gente tinha que aproveitar ao máximo.

Eu passei nove anos nos Diários Associados. Aí tinha os jornalistas da época: Cândido Colares era o apresentador do Jornal Cruzeiro, uma loja mais famosa que tinha aqui na cidade, Loja Cruzeiro. Tinha o noticiário relâmpago da Casa

das Máquinas, de Autran Nascimento, que na época era o sucesso na rua Barão do Rio Branco. Ali tinha um quarteirão que era justamente a Loja Cruzeiro, a Casa das Máquinas e a Cearense, outra loja muito famosa de moda. Era chamado “O quarteirão do sucesso” da cidade. Então, ali eram os patrocinadores dos programas da noite. Hoje você não vê mais isso, porque a tecnologia muda mesmo. Mas na época nós tínhamos um nome na frente: O Cruzeiro, Loja Cruzeiro, não sei o que lá. No Diário Relâmpago: Casa das Máquinas. Então tinha, à frente do apresentador, tinha estampado. E as coisas do passado são mais ou menos assim.

No teleteatro de uma estação de televisão tem muita coisa folclórica que acontecia, que inclusive você vê na própria Globo hoje. Tem as pegadinhas, tem as coisas que depois eles fazem, mostrando como é que o cara errou. Você vê muito programa disso. Às vezes tem programa que é só para mostrar o erro dos atores durante os ensaios. Isso também existia no nosso tempo. Eu trabalhei com Ary Sherlock, Emiliano Queiroz, Rinauro Moreira, Maria Luiza, Cleide Holanda, Laura Santos, Maria José Braz, Aderson Braz, que era o marido dela, Luciano Diógenes, do departamento de jornalismo. Aí tinha os repórteres também da época: Paulo Limaverde era apresentador do Diário Relâmpago, e Narcélio Limaverde também apresentou nosso jornal lá muitos anos.

Dentro do teleteatro tinha muita coisa interessante. O ponto do teleteatro é como o ponto do teatro normal: tem uma pessoa que dá o sopro, sopra o vacilo de um texto, a falta da decoração total do texto, a pessoa dá uma palavra, a pessoa pega o fio e vai. E outros improvisam, trocam os textos, mas a finalidade é a mesma, faz só a inversão do que o escritor, do que o produtor fez. Mas, para não cair, não perder, nós tínhamos o João Ramos, que foi um dos maiores do teleteatro e atores que nós tivemos. Karla Peixoto, impressionante o trabalho dela! Gonzaga Vasconcelos, excelente ator, trabalhei muitos anos com ele também lá, tinha uma

das peças que era policial. Eles faziam aquelas ruas dentro do estúdio, os estúdios eram enormes, não era estúdio pequeno como hoje, que tudo é aproveitado.

Na época um estúdio era 80, cem metros quadrados, 50 metros quadrados. E dentro era feito casa, levantava, fazia palco, fazia tudo dentro do estúdio. De acordo com a história da novela, o Rinauro Moreira, que era o nosso homem de estúdio, ele mandava para uma carpintaria preparar todo o ambiente: rua, casa... Então, ele fazia tudo isso. Eu me lembro do Gonzaga em uma peça que ele era perseguido pela polícia. E, dentro da rua, que foi feita dentro do próprio estúdio, tinha uma travessa que tinha um pequeno muro de tijolos, e ele tinha que saltar aquele muro. Do outro lado tinha que ter um colchão para ele cair em cima. E não sei por que cargas d'água, algum pessoal da cenografia não entendeu bem aquilo e pegou, fez a rua, tudo bem direitinho, quando chegou lá tirou os colchões que estavam do outro lado. Tirou os colchões e não disse nada, não perguntou a ninguém. Quando foi na hora da novela: “Tá tudo em forma? Tudo bem?” “Tudo bem!” Aí começou o capítulo e, quando foi na hora dessa cena, lá vem a polícia. A polícia corre atrás do Gonzaga, ele entra naquela vereda e dobra pra saltar. Quando ele salta, não tem colchão, não tem nada! [risos] Não tinha colchão esperando ele. Ele caiu, fraturou o braço, foi um negócio impressionante. Ele saltou certo de que ia cair em cima dos colchões, caiu no chão!

Outra pessoa também que tinha muita coisa de brincadeira assim era o Renato Aragão. Inclusive eu filmei muitas brincadeiras do Renato. Na época de filmagem, a gente estudava como a gente ia fazer os truques, que na época a gente tinha que estudar! Brusca diferença de hoje, que você tem toda a tecnologia, é fácil. Tem até a parte gráfica hoje, é tudo em computador: você imita, faz, vira, bota. Mas na época tinha que fazer mesmo de verdade para estar prontinho na hora. E eu me lembro que ele uma vez chegou para mim e disse assim; “Polion, tem um negócio muito bom para você fazer para mim hoje! Agora, vamos ver se dá certo!” Eu disse: “O

que é, Renato?” Aí ele: “É o seguinte...” Ele trabalhava à época com o Américo Picanço, fazia as cenas deles. Então, Américo Picanço combinava com ele e tudo. Eles tinham que saltar de um trampolim para dentro d’água numa residência de um milionário aqui. Ele queria saltar do trampolim, mas queria voltar de dentro d’água para o trampolim. Era um truque! Mergulhar e [faz um gesto ascendente] voltar pro trampolim. Aí ficava aquilo interessante e cômico até. “Como é que nós vamos fazer isso?”. Eu digo: “Vamos! Eu vou pensar aqui. Já que tem que fazer isso, eu vou fazer isso com vocês.”

Peguei e fiz uma experiência jogando um boneco de cima do trampolim para dentro d’água, aí filmei o boneco de novo ao contrário. Quer dizer, quando você pega a câmera, que você filma a câmera assim [faz um gesto de tela], se você inverter essa câmera assim [faz o mesmo gesto com a tela de cabeça para baixo], o boneco caindo, quando você for exibir, você exibe assim [gesto de tela normal]. Então, o boneco volta para cima do trampolim! Nós fizemos essa experiência. Eu digo: “Dá certo, Renato! Vamos fazer”. “Então vamos!”. Aí eu fiz: ele com roupas cômicas e tudo, em cima do trampolim, e eu filmei com a câmera invertida. E ele caiu dentro d’água. Quando a gente vai exibir, a gente exibe no normal, tem a cena dele caindo dentro d’água e a cena dele voltando. Você filma duas vezes: filma o normal e depois você filma invertido, aí faz a colagem. Isso foi uma brincadeira, foi uma cômica muito interessante.

Polion Lemos foi pioneiro no registro das imagens em movimento para a tevê, ainda em película, que precisava ser revelada e editada para ir ao ar no telejornal. Começou na TV Ceará, passou pela TV Verdes Mares, e hoje, aos 80 anos, exerce suas atividades, com competência e garra, na TV Diário.

Karla Peixoto

Eu acho a história da TV Ceará, canal 2, extremamente importante para a cultura do Ceará. Foi um momento novo, foi uma verdadeira revolução social, digamos assim. Porque pessoas que estiveram há anos no rádio e no teatro tiveram a chance de se mostrar de outra maneira. Além disso, os jovens de nossa época eram todos alucinados por cinema. A televisão de certa forma funciona como cinema, e nós éramos as estrelas.

Eu lembro que teve dois momentos interessantes. Em um Contador de histórias, eu estava em cena com Lourdinha Martins, irmã da Isis Martins. Num dado momento, deu um branco, eu não lembrava absolutamente nada do meu texto, uma raridade realmente na minha carreira. Eu fiquei na minha, com a maior cara de pau, mas Lourdinha ficou muito nervosa e deixou transparecer isso. No final do espetáculo, as pessoas pensavam que a coitada da Lourdinha era quem tinha errado e, no final de contas, eu que passei de danadona, que não tinha errado nada. O constrangimento foi grande para ela, mas eu só podia me desculpar. Eu não parei porque quisesse, foi realmente uma fatalidade que acontece com qualquer ator em cena.

No outro episódio, eu não lembro exatamente qual era o espetáculo, mas me parece que era o Show fim de semana, que era um espetáculo produzido pelo Ary Sherlock. Tinha uma cena numa praça, um casal de namorados, era eu e outro ator que no momento eu não recordo quem era. Tinha uma cena de beijo. E, naquela época, não tinha esse negócio de beijo na televisão, o beijo era de mentirinha. A gente era orientado a se colocar em cena de uma determinada maneira, numa angulação que a câmera pegava como se houvesse beijo, mas na realidade não havia beijo nenhum. E no dia seguinte um jornal católico, se eu não me engano era O Nordeste, fez uma severa crítica a esse beijo na televisão e me confundiu com a Glice Sales, a Glice é que pagou o pato.

Eu costumo dizer que eu não escolhi a minha profissão, a minha profissão me escolheu. Desde o início do rádio, tudo foi acontecendo muito naturalmente e eu fui surfando a onda. Então, houve o grande prazer de fazer uma coisa que me agradava, mas não foi aquela coisa que eu corresse desesperadamente atrás: “Eu quero ser radioatriz, eu quero ser atriz de televisão”. Tudo aconteceu naturalmente.

Eu comecei na televisão. Embora eu tenha começado antes um trabalho preparatório para a televisão, mas eu estreei na televisão no dia 27 de novembro de 1960, um dia depois da inauguração oficial, e continuo trabalhando em televisão até hoje. Claro que eu mudei. Teleteatro não existe mais, mas eu sempre trabalhei na área de produção, porque eu sempre me preparei para isso, com o Péricles Leal, linguagem de televisão, como formatar um roteiro, todas essas coisas nós aprendemos. Então, naquilo que eu aprendi, eu fui fazendo outras coisas na televisão, como chefia de comerciais ao vivo, redigia o comercial, ensaiava a anunciadora. Eu sucedi o Emiliano, o primeiro chefe foi o Emiliano Queiroz. E hoje em dia continuo fazendo produção na televisão, escrevendo roteiro do programa do Augusto Borges, convidando pessoas. Continuo também trabalhando no rádio, em que eu comecei aos 14 anos de idade, de modo que as coisas simplesmente foram acontecendo. Eu fui mudando de canto, mas sempre no mesmo tipo de veículo.

Karla Peixoto também veio do rádio (PRE-9). Chegou muito jovem à TV Ceará e viveu personagens memoráveis na telinha. Foi além e dirigiu garotos e garotas-propaganda. Passou pela Rede Manchete e chegou à Rede TV! Hoje, presta serviços à TVC. Essa lealdade ao meio diz muito do seu compromisso com o fazer televisivo.

Lustosa da Costa

Quando da inauguração da TV Ceará, dos Diários Associados, o pessoal preparado para nela trabalhar foi todo recrutado em sua irmã mais velha, a Ceará Rádio Clube. Veio do Rio de Janeiro para nos ensinar a linguagem a ser utilizada no novo veículo de comunicação. A Péricles Leal, da TV Tupi, coube ensinar e formar a turma de realizadores da tevê, como então se chamavam os que escreviam programas para a televisão. Eu e mais cinco colegas fomos aprovados no exame a que ele nos submeteu.

Como o tema sobre o qual trabalharíamos era de livre escolha dos candidatos, optei por capítulo de livro de minha preferência: “Contraponto”, de Aldous Huxley, que lera e pelo qual me apaixonara, ainda estudante em Sobral. Usei episódio da obra que relata, retratando o homicídio do líder fascista inglês por Sprandell, boêmio que odiava o padrasto, alto militar inglês. Minha jogada foi utilizar o ruído da marcação dos minutos no relógio da sala, nos instantes que antecederam ao cometimento do crime.

Confesso que não tinha muita confiança no êxito de meu trabalho. Não acreditava mesmo que fosse aprovado no curso. Por isso, ao final da prova, do trabalho de ficção para utilização do novo veículo de comunicação, escrevi: “Escurecimento sobre a carreira de realizador do Lustosa da Costa”. Escurecimento era como se chamava, então, o encerramento da cena ou do capítulo.

O certo é que o pessimismo não prevaleceu. Péricles Leal gostou de meu trabalho e, com ele, me considerou apto para ser realizador da TV Ceará. Aí me dei conta de que o salário de dez mil cruzeiros com que a função era remunerada não dava para aguentar meu padrão de vida e pagar o táxi de ida e volta até o então remoto bairro da Estância, onde se ergueu grande edifício da televisão. Deixei de ser produtor da emissora.

Não fiquei, porém, fora dela. Em pouco tempo, ela passou a transmitir para o telespectador cearense telejornal que, em determinada época, se chamou Telejornal Crassa, porque o patrocinar era a empresa do saudoso Clóvis Rolim. Era um telejornal de homens de imprensa que sabiam o que estavam dizendo ao público, porque eram os mesmos redatores da notícia que liam ou interpretavam. Logo Airton Rocha e Tarcísio Tavares, da McCann-Erickson, bolaram show semanal, envolvendo reportagens políticas, sociais, econômicas, caricaturas do grande Mino e um bocado de coisas mais. A mim coube fazer a primeira grande entrevista de televisão na TV Ceará e o entrevistado foi o padre Arquimedes Bruno, que me deixou derrubado ao responder a minha indagação sobre ele ser comunista. Derrubado porque não preparara a réplica.

Depois comandi programa de entrevistas de políticos Política, quase sempre, que era tão importante a ponto de inspirar o hoje nacionalmente famoso Renato Aragão a fazer um outro de gozação: Política, quase quase. A TV Ceará desempenhou papel importante na cidade.

Lustosa da Costa era um jovem jornalista quando se tornou um dos realizadores da TV Ceará. O tempo passou, ele foi para Brasília, mas continua atuante, com sua coluna diária no Diário do Nordeste. Publicou vários e bem-recebidos livros, tendo, muitos deles, a cidade de Sobral como palco. É figura destacada do jornalismo impresso cearense.

Laura Santos

A avaliação sobre a TV Ceará é a melhor possível. Foi uma época fantástica, o início do rádio, tudo que o rádio fez e continua fazendo. No início, nos primórdios da televisão e do rádio, era tudo fantástico, tudo dependia do rádio – ainda hoje

dependemos muito do rádio, no noticiário, mas naquela época era tudo através dele. A diversão, as transmissões, as festinhas da cidade... O rádio era a coisa mais importante que existia e continua existindo.

Os momentos mais alegres eram justamente os momentos em que nós passávamos juntos, quando eram os ensaios. Havia momentos de piadas, mas eles nunca diziam quando eu estava presente, eles sempre acharam que eu não devia ouvir. Era um ambiente muito alegre, muito agradável, sempre foi de muito bom humor. Os ensaios eram bem interessantes. Todos ensaiavam como se estivessem na hora e irradiando isso. Às vezes erravam, e isso era momento de gracejo e tudo. Mas voltava e corrigia.

Eu tive pouco contato com a TV. Eu fiz TV mais por curiosidade. Fiz umas duas novelas e dois Contadores de história. Eu não prossegui. Primeiro, eu não tinha muita conta de decorar e passava muitas dificuldades, por isso eu não prossegui. Mas esse início foi importante na minha vida. A pessoa trabalhar ao vivo em uma TV é muito importante, porque no rádio as pessoas não lhe conhecem, só a voz. Na televisão, não, é ao vivo, a pessoa está em contato com todo o público. Mas a minha vida na televisão foi muito curta, foi só no início.

O reconhecimento do povo foi fantástico. Eu sempre fui muito requisitada, porque, nos primórdios do rádio, não havia distração nenhuma, a distração era o rádio. Tinha aquelas tertúlias dançantes, todos dançavam e se divertiam, e depois as novelas, que era uma atração para o povo desta cidade, era um acontecimento. Foi muito importante na minha vida o rádio e as novelas. Vivi os melhores momentos da minha vida fazendo novelas.

Estreei muitas novelas, inclusive eu fiz um apanhado das novelas. A primeira novela da televisão foi Poeira vermelha, do Guilherme Neto. No rádio foi minha vida inteira fazendo novela. Tem a primeira novela, que foi Penumbra, foi uma novela que ainda hoje há pessoas que se lembram. Eu fazia uma personagem, a

Ângela, que todo início de novela ela lia uma carta deixada pela avó, uma carta de amor, era linda a novela. Foi uma novela passada pela Ceará Rádio Clube.

Laura Santos é uma legenda do rádio cearense. Foi das mais importantes e queridas radioatrizes de todos os tempos. Sua passagem pela TV Ceará foi meteórica, mas bom que ela tenha experimentado a nova mídia. Hoje, com mais de 90 anos, lúcida e em pleno vigor, essa mulher extraordinária é um testemunho de trabalho e uma lição de vida.

Glice Sales

Gilmar, imenso Gilmar de Carvalho. Pena que o seu olhar e o seu reconhecimento de talentoso escritor tenham se demorado tão pouco sobre mim no seu trabalho de pesquisa da TV Ceará. Não por culpa sua, mas por minha própria, pela minha natural timidez, pela minha disfarçada fraqueza, e, depois, pela minha grande resolução tomada: assumir minha edificante e enternecida ternura de minha história de amor.

Segundo Korolenko, o homem não nasce para ser livre, assim como os pássaros nascem para voar. Os caminhos não mudam; nós é que mudamos de caminho. Segui, pois, o meu caminho. Por isso, a minha “ausência” da liça, renúncia espontânea às luzes da TV Ceará, pelo menos por algum tempo.

Minha passagem por lá foi meteórica, mas o rastro que deixei naquele céu foi luminoso. Não tive do que lamentar, àquela época.

Quem brincou de “drama”, com lençóis fingindo cortinas, no quintal da casa; quem recitou Bilac, Castro Alves, Menotti Del Picchia, Jorge de Lima, Filgueiras Lima, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira e Drummond, nos grêmios literários

dos colégios, já desconfiava de sua vocação para as artes, para a poesia, para o teatro. Foi o que me aconteceu.

Ainda estudante, tive minhas manifestações artísticas através do rádio, da Ceará Rádio Clube, Rádio Verdes Mares, na gestão de Paulo Cabral de Araújo e Eduardo Campos.

Na PRE-9, recebi convite do nosso saudoso João Ramos, ora a integrar o elenco de seu “cast de ouro” nas radionovelas, nos idos de 1959. Ele sabia do meu desempenho no teatro, mais precisamente no Teatro Experimental de Arte (TEA), criação de Marcus Miranda, B. de Paiva, Haroldo Serra. Estreei com o texto “O Lampião”, de Rachel de Queiroz, onde vivi Maria Bonita e Miranda o Lampião. Protagonizei outras peças, num total de quase 20 obras. Autores como Rachel, Pedro Bloch, Abílio Pereira de Almeida, Pernambuco de Oliveira, R. Magalhães Júnior, Guilherme de Figueiredo, Marcus Miranda, B. de Paiva, Arthur Azevedo, Ibsen, Tchecov.

No rádio, apresentei e escrevi programas culturais: contos, crônicas, poemas de minha autoria, intercalando-os com música erudita e popular.

Com o advento da TV Ceará, artistas, atores, produtores da PRE-9 passaram-se para lá. Um grande número de técnicos e profissionais assumiu, automaticamente, papéis de relevo na emissora da Estância Castelo. Desnecessário relatar esses fatos constantes no seu livro *A televisão no Ceará* e no *A história viva da TV no Ceará*, do J. Ciro Saraiva. E, mais recentemente, no *TV Ceará: fábrica de sonhos*, de Eduardo Campos.

No espetáculo inaugural, em TV de romance, vivi a personagem Isabel, por quem Heatcliff trocara sua amada Cathy, em *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontée. Depois, vieram *Jane Eyre* e *Orgulho e preconceito*, onde fiz par romântico com Emiliano Queiroz.

E nas grandes montagens de O contador de histórias, fui personagem de beira de cais, na adaptação de A longa viagem de volta, de Eugene O’Neill.

Na página 48 do livro do Ciro, há importante referência ao programa Sete dias em destaque, com citações de nomes de agraciados com o troféu Jangada de Prata, distribuídos por João Ramos. Não consto da relação de premiados. E note-se que foi uma das mais belas realizações o texto de Joana d’Arc entre as chamas, oratório de Paul Claudel, onde interpretei o monólogo da fogueira, sob direção de Péricles Leal. No dia seguinte, os jornais estampavam, em bom tamanho, a cena de Joana e Frei Domingos (Ary Sherlock) compondo o quadro, comovendo os telespectadores. Minha “jangadinha” teve a pompa e o luxo de me ter sido entregue naquele ritual, mas continuei anônima nos livros de pesquisa...

No infantil, apresentei Brincando e aprendendo, com crianças convidadas. Contava histórias e recreava, através do teatro.

Depois do meu casamento, já com filhas gêmeas e um filho nascido, voltei às atividades artísticas, agora na TV Educativa, canal 5, como teleatriz, produtora, roteirista e locutora de cabine, em programas especiais. As telenovelas, de objetivos pedagógicos, penetravam nas cidades do interior (Sistema Educativo). Lagoa do Junco e Estrada foram avaliadas como as mais interessantes e criativas, escritas por mim.

Meu trabalho foi sempre voltado para a educação, atuando em diversos estabelecimentos de ensino como professora de teatro, ensinando as canções e as danças folclóricas regionais, desenvolvendo a arte circense, o teatro de fantoches e marionetes, com crianças e adolescentes.

Nunca abandonei as lides artísticas. Jamais voltei as costas para o teatro, a grandiloquente descoberta de minha vida.

Convivi de perto com todos esses valores: Waldemar Garcia, Marcus Miranda, B. de Paiva, Nadir Papi Sabóia, Haroldo Serra, Hiramisa Serra, Emiliano Queiroz,

Ary Sherlock, Helder Souza, de saudosa memória, Vicente Marques (ator de teatro e produtor, também cineasta), Tarcísio Tavares e os nomes do rádio que tanto me ensinaram: Myrian Silveira, Karla Peixoto, Laura Santos, Angla Maria, Iracilda Gondim, Maria José Braz, Isis e Lourdinha Martins.

“Fundei”, com Zé Domingos Alcântara, meu marido, o Grupo Sacy, de teatro infantil, estimulando os talentos que florescia sob nossos olhos encantados. Escrevemos, em parceria, O tesouro do arco-íris, A história de Nino Fantocchini, além das adaptações de contos infantis de Andersen, Grimm, Perrault e Collodi.

Sempre e sempre o teatro me envolvendo em seu glorioso chamado, em seu grande enigma de pureza. Tenho documentado grande parte desse trabalho encantador, dessa poesia de vida.

Tive sorte de fazer TV ao vivo, criando, crescendo. Tenho um livro de poemas, O porto dos olhos, a ser lançado, pronto há mais de dez anos, prefaciado de presente por Artur Eduardo Benevides, meu mestre de literatura portuguesa e brasileira, na UECE.

Tenho uma família de artistas: Isabela, Anabela, Domingos, os genros Wilson e Renato de Alencar Pinto, a nora Evelyn Branco Palmeira; os netos adoráveis, Leonardo, Eduardo, Pedro, Mariana e Miranda, entre cinco e 13 anos.

Gilmar de Carvalho, meu querido, nem sei por que essas revelações de mim para você.

Talvez porque o admire muito, pela sua sensibilidade inteligente, seu iluminado poder de comunicação, seu amor pela cultura. Veja se no seu novo livro não ficarei de fora de sua órbita. Um demorado abraço de admiração e carinho.

Glice Sales

28 de agosto de 2010

PS - Não tenho computador. Desculpe usar a pena com a qual me identifico com soltura e vontade, que nascem do coração.

Glice Sales é uma mulher, ao mesmo tempo, delicada e guerreira em tudo o que fez: rádio, televisão e literatura (tem um livro inédito de poemas). No rádio, fez muitas vozes de crianças. Levou para a TV Ceará a força de sua interpretação. Foi casada com o publicitário José Domingos Alcântara e, por isso, saiu um pouco de cena, mas deixou suas marcas.

[Nota do autor] Glice Sales se confundiu e fala de dois livros sobre a TV Ceará. Na verdade, trata-se do mesmo livro. Gilmar de Carvalho é o autor de A televisão no Ceará: 1959/ 1965. Ciro Saraiva, em 1985, encomendou o livro à Mark Propaganda e o publicou com o selo da Secretaria de Comunicação do Estado do Ceará, da qual era titular. O livro teve segunda edição pela OMNI, em 2004.

Maria Regina Picanço Passos

Eu fui para o Rio para aprender balé, voltar e abrir uma academia aqui. Quando voltei, abri a academia e fiquei todo ano indo para me aperfeiçoar cada vez mais. Foi a primeira academia de balé que teve em Fortaleza. Eu também dei aulas no Ideal Clube, para os sócios do Ideal. Você sabe que o Ideal é um clube de fama aqui em Fortaleza, e eu dei aula lá para as filhas dos sócios do Ideal. Todo ano eu ia novamente ao Rio e voltava, continuava aqui com a minha academia, com as minhas filhas, e passei tudo isso para elas. Hoje elas também são donas de outras academias, as filhas e as netas.

Nós fazíamos programa toda semana na TV Ceará. A gente vinha à tarde, ensaiava e à noite vinha para dançar. Toda semana, no canal 2, nós fazíamos programa. Toda terça-feira. O nome do programa era Na ponta dos pés. Eu não dançava. Eu dava aulas, era professora. Agora, se eu tivesse alguma apresentação que acontecesse alguma coisa com uma menina, eu entrava no lugar dela. Mas eu, sozinha, nunca dancei. Eu ensinava, eu era professora de balé. A gente fazia o programa toda terça-feira à noite e, quando suspenderam, o povo reclamava e ligava.

Eu mandava buscar grandes bailarinos fora para preparar o pessoal no fim do ano. O Renato Magalhães veio três anos para preparar o espetáculo no fim do ano, e vieram outros professores. Eu tinha que fazer alguns detalhes no Theatro José de Alencar. Teve um ano que o teatro teve que ficar fechado, e eu levei uma macapaense. Levei, senão o povo não deixava de reclamar.

Regina Passos é a grande dama do balé cearense. Levou a dança para a televisão, quando essa mídia ainda não tinha assumido um caráter mais popularesco. O programa Na ponta dos pés contribuiu para o fortalecimento das academias, nos primórdios da dança no Ceará. Curiosa essa mistura de balé ao vivo, didatismo e muita força de vontade...

Audifax Rios

O trabalho na TV Ceará foi o meu primeiro trabalho profissional. Eu era um meninão vindo do interior que tinha, vamos dizer, um dom de pintar ou desenhar, mas não tinha nenhuma iniciação técnica, disciplinar, e a TV me deu isso. Foi um teste muito jogado às feras mesmo. Eu comecei logo pintando painéis, porque tinha se ausentado um pintor de cenários. Tinha ido para a [TV] Tupi, no Rio de Janeiro,

e me chamaram para o lugar vago. Mas eu nunca tinha visto aquilo: coisa enorme, muito grande, e fiz um teste lá. Quando o Rinauro Moreira, que era o cenógrafo, chegou para ver, avaliou e eu já fiquei trabalhando. Então, foi importante nesse sentido da oportunidade, também da responsabilidade, do aprendizado técnico e da convivência com artistas. Inclusive, eram bem variados, como era a gama de variação que tinha numa rádio e numa TV, no estrelato da Hollywood [risos]. Foi muito bom. Também na cadeia Associados tinha jornais, e foi um passo: me tornei ilustrador de jornal, passei a escrever...

Eu acho que na TV Ceará tinha mais folclore do que história. E tem muito exagero, como você já deve ter notado. Cada um conta as mesmas histórias... Mas comigo mesmo, eu me lembro bem que, quando a peça do Eduardo Campos foi chamada para concorrer em um festival internacional em Barcelona, foi feito quase um primeiro videoteipe. O teleteatro tinha praticamente acabado aqui, faziam apenas umas repetições, cumprindo aquela obrigação que tinha que ser ao vivo, mas já vinham uns enlatados da Tupi. Tanto os filmes já vinham como passaram a vir os videoteipes. As novelas eram todas de lá. Então, em 1970 – eu sou ruim de data, viu? –, eles foram concorrer em Barcelona. [XIV Concurso Internacional de Espetáculos para Televisão] Esse festival é tipo o Oscar da TV na Europa, sabe?

Era uma aventura meio louca, preto e branco ainda, e eu pintei os cenários lá, aquela coisa toda, de seca e tudo, porque era uma peça que abordava toda a seca no interior. Eu lembro que eu fiz uns cactos, depois de eu ter feito um painel de três metros de comprimento, que era o painel maior, enchi de mandacaru lá – embora fosse cenário, ia ser só mesmo o fundo da coisa. Aí o diretor chegou, o diretor muito exigente, ele era bom justamente por isso, Hildeberto Torres: “Ah, não! Esse cacto aqui é do México! Esse aqui não existe aqui no Ceará!”. Eu disse: “Cara, eu sei que tem diversos tipos de coqueiro; agora, como é que eu vou escolher um? Escolhi o que eu vi na minha infância, lá na minha terra, que é o interior do Ceará,

onde roda também a peça, se desenrola toda a trama”. E disse: “Olha, tem umas filmagens externas, então vamos fazer o seguinte, vamos lá no Cocó”.

Naquele tempo o Cocó não tinha nada, só tinha o Farol do Mucuripe, a parte da estrutura, só tinha um calçamento que a gente chamava de “calçamento do Cordeiro Neto”, que o prefeito tinha feito por causa das salinas que tinha por ali. E me chamaram. Queriam umas cenas lá do enterro de um personagem. Eu fui lá com ele e o cinegrafista, com o fotógrafo para fazer umas fotos para me basear futuramente, desmanchar o cenário e fazer o outro de acordo com os cactos que tinha lá. Quando nós chegamos, por sorte minha, os cactos eram iguais aos que eu tinha pintado. Ele disse: “Esse fela da puta nasceu foi aqui, não foi em canto nenhum, não!” [risos]. Foi uma coisa boa e engraçada, mas eu fiquei tenso até lá, porque senão eu ia ter que fazer tudo e com tempo marcado.

Inclusive eu tive um trabalho danado, porque eu fui, quando terminaram as filmagens, eu fui pra Santana, minha terra, fui passar umas férias lá. Quando eu cheguei: “Ó, começar tudo de novo. A fita não deu certo”. Eles estavam meio inexperientes, que era uma coisa nova, videoteipe: “Vamos gravar tudo de novo!” E lá vai gravar tudo de novo! Esses painéis eram seccionados assim, painéis de quatro em quatro metros. E, quando a gente saiu com os painéis novos, quando a gente fazia as emendas, a gente emendava com a fita de bombina de máquina de calcular, e ficava sempre aquela mancha. Quando o Guilherme Neto, que era o diretor artístico, me chamou, disse: “Olha, vai ter que fazer aquele cenário todim. Vai ter que emendar e dar um jeito nas emendas.” Eu disse: “Não, as emendas embaixo assim, no terreno, no solo, tá tudo bem, o diabo tá é no céu!” [risos]. Mas deu para esconder e tal.

E a peça, apesar do engraçado que a gente está contando, ela foi da maior importância. Dez anos depois é que a Globo no Brasil ganhou o primeiro lugar com Morte e vida Severina, e essa peça da TV Ceará ganhou o terceiro lugar,

perdendo só pra Alemanha e Japão, ganhando dos Estados Unidos, Canadá e tudo, concorrendo com cento e tantas... É, valeu a temática, a produção rudimentar, sem aparatos tecnológicos, que fez do diretor um grande diretor. E o elenco, tudo, saiu tudo direitinho mesmo. Não sei nem se tem cópia disso... É uma pena, né?

Eu trabalhei na TV Ceará acho que de 1975, que a televisão aqui começou em 1960, eu entrei em 1975... Ainda peguei o teleteatro, peguei lá com a novela do Ary Sherlock, Um contador de histórias. E fiquei até o final: treze anos. Eu saí um ano aí, fui trabalhar em propaganda. Depois voltei, sem sair da propaganda, e passei um ano e meio fora. Fiquei até quase o encerramento, quando a Manchete concluiu – tanto que eu fiquei ainda fazendo freelancer com a Manchete, mas sem ter vínculo nenhum com nenhuma das duas. Saí embelezado pela propaganda, porque tomava muito tempo e eu não tava contando as duas, e lá tava se acabando realmente, não dava para fazer mais nada. Tinha só alguns voluntários.

A contribuição da TV Ceará, em primeiro lugar, foi o mercado. Abriu um mercado bom, porque o pessoal do teatro que ficava só naquela e todo o pessoal que veio para o teleteatro, principalmente, veio principalmente do teatro universitário. Tiveram um espaço aberto maior, com um público muito maior do que o público restrito do teatro. E, com isso, o mercado abriu, porque era uma emissora, uma cadeia grande, nacional, muita gente foi parceira, como o Emiliano Queiroz, o Renato Aragão, o Luiz Gonzaga Vasconcelos... E bom para a música também, para o pessoal que era a perfeitinha da TV Ceará, do programa do Luiz Gonzaga [Vasconcelos] de que eu falei, Porque hoje é sábado. Dali saía Fagner, Roger, Ednardo, Cirino, Jorge Melo e muitos outros. Até tinha a Amelinha. Foi um passo em que vão também expor o que teve de cultura.

Quando chegou o videoteipe, ficou de novo restrito só a Fortaleza, como se a televisão fosse local... Mas de qualquer maneira foi, se criou uma coisa do orgulho de se ter um espaço que a gente não tinha. O cara cantava em um show e acabou!

Já se via dele também esse intercâmbio de se ver mais de perto o que é que tem lá. De o cara criar coragem e dizer: “Ó, isso aí também eu sei fazer!” Como o cearense era mais tímido do que o baiano, o baiano num instante chegava lá [risos]. Mas, para essa leva do Ceará, foi fundamental que existisse um espaço como a TV Ceará, porque tinha festivais dentro da própria cadeia Associados, o Roger Lima ganhou até um prêmio em Recife. E abria espaço, de qualquer maneira. Já havia, por exemplo, o programa Flávio Cavalcante, que mostrava quadros daqui, com noticiário, com tudo, tudo cresceu. Havia o glamour da televisão, queria aparecer. Quer dizer, havia o estouro, o estrelismo, essa coisa – tranquilo, quem é que não vai ter? Mas o que é bom fica. Disso, um dos fatores foi se não ia ficar só no rádio, que na verdade a televisão começou como se fosse um rádio com imagem. Mas a importância foi enorme nesse ponto.

Eu queria falar de uma figura de extrema importância no começo da TV Ceará, que fez escola: o cenógrafo, que é uma pessoa esquecida, que fica nos bastidores. O Rinaudo Moreira, que foi o primeiro cenógrafo, que depois foi pra Tupi, ele era dono de um circo na Amazônia e, além de palhaço, ator, fazia de tudo um pouco, fazia os cenários e montava a própria estrutura do circo. Ele era um cara que, além de cenógrafo e pintor de cenários, era cenotécnico, tinha uma noção incrível de espaço, de arquitetura, dessas coisas todas, e era também muito acionado. Quando pegava uma novela de época, ele ia ter que pesquisar e fazer cenário como eram os palácios de antigamente e ainda se metia no figurino. E, fora tudo isso, ele era excelente ator e tinha um programa de humor, a mulher dele também era atriz, a Maria Luíza, os filhos também enveredaram por esse caminho, estão tudo aí na TVC. Ele foi convidado pra Tupi e ficou por lá, logo depois do tempo da decadência. Foi uma figura de extrema importância. Fez escola.

Na época dele, trabalharam com ele diversos pintores de nome, como José Fernandes e João de Deus, um maranhense que fez Belas-Artes no Rio de Janeiro.

E eu já entrei quando ele foi embora, eu já fiquei substituindo e foi um mérito. Quem me aprovou, não sei porque me aprovou, que eu fiz uma droga, mas... [risos] Ele viu que eu tinha a possibilidade de ter esse aprendizado. Tanto que, quando eu fiz o teste, eu demorei a fazer uma coisa para sair uma arte, né? Eu fui fazendo devagar, pequenas coisas e tal, até estar pronto. Ele tinha também esse tempo de mestre. De passar, de saber avaliar. E muito competente, um profissional excelente, muito durão, o pessoal tinha até medo dele, principalmente quando o Ceará perdia, mas muito correto, muito exigente com ele mesmo. Um excelente profissional, mas um pouco esquecido...

A grande coisa que a TV Ceará fez foi o teleteatro. Aliás, o Assis Chateaubriand considerava a TV Ceará o modelo do Brasil, porque o teleteatro era dos melhores. Não havia gravação, era tudo feito ao vivo, não podia errar, não. Quando aparecia [faz um gesto em forma de tela de TV]: “Estivemos fora do ar por falta de energia elétrica”, era mentira. Era algum erro que se cortava pra refazer, porque não tinha como. Esses erros aconteciam acidentais, e alguns eram remendados na hora, outros não. Como tem uma história folclórica já, que o João Ramos, era no Contador de histórias, eu acho que era O Cabeleira, que tinha que assassinar com tiros, aquela história toda. O cara deu o tiro e bateu catolé, deu outro tiro e nada. Aí disse: “Você vai morrer é de faca mesmo!” [risos] O João Ramos era um excelente ator, decorava o papel de todo mundo e auxiliava quando o cara esquecia, errava ou tinha um acidente. Ele lembrava, fazia um cara qualquer, inventava um texto para deixar a deixa pro outro ator, aí tudo funcionava legal. E fazia isso no rádio ou na TV.

E mais, o João Ramos fazia tudo! O João Ramos foi a grande figura da TV Ceará. Era o homem dos sete instrumentos, de eletricista a tipólogo do jornal lá, fazia tudo! Ator, diretor, fazia tudo. Tudo ele era, fazia tudo com competência, era galã de novela, excelente locutor de rádio, um cara que decorava a crônica que

lia. Amassava o papel, jogava fora e lia no improviso mesmo, na primeira. Ele decorava o papel, o texto de todos os atores. Nessa novela, O pobrezinho de Assis [de Ary Sherlock], tinha um ensaio lá em que tinha um jumento em cena. O jumento se comportou bem no horário do ensaio geral, mas, na noite que se acenderam os painéis, não sei quantas velas, aquela coisa toda, o jumento saiu em debandada, saiu arrastando cenário, aquela coisa toda... Aí é quando essas histórias aparecem lá, já caiu cenário, já escorregou... O próprio Rinaudo Moreira, que eu falei, tinha uma cena dele montado num cavalo e o cavalo começou a escorregar, porque a areia lá era feita assim, era raspa de madeira em cima da pastilha. Os cascos começaram a escorregar e ele saindo de quadro, o cavalo parado e ele saindo de quadro. Ninguém entendeu!

Audifax RIOS era o menino de Santana do Acaraú, aprendiz de cenógrafo na TV Ceará, a receber lições do mestre Rinauro. Teve passagem memorável pela publicidade cearense, como diretor de arte. Hoje, artista plástico destacado, tem uma obra muito pessoal que tira partido da luz, das cores e faz uma leitura do mundo a partir da sua “aldeia”.

Narcélio Limaverde

Eu me lembro de uma experiência de televisão em circuito fechado. Colocaram aparelhos nas marquises do Edifício Pajeú, onde funcionava a Ceará Rádio Clube, e no prédio do Gabinete do Prefeito, onde hoje está a Sefin [*Secretaria de Finanças do Município*]. Exibiram um show e até o programa do meu pai, *Coisas que o tempo levou*. Teve banda de música da Polícia Militar e tudo o mais. Depois, começou a venda das ações. Foi um sucesso entre os comerciantes. Muitos aderiram e alguns acharam que iriam mandar na emissora, o que não foi o caso. O clima era de

esperança em um novo sistema, mais moderno. Vendeu-se a ideia de que todos nós do rádio seríamos aproveitados. Nem todos foram. Muitos não passaram nos testes. Num primeiro momento, o salário da tevê era um complemento.

Péricles Leal chegou precedido de muita fama. Veio implantar a tevê e escolher o pessoal. Ainda hoje lembro com orgulho o que ele disse: que eu dava ideia de credibilidade, pela maneira como me portei diante das câmeras. Também fui funcionário do departamento comercial, dirigido pelo Rômulo Siqueira.

Viajei para Recife, que vivia a tevê a pleno vapor. Fui aprender como se escreve para a tevê. Aprendi a técnica. Quando da inauguração, usava-se slide, existia filme, mas era difícil e caro. Havia uma preocupação nossa em não ler o noticiário, e para isso eu decorava muito o texto redigido. Sebastião Belmino, que era o “suíte” [*hoje diretor de tevê*], aproximava muito o equipamento dos apresentadores, e isso me permitia pregar o script na própria câmera. Dava ideia de improviso. O teleprompter só chegaria muito depois.

O primeiro diretor de jornalismo foi o Luciano Diógenes, depois veio o J. Ciro Saraiva. Não era fácil fazer telejornal. Colávamos fotos dentro do estúdio. Polion Lemos inventou uma geringonça, com uns ventiladores, para secar os filmes e permitir que fossem levados ao ar no mesmo dia. O telejornal chegava a mostrar casamentos, aniversários, mas não dava destaque para crimes. Um dia, chegou à redação do *Repórter Cruzeiro* um pão que tinha um cigarro dentro. Eu mostrei no ar e disse: “Olha o que tinha dentro deste pão”. Péricles Leal não gostou e repreendeu: “Narcélio, não se afrescalhe muito, não!”. Compreendi que não podia exagerar na naturalidade.

Lembro do episódio que aconteceu no dia da inauguração: o Alencar Monteiro, que escrevia para a revista *O Cruzeiro*, estourou em flash em direção à câmera, o que não era permitido porque queimava o “orticom”. O bate-boca com Péricles Leal foi na frente dos convidados. Lembro do que aprendi nos primórdios: “A

televisão não era para ferir os ouvidos de ninguém”. Penso nisso quando vejo comerciais que apelam para o grito como estratégia de vendas.

Eu morava na rua Padre Anchieta, perto do Instituto dos Cegos, e minha esposa era televisinha, ia assistir aos programas do marido “artista” na casa de um médico que vivia por perto da avenida Bezerra de Menezes. Eu ia para a tevê de ônibus. Pegava o Monte Castelo, atravessava o Centro e tomava o Estância na Praça dos Leões. Consegui comprar um televisor por causa do Gontran Nascimento [*empresário da “Casa das Máquinas”*], que me vendeu um para que eu pagasse em 36 meses.

Saí da TV Ceará em 1962. Fui para a Rádio Dragão do Mar, tempo de Moisés Pimentel, Aécio de Borba e Blanchard Girão. Passei uma temporada em Recife, trabalhando na Norton e na TV Jornal do Comércio. Passei pela Rádio Assunção [*da Arquidiocese*] e voltei a trabalhar na TV Ceará depois que o Manoelito Eduardo [*Eduardo Campos*] me deu um atestado, que ainda hoje tenho plastificado, dizendo que eu não era comunista nem professava ideologias exóticas. A acusação de comunista atuante foi porque eu lia na Rádio Dragão do Mar a crônica “A nossa palavra”, escrito pelo Blanchard Girão, quando o Valdir Xavier, então responsável por essa crônica, foi nomeado presidente da Cenorte [*Companhia Centro-Norte de Eletrificação do Ceará*]. Em 1970, convidado por Edson Queiroz e Astrolábio Queiroz, fui trabalhar na TV Verdes Mares. Aí começa outro capítulo dessa história.

Narcélio Limaverde é filho de uma das legendas do rádio, o locutor José Limaverde. Começou na Ceará Rádio Clube e passou para a TV Ceará, nos primórdios da emissora da Estância. Apresentou o Repórter Cruzeiro e se tornou referência pela sobriedade e pela confiabilidade que transmitia. Foi dos quadros da Norton Publicidade, trabalhou na TV Jornal do Comércio, do Recife, passou

pela lendária Rádio Dragão do Mar (lacrada pelo golpe de 1964) e foi chamado quando da inauguração da TV Verdes Mares. Foi deputado estadual. Continua no batente na FM Assembleia. É um grande homem de bem.

Guto Benevides

Era um tempo em que todos queriam consumir o que vinha do Rio: o programa Jovem Guarda, do Roberto Carlos, que no embalo da audiência lançava botinhas Roberto Carlos, calça calhambeque, cabelo grande, gírias, e todo mundo queria ser uma brasa, mora!

Aqui tinha a versão cearense do programa Jovem Guarda, que era o TV juventude, onde Tarcísio Tavares pintava e bordava. Paulo Limaverde era o apresentador e Mário Monteiro, sobrinho do Dudu Brígido que veio da Bahia, era o grande ídolo. Detalhe: Mário era baixinho, tinha a voz muito rouca, mas tinha bonita cabeleira e foi transformado em ídolo. Exemplo: inauguração da loja tal, com a presença de Mariozinho Monteiro. Isso era anunciado nos jornais, nas rádios e na TV Ceará. De tanto insistirem, Mariozinho tornou-se ídolo e era chamado até como atração em festa de 15 anos. As festas de rua, nas lojas Couto, uma delas, ele foi rasgado, arrancaram a camisa, beijaram, morderam etc. Ficou sendo chamado de “Mariozinho das moças”.

O TV juventude era um programa onde cabia tudo como atração. Tinha o Moreira Filho com seu regional, acompanhando as atrações que, entre outras, eram: Marco Aurélio, o rei da dublagem, tinha o conjunto “Os Simples”, onde o destaque era o cabeludo David Sanford, o Ronnie Von local; tinha Eduarnilson de Paula Almeida, conhecido como “novinho” ou “coisa rara”, pelas roupas (raridades) que ele próprio criava. Novinho imitava com perfeição o Cauby Peixoto e ganhou fama. O próprio Cauby veio aqui para um show e quis conhecê-lo, o que

de fato ocorreu na casa de Eduardo Brígido Monteiro, numa noite de seresta. Tinha também a versão feminina do conjunto de iê-iê-iê “Os Simples.” Era “As Simples”, formado por moças da sociedade e onde pontificava Ana Lúcia, filha do poeta Artur Eduardo Benevides, tocando bateria.

Uma tarde resolvi usar as minhas calças “calhambeque”, que tinha um detalhe: preta na frente e branca atrás, como as calças do Roberto Carlos. Quando disse que ia entrar, o Tarcísio chamou o Elias Forte para conversar e convenceu o Elias a entrar, quando eu estivesse cantando “Quero que vá tudo pro inferno”, vestido de cão (uma roupa vermelha, com chifre e garfo na mão). Eu não sabia, mas no meio da música empurraram o Elias Forte e eu me vi cantando e ameaçado por aquele cão, que me cutucava com o garfo. Entre um verso e outro da música, eu dizia: “Vai pra lá, cão! Xô, completamente xô!”

De onde eu tirei esse “completamente xô”, eu não sei. Mas até hoje muita gente lembra, porque a audiência era grande e a minha peraltice, saudável molecagem, gerou uma onda de patrulhamento entre os Benevides. Pior é que no final, pegando corda do Paulo Limaverde, fiz um apelo ao governador César Cals para que doasse um terreno para a construção da primeira colônia hippie do Ceará. Coisa que para aqueles dias era um avanço total. Só existem duas no mundo: em Copenhague e em San Francisco, e eu querendo no ano de 1963 instalar uma aqui com Cláudio Pereira, Sérgio Pinheiro, Augusto Pontes, Fausto Nilo e outros mais, que por sinal, estavam no auditório assistindo a tudo.

Naqueles tempos, as tertúlias dos clubes traziam sempre atrações como: Wanderléa, Roberto Carlos, Jerry Adriani, Wandereli Cardoso, Cauby, Simonal, e todos eram hóspedes do apresentador de TV e empresário de artistas, Irapuan Lima. Roberto Carlos vinha tanto aqui que só chamava o Irapuan de “Papai Puan”. Wanderléa, em uma das vezes que esteve lá, foi apresentada ao cirurgião plástico Francisco Pinheiro. Dizem que houve um romance entre os dois e ele fez uma

plástica no nariz de Wandeca. Sabendo disso, formamos um grupo: Gustavinho Silva ao violão, Elias Couto no piston, Toinho ao violino e o Guto era o cantor. Fomos à Policlínica e na janela do apartamento, em cima de uma Rural, fizemos serenata para Wandeca, que abriu a janela e agradeceu, mesmo com o nariz tomado por esparadrapos. Foi uma festa.

O que se queria mesmo era agitar, viver, cantar, namorar e dançar colado nas tertúlias de clubes e casas de família, ao som das radiolas, nas casas, com Waldir Calmon, Ray Conniff na vitrola ou nos clubes com Ivanildo, Alberto Mota ou mesmo Ribamar e seu conjunto, onde Edson Távora era destaque.

Guto Benevides enxotou o cão no TV juventude, ao som do “hit” da Jovem Guarda, nos tempos da TV Ceará. Era a interferência de Tarcísio Tavares, referência na publicidade e no entretenimento cearenses. Guto se tornou publicitário, passou pela TV Manchete, TV Cidade e, hoje, preside a TVC, a primeira emissora pública do Brasil a contar com sinal digital. Grande Guto!

BIBLIOGRAFIA

ÁVILA, Carlos Rodolfo Améndola. *A teleinvasão*. São Paulo: Cortez Editora e Editora Unimep, 1982.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1980.

CAMPOS, Eduardo. *50 anos de Ceará Rádio Clube: 1934/ 1984*. Fortaleza: 1984.

CAPARELLI, Sérgio. *Televisão e capitalismo no Brasil*. Porto Alegre, L&PM, 1982.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. *História da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1982.

GAIARSA, José Ângelo. *Tratado geral sobre a fofoca*. São Paulo: Summus, 1978.

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

LEAL, Péricles. *Iniciação à televisão*. Belém: Gráfica Falangola Editora, 1964.

MEDEIROS, Paulo de Tarso C. *A aventura da Jovem Guarda*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MESQUITA, João Vianney Campos de. *Estudos de comunicação no Ceará*. Fortaleza: Edições Agora, 1985.

MOTTA, Roberto (Coord.). *Os afrobrasileiros: anais do III Congresso Afrobrasileiro*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Mssangana, 1985.

NOBRE, Geraldo. *Introdução à história do jornalismo cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1975.

SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. Petrópolis: Vozes, 1983.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. *Síntese da história da cultura brasileira*. São Paulo: Difel, 1983.

Consultadas as coleções de *Unitário*, *Correio do Ceará*, *Tribuna do Ceará*, *O Estado*, *Gazeta de notícias* e *O Nordeste*, na Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

Trabalho complementado na Hemeroteca da Associação Cearense de Imprensa (ACI), no departamento de pesquisa de *O Povo* e no Museu Cearense da Comunicação, de Nirez.

“A TELEVISÃO NO CEARÁ” – Legendas

página 02: Técnico inspeciona cenário de O lobo do mar
página 08: Tomada evidencia as dimensões do estúdio
página 10: Refletores/ Estúdio a ferver
página 13: Manchetes dos jornais do dia da inauguração da tevê
página 17: “Panelões” da iluminação
página 20: Três ângulos de três câmeras
página 21: Mais “panelões”
página 24: Técnico olha pelo visor da câmera
página 25: Equipamento pesado
página 28: “Prenove’s Clube”
página 32: Letreiro da fachada da tevê
página 35: Paulo Limaverde
página 39: Tomada do estúdio
página 44: Mosaico: fachada, teleteatro, Stelinha e Antonio Mendes
página 46: Narcélio Limaverde apresentando o Repórter Cruzeiro
página 49: A mão evidencia o tamanho da câmera
página 51: Jornalistas Luciano Diógenes e J. Ciro Saraiva
página 54: Jorio Nerthal
página 55: A Dama das Camélias
página 60: Stelinha, Shirley, painel Varig
página 64: Adalgisa, Shirley, Vênus, Stelinha e Rita Angélica
página 68: Aderson Braz apresentando Correio do Ceará na TV
página 69: Aderson Braz apresentando Correio do Ceará na TV
página 78: Programa Punhos de Campeão
página 79: Programa Punhos de Campeão
página 81: Neide Maia e João Ramos, Emiliano Queiroz e a entrega da jangadinha
página 83: Ivanildo e seu Conjunto (“O Sax de Ouro”) e Ângela Maria
página 88: Vídeo alegre: Renato Aragão e Américo Picanço
página 96: Momentos de O contador de histórias
página 97: João Ramos
página 109: Mosaico: O balé na tevê pelas mãos de Regina Passos

página 111: Karla Peixoto e Maria Luiza (“A Dama das Camélias”) e Íris Breno
 (“A Toutinegra do Moinho”)
página 119: Emiliano Queiroz, João Ramos, Marcus Miranda
página 123: Musical
página 127: Ednardo, tempos depois
página 130: Concurso de Misses
página 136: Inauguração do videoteipe: o começo do fim
página 138: Paulo Limaverde como garoto propaganda
página 185: Tomada de O Lobo do Mar